

diário
de bordo

à flor das águas

*diário
de bordo*

Coordenação e investigação

Patrícia Pereira Paixão

Vanessa Iglésias Amorim

Transcrição das conversas

Carolina Fernandes

Clara Passarinho

Patrícia Pereira Paixão

Rosa Dias

Dramaturgia

Patrícia Pereira Paixão

e Vanessa Iglésias Amorim,

a partir de textos de Clara

Passarinho, João Mota, Patrícia

Pereira Paixão, Rafaela

Bidarra, Sara Túbio Costa,

Vanessa Iglésias Amorim

e contribuições de quem

participou nas conversas.

Edição e resumo das conversas

Vanessa Iglésias Amorim

Revisão, design gráfico e paginação

Tomás Anjos Barão

Fotografias

Carolina Fernandes

Helena de Sousa Freitas

Inês Monteiro Pires

Vanessa Iglésias Amorim

Coleção Américo Ribeiro | Arquivo

Fotográfico Américo Ribeiro

DICUL | DCDJ | Câmara

Municipal de Setúbal

Tipografias

Vollkorn por Friedrich Althausen

Bebas Neue Pro por

Ryoichi Tsunekawa

Dados cartográficos

© contribuidoras do OpenStreetMap

www.openstreetmap.org

Edição

Teatro Estúdio Fontenova

Impressão

Tipografia Rápida (Setúbal)

1ª edição: 50 exemplares

2ª edição: 50 exemplares

Maio 2022



Com exceção das fotografias do Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro, este livro é publicado sob uma Licença Creative Commons – Atribuição-Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC-BY-SA 4.0). Pode copiar, distribuir e adaptar o material desde que atribua o devido crédito e compartilhe sob a mesma licença.

Este livro segue a norma ortográfica de 1945 e alguns princípios do Acordo Queerográfico (o feminino plural é usado para englobar pessoas de diferentes géneros).

o direito
à cidade
é o direito
de mudar,
reivindicar,
mudar,
reinventar
a cidade,
as cartografias,
os espaços
os comuns,
o entorno.

Índice

14 **Conversa #1**
Praias do Sado

23 **Praias do Sado**
— A comunidade, o espaço
e as reminiscências
de uma vida
Vasco Raminhas da Silva

6 **Prefácio**
— Breves notas
de uma navegação
Patrícia Pereira Paixão e
Vanessa Iglésias Amorim

62 **Conversa #5**
Bela Vista

73 **Vai andando, mane!**
Luís Humberto Teixeira

76 **Conversa #6**
Miradouro de S. Sebastião

86 **Miradouro**
Isma Xg

88 **As paredes**
falantes da minha terra
Helena de Sousa Freitas

500

1 000 m

90 Fotografias

102 Texto dramático
"à flor das águas"

122 Equipa

134 Sinopse
e ficha artística

50 Conversa #4
Parque Urbano
de Albarquel

60 "Quando a gente ama,
é claro que a gente cuida"
Rute Vieira

26 Conversa #2
Casal das Figueiras

36 Casarão:
associativismo e
identidade social
João Santana da Silva
e Eupremio Scarpa

38 Conversa #3
Baixa de Setúbal

48 A cidade que
são várias
Afonso Anjos



Prefácio

— Breves notas de uma navegação

Patrícia Pereira Paixão
e Vanessa Iglésias Amorim

“A questão do tipo de cidade que desejamos
é inseparável da questão do tipo de pessoa
que desejamos nos tornar.”

David Harvey, *A Liberdade da Cidade*

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.

Paulo Leminski, *Toda Poesia*, 2013
[*Quarenta clics em Curitiba*, 1976]

As cidades
são organismos vivos
e nós somos
corpo-terra
à flor das águas

Zarpar

Setembro de 2020. Férias pós-pandémicas em Portugal... decido pela segunda vez nesse ano conhecer território nacional que desconheço, e assim, conhecer-me melhor. Perto de Pombal, a aldeia de Vale Florido... um restaurante e um alojamento local. No restaurante, ironicamente, a televisão exibe a reportagem sobre a Herdade da Comenda. Caminho para onde vou dormir e enquanto passeio o meu cão olho para cima, toda uma infinidade de céu e estrelas. Sinto-me pequena, mas acompanhada também, numa imensidão de céu e natureza. Desde há uns dias a música do Zeca viaja comigo, “muito à flor das águas / noite marinheira / vem devagarinho / para a minha beira.”

E não sei o que nasceu aqui, que conjunto de vontades, que mapa se criou... mas sim, houve uma força a nascer no peito. Pensava no amor que sentia aos espaços que me acolhiam, na perda desses espaços, na integração no meu corpo. E pensava nas pessoas, nas pessoas nos espaços e nas pessoas que fazem os espaços.

Zarpámos desde Setúbal, mas sem uma direcção definida. Vivemos num mundo cada vez mais urbanizado e Setúbal é disso exemplo. Atravessa processos de transformação no âmbito daquilo que se tem denominado as novas geografias metropolitanas, que afectam dos núcleos urbanos mais pequenos às grandes metrópoles e tornam as cidades em lugares de disputa.

Ainda que as cidades sejam heterogéneas há um modelo urbano que se tem imposto ao redor da geografia terrestre. Através de um pensamento crítico e de uma experimentação reflexiva quisemos explorar os efeitos, limitações e potenciais desse modelo. Mas, mais do que isso, quisemos observar e experienciar os espaços que nos envolvem, a sua história, memórias e os seus diferentes usos.

Partimos de questões sobre a(s) cidade(s) e os lugares. Lançamos ao vento as nossas inquietações e reflexões sobre espaços públicos e bens comuns para imaginarmos e reivindicarmos alternativas.

Primeiro espaço-mãe, o Teatro Estúdio Fontenova, cuja equipa acompanhou já tantos espaços e lugares. Desde o nosso, na Rua Dr. Sousa Gomes II, à vivência de cada um.

A Vanessa, âncora de um diário, âncora de um processo, às vezes vela que marca a direcção. Conversas primeiras, online ou no bar La Bohème. Reflexões e questões que se espalham por meses sobre temas tão vastos como: espaços esquecidos da cidade; a reivindicação dos espaços e da memória; espaço público, espaço privado, espaço comum; habitação ou transporte; representações de dentro ou de fora sobre uma cidade; a divisão mente/corpo, ou ambiente/pessoas... E, através desta âncora e vela, liquei-me ainda mais à cidade. Despertei para uma zona da cidade que praticamente desconhecia (Bairro dos Pescadores/Casal das Figueiras/Viso), e com ela tantas outras se abriram, contendo dores ou alegrias semelhantes.

Navegar Navegar requer conhecimento e, como tal, este projecto teve na base uma pesquisa que permitiu relacionar reflexões teóricas com recolha empírica, partindo dos lugares que nos são próximos e das nossas próprias biografias na relação com o entorno.

Procurámos ficar atentas a registos produzidos sobre Setúbal, processos urbanos, espaços públicos, comuns, cartografias... do vídeo à fotografia, passando pelos meios de comunicação e/ou pela publicidade. Vogámos através de vários textos de diferentes campos disciplinares, dos estudos urbanos aos feministas. Não tivemos como ambição revisitar ou analisar a fundo o conceito ou teorias mas antes partir deles para questionar e discutir alguns princípios do direito à cidade na contemporaneidade⁽¹⁾: “direito a reivindicar algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como nossas cidades são feitas e refeitas. [...] Além disso, é um direito mais colectivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder colectivo sobre o processo de urbanização”⁽²⁾.

(1) Direito à cidade é um termo formulado originalmente pelo filósofo e sociólogo marxista francês Henri Lefebvre em 1968, e revisitado pelo geógrafo David Harvey. Hoje é uma ideia apropriada e difundida por vários movimentos sociais que actuam em espaço urbano.

(2) Harvey, David. (2012). *Rebel Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution*. Londres: Verso.

(3) Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo. (2017). *Mapeando el cuerpo-territorio. Guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios*. Quito: Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo.

(4) Hardt, Michael e Negri, Antonio. (2009). *Commonwealth*. Cambridge: Harvard University Press.

(5) Plataforma Internacional pelo Direito à Cidade

Reivindicar este direito passa por pensar também de modo contra-cartográfico, tendo como premissa o corpo-território. Ou seja, partimos da ideia de que o corpo é o nosso primeiro território e que o território em que habitamos está presente nos nossos corpos. Assim, as alterações que ocorrem nos lugares acontecem também nos corpos⁽⁵⁾ e não podem ser dissociadas.

À bolina de Hardt e Negri vemos as cidades como “uma fábrica para a produção do comum”⁽⁴⁾ e a rua como palco principal do direito à cidade. Por comum entendemos as relações sociais e de comunualidade entre colectivos e o meio social ou físico e que transformam os espaços em lugares. Assim: pensamos as cidades como bens comuns⁽⁵⁾, com inclusão e distribuição espacialmente justa dos recursos, sendo um direito colectivo mas respeitando pluralidades e subjectividades. O comum urbano além da materialidade dos espaços tem uma dimensão mais ampla da vida urbana quotidiana, composta por práticas e experiências que não são estáticas e se transformam ao longo do tempo. Defender esse comum passa por definir que tipo de estilos de vida e relações sociais e com a natureza e com os espaços urbanos queremos e não queremos. Um comum que transforme as relações sociais e seja uma alternativa ao capitalismo⁽⁶⁾.

Em simultâneo, a pesquisa passou por experimentarmos com o corpo diferentes lugares da cidade e daí recolhemos observações que posteriormente foram integradas na dramaturgia.

“A cartografia não existe fora das estruturas de poder, e os mapas podem ser dispositivos poderosos na sociedade. Não apenas localizam e espacializam o ambiente natural, mas também colocam a propriedade, os direitos e as normas sociais no seu lugar.”⁽⁷⁾

(6) Federici, Silvia. (2019). *Re-enchanting the World: Feminism Politics of the Commons*. Kairos, PM Press, 2018.

(7) Halder, Severin e Michel, Boris. (2018). “Editorial: This is Not an Atlas” in *kollektiv orangotango+ (ed.), This is Not an Atlas*. Bielefeld: transcript Verlag.

Ao recordar-me que olhei para o céu, lembro-me da importância do questionamento do que são os mapas e como a minha ideia dos mesmos mudou. Como percebemos, neste processo, que também eles são feitos por estruturas de poder (instrumento do colonialismo), e que podemos questioná-los e recriá-los, criar contra-cartografias, inclusive dentro do que sentimos no nosso corpo. Curiosamente, os primeiros mapas não foram da superfície terrestre, mas do espaço, do cosmos.

Olhar para o céu é questionar também a nossa verticalidade, a nossa hierarquia... E num espectáculo que se baseia na co-criação talvez este tenha sido também um dos maiores desafios. Sentir que a voz de todas as envolvidas foram parte do processo, de que o poder é múltiplo, mas também que existe capacitação e responsabilidade colectiva. Estas diferentes lideranças é também algo que poderia existir numa cidade, em processos de escolha e decisão.

Apesar do corte e costura ter tido uma mão minha e da Vanessa, são várias as outras mãos criadoras no texto, desde o elenco, a quem mais se foi juntando às conversas. O processo dramaturgico talvez tenha sido aquele com que mais partimos pedra, ou marés. O que escolher e seleccionar dentro de tantas ideias, mas as vontades foram-se tornando claras, entre o que poderia estar escrito no texto, transmitido no corpo, ou até em vídeo.

Acostar Reflectir sobre os espaços, os comuns e as cidades não pode ser feito sem acostamento. É necessário a aproximação, a experiência e a vivência para melhor conhecermos os lugares e pensarmos sobre eles nas suas particularidades e cruzamentos. As conversas fiadeiras tiveram precisamente esse propósito. A cada semana íamos visitando diferentes zonas da cidade, caminhando antes de fundearmos para a conversa. As caminhadas permitiram que os corpos explorassem os bairros por onde íamos passando, com os sentidos despertos. As conversas juntavam pessoas *daqui e dali* e tinham dois grandes objectivos. Por um lado, estar e ocupar o espaço público e, a partir dessa ocupação, fiar conversas sobre aquilo que nos liga aos lugares, questionando e partilhando histórias e memórias. E assim, por outro lado, ter uma forma de auscultação das pessoas que vivem as cidades. Muitas

das páginas deste diário dão mais detalhes dessa acostagem e de como o encontro e a partilha permitem mergulhar mais a fundo nos lugares.

As performances em espaço público também foram formas de acostar, criando a partir dos lugares. Como ter um espectáculo sobre espaço público e não ir para o exterior em próximo contacto com o público?

A primeira, no Largo de Jesus, questionou o que são sítios de passagem numa cidade, e não de ocupação, o que define um jardim público? Como os espaços se transformam e renovam e que história contam. Várias foram as conversas sobre o antigo Skate parque, ou sobre o Museu da Cidade, que tanto tempo esteve fechado, ou inclusive sobre o convento. Entre conversas e experimentações físicas no espaço chegámos a um encontro que cruzou quatro solos em próxima relação com o que existia no espaço (uma imobiliária, o Convento e um restaurante, uma fonte e o Balneário Dr. Paula Borba, e a presença imaterial do som e daquilo que a cidade transporta que não é visível), a um momento de brincadeira em espaço público, e finalmente, à implantação de uma “instalação” / piquenique com diversas toalhas espalhadas pela relva, ligadas por cordas, com elementos representativos dos diversos bairros da cidade, terminando num momento de convívio e partilha com todas as pessoas presentes.

A segunda performance quis ter presente os espaços naturais, e como os mesmos são cuidados. Várias têm sido as feridas abertas na Serra e no Rio, e uma das mais recentes, na Comenda e no seu antigo Parque de Merendas. Localizámos a performance em plena ribeira da Comenda, já que o parque se encontra vedado e interdito dada a compra da Herdade em 2020. Surgindo de diferentes épocas, o elenco atravessava a ribeira até ao ponto onde montava a mesa de piquenique. A representação da natureza, dada pela Sara, que distribuía cravos pelo público e entoava a música final do espectáculo fez-se sentir numa tentativa inglória na luta contra a presença de uma figura interpretada pela Clara, que ocupando a mesa de piquenique, nos apresentava todas as sete razões (inspirados no nome da empresa proprietária do terreno, Seven Properties) que defendiam a privatização do espaço.

Ancorar

O diário de bordo e o espectáculo são ancoradouros das nossas reflexões e condensam algumas questões que surgiram na navegação e fazem emergir outras.

Este diário pretende ser um reflexo da navegação que fizemos durante o processo de pesquisa, resumir as principais ideias levantadas e debatidas durante as conversas fiadeiras e a fixar a dramaturgia.

Não se pretende apresentar com um encadeamento uniforme, mas antes trazer textos que resultam da própria fragmentação e fluidez das conversas em que um tema levava a outro: daqueles mais específicos a cada lugar aos que são partilhados e transversais à cidade, da História local às memórias pessoais. Aqui apresentamos mais um emaranhado sobre Setúbal, composto de pontas soltas, que se cruzam, sobrepõem e enredam. Um emaranhado que podia ter outra forma, abordar outros temas mas, para já, foram estes que vieram à tona. Outros tantos se poderão somar na cabeça de cada pessoa que irá ler estas páginas.

Tanto nas performances, como para o espectáculo, as visões exteriores foram fundamentais. Todo o apoio dado à fisicalidade, e até mesmo em sugestões de encenação ou direcção de actores, dada por Yael Karavan foi imprescindível. Qualquer um dos momentos, performances e espectáculos, integrou esse conhecimento e experiência.

Sobre o olhar atento e solidário de Rosa Dias, limpámos cenas, intenções, recortes. Rimos, corrigimos e refizemos. O detalhe e entrega do Tomás no design do que têm agora nas mãos, na incansável procura de uma imagem final que correspondesse ao que queríamos, mas até nos vídeos e produção fez-se sentir e contagiar-nos. A beleza do que nos veste o corpo, pelas mãos do Zé Nova, trouxe-nos mais próximo dos elementos naturais e daquilo que está por baixo de todas nós em Setúbal, a água. O aconchego sonoro e o rigor do Emídio em recriar as vozes e sons da cidade. A preocupação e cuidado da Graziela pela vida do espectáculo. O olhar experiente e conhecedor do Zé Maria, que nos deu vários momentos de luz (quer nas conversas, quer para o espectáculo), em sentido literal e figurado.

A todo um elenco, de diversas camadas, que se desdobraram e que deram ao espectáculo e uns aos outros o que somos e o que temos de melhor... E a todas aquelas cujo nome aqui não consta, mas que sabem que sem vocês este processo não existiria. Gratidão.

Levantar ferro

Com isto não chegámos a nenhuma conclusão ou desenhámos algum modelo urbano alternativo. Toda esta navegação tornou evidente que é necessário levantar ferro, ou seja, desancorar e voltar a zarpar para voltar a explorar estes e outros lugares. Pensar a cidade requer mais caminhadas, mais conversas, mais observações, mais partilha de espaços, mais criação artística em espaço público, mais tempo e mais colectivo. Ao longo do processo deste projecto desenhou-se um ensaio experimental e serão necessários outros para podermos continuar esta aproximação. Porque se as cidades são organismos vivos, para intervir nelas também temos de seguir nesse fluxo orgânico.

Termino este prefácio, olho para as notas de conversas de há mais de um ano... Leio, e vejo que por muitas dúvidas, ou caminhos que tenhamos explorado, as ideias que começámos por questionar se mantiveram até ao fim e foram levantadas no processo e resultado final. O nosso coração, como aquele das cidades, manteve-se a pulsar vivo nesta criação de vários braços, mãos, pernas, pés e bocas.



Conversa #1

Praias do Sado

5 de Março de 2022

*O que são as periferias da cidade?
Como as indústrias configuram o espaço?*

Tecemos a primeira conversa do processo para o espetáculo “À Flor das Águas” nas Praias do Sado. Dia chuvoso e cinzento, não esperamos que ninguém apareça. Apesar da intenção de a localizar no Parque Infantil do Bairro da SAPEC, a conversa é realocizada para a antiga Escola Primária, hoje um recém-inaugurado Polo Social e Cultural. O ponto de encontro é a Junta de Freguesia do Sado e junta-se a nós Dora Mira (que apenas nos ia abrir a porta e acabou por ficar para toda a conversa). Lentamente chegaram outras pessoas. Iniciámos a caminhada com chuviscos. O trilho escolhido permitiu-nos passar e observar diferentes zonas de habitação, despojos de antigas fábricas e equipamentos como a Igreja ou o Rancho. A Península da Mitrena espreitava por trás das nuvens, as chaminés deitavam fumo, muito fumo. Para quem não conhece é difícil identificar os edifícios das diferentes fábricas. Durante a caminhada vimos também as marinhas, hoje desactivadas. Alguém nos disse “A indústria matou o sal”. Foram-se contando histórias das Indústrias (Portucel, SAPEC, Setenave...), do Bairro de Habitação da SAPEC, da linha do comboio, entrelaçadas em histórias de infância: “A linha do comboio era o nosso parque infantil. Até punha a cabeça na linha do comboio para sentir a trepidação.”, alguém nos contou. Ouviram-se outras frases como: “Viver na periferia é dizer:

Vou a Setúbal”. Questionamo-nos como podemos fazer destas caminhadas um momento de reflexão que contribua para a conversa, um momento de apropriação da cidade e contribuição para os espaços.

Chegámos ao local, um edifício azul, muito azul, ainda com ar de escola. Entrámos numa antiga sala de aula e encontrámos as cadeiras voltadas para o quadro, mas optámos por colocá-las em círculo.





Após uma breve contextualização das conversas-fiadeiras e do processo criativo (sublinhando a importância da escuta, auscultação e observação dos territórios), apresentámo-nos, começando por incluir o que é que nos liga às Praias do Sado ou que o que nos vem à memória quando ouvimos o nome deste lugar. Ouvimos múltiplas referências como a presença das diferentes colectividades das Praias do Sado nas Marchas Populares; a distância que esta zona parecia estar do resto da cidade; as comunidades piscatórias do Faralhão (zona próxima) por contacto com outras, que normalmente se encontravam na Caldeira, no âmbito da Festa da Nossa Senhora do Rosário de Troia; a referência ao desporto infantil, dado no exemplo do Clube Os Amarelos (do Bairro Santos Nicolau), por falta de campo de futebol, jogar no campo do Praiense; assistir a Fado em tertúlias; Festivais de Música Alternativa...

Origens: “Entre o rural e o operário”

Quem vive aqui? Como se desenvolveu esta zona da cidade? Perguntas que nos estão na cabeça porque queremos conhecer melhor este lugar.

Alguém nos respondeu: “As Praias do Sado são um bocadinho como Setúbal, sempre recebeu pessoas de fora.” Contando de seguida que as Praias do Sado se desenvolveram numa primeira fase

muito associadas à produção da ostra, tendo vindo muita gente do Alentejo Litoral trabalhar para a produção. Depois, com o desenvolvimento industrial, a produção de ostra sofreu um grande revés, e depois veio o ciclo de desenvolvimento industrial com a Renault e com as diferentes fábricas na Península da Mitrena. O território continuou a receber muita gente do Alentejo, mas também da Beira Baixa, de várias origens, de vários locais fora de Setúbal, com origens rurais. “Entre o rural e o operário”, ouviu-se “Pessoas que vêm com hábitos e usos rurais trabalhar na indústria, que no fundo se tornam operários.” Um dos presentes trabalhou durante 23 anos na Portucel, sem nunca deixar o teatro, e muitos colegas da Portucel vivem aqui.

Hoje em dia, muitas das gerações mais novas saíram daqui e foram para a cidade (Setúbal), para outros locais ou estudar para fora. Ainda assim, há alguma renovação geracional: “As pessoas que cá estão hoje não têm nada a ver com as pessoas que cá estão há mais tempo”. Uma das participantes do Alentejo relatou que quando chegou foi um choque, sobretudo porque em Setúbal ninguém a cumprimentava como estava habituada. No entanto, diz-nos, agora é a casa dela, onde ela se sente bem. Outra participante referiu que: “esta terra nos diz muito pela família e amigos”.

Muitas das outras pessoas participantes não residentes nas Praias do Sado também partilhavam de uma ligação ao rural e/ou ao Alentejo: “O meu equilíbrio emocional faz-se entre o Alentejo, Serra da Arrábida e o Rio Sado”

Habitação e terra

As ligações à vida no campo são vívidas. Referiu-se como no caminho até à escola se passou por um faval. “Existe muita ligação à terra.” Uma participante contou-nos que o pai, de Aljustrel, veio trabalhar para a SAPEC. Antes disso era pastor. Recentemente esteve a viver no Troino mas tinha de ir todos os dias à horta, no Faralhão. Dizendo que o pai: “Gostava de ir ao pão do Faralhão, qual pão do Pingo Doce. As hortícolas não são iguais às como a gente semeia.” Há o desejo de quererem criar hortas comunitárias, sendo que já existe alguma organização nesse sentido. Outra pessoa acrescentou que o pai, da zona

de Serpa também veio trabalhar para a SAPEC e quando chegou quis uma casa que tivesse terreno, e actualmente passa ali os dias.

Nas Praias do Sado a habitação está associada a bairros operários, como o bairro dos trabalhadores da SAPEC, fábrica que está instalada aqui desde os anos 30. Depois mais tarde, como nos explicaram, o desenvolvimento urbano dá-se com o cooperativismo, sobretudo no Faralhão. Mais recentemente começaram bairros de iniciativa privada, como alguém disse “a seguir ao Bairro da SAPEC há um bairro novo (onde eu moro), já de iniciativa privada, onde se localiza a farmácia, onde está o centro, tem uma clínica, onde temos a nossa associação e onde vai abrir mais duas lojas.” Ouvia-se “é a parte da burguesia”, é uma brincadeira, mas às vezes dizem “ali é o bairro dos ricos.” Hoje, na rua principal das Praias do Sado, predominam restaurantes.

Algumas pessoas mais novas estão a regressar. Contaram-nos um dos casos: “Ainda há pouco tempo encontrei um jovem, com 30 e poucos, que tem duas filhotas e vivia na baixa, perto de tudo. No outro dia encontrei-o e está a morar para estes lados, com um quintal, um bocadinho de terreno. Porque sente-se bem. Enquanto na cidade se sentia asfiziado, ele diz que sai da cidade, com o trânsito e confusão, e parece que vem para outro mundo”. Então alguém deu a sua opinião sobre o fenómeno: “eu acho que a pandemia veio despertar nas pessoas a necessidade de ter espaço. Vimos muita gente a ir para a serra caminhar. Aqui têm esse espaço, não precisam de ficar fechadas entre quatro paredes.” Alguém falou que se deve à segurança e à existência de espaços públicos para as crianças “Os miúdos vão ali para o parque infantil e as pessoas sentem-se descansadas.”

Há também procura de habitação por parte dos estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS). Uma participante partilhou: “neste momento tenho duas casas alugadas a estudantes. É uma atividade económica que se criou que é o alugar quartos a estudantes.” Os estudantes dinamizam também a zona, frequentam os cafés, mas mais na Rua Tomás Ribeiro, que está mais próxima do IPS. De resto, como disseram, não há muita ligação.

Actualmente nas Praias do Sado uma das dificuldades que se sente é a falta de habitação, há muita gente que quer comprar casa na zona e não há. Não há construção. Os terrenos que vimos não estão loteados para venda. Também se fala da importância de espaços públicos, pois: “o espaço público é o espaço onde se promove a democracia, onde somos todos iguais”.

Periferia e Lonjuras: “um perto que está longe”

Frequentemente ouve-se que este lugar faz parte daquilo que se denomina a periferia de Setúbal. Lançámos a questão. Alguém disse que sentia que tinha vivido na periferia face ao centro: “onde está o poder, ou os principais equipamentos, a baixa comercial e a vida activa da cidade”. Outras pessoas reiteraram a ideia de “isto aqui não era Setúbal”. Falou-se de que as cidades são multidimensionais, mas que “dicotomia centro-periferia tem de ser combatida.” As lonjuras podem ditar essa imagem de periferia. Ouvimos: “só o facto de ir ao Faralhão já era uma coisa, era lá muito longe”. Praias e Faralhão são dois lugares distintos, mas não raras as vezes na conversa fala-se do “aqui” englobando o Faralhão.

A lonjura já foi maior, no tempo que os pés eram a principal forma de deslocação e que o território estava menos urbanizado. Como alguém exclamou: “As lonjuras de facto era uma coisa impressionante. Já nem falo das Praias do Sado, nem do Faralhão, mas as Manteigadas eram longe! Como é que é possível?” Para outra pessoa as Praias do Sado também era um sítio longe, embora vivesse nas Manteigadas, ia à escola ali e vinha a pé. Ia pela baixa de Santas e no sítio onde está o IPS, atravessando a passagem de nível. O mesmo relata o percurso com alegria, onde apesar de manhã ou no Inverno ser um bocadinho mais difícil, à tarde levavam umas duas horas de caminho com brincadeiras, esquecendo-se frequentemente da sacola da escola. A escolha de ir para ali prendeu-se com os pais porque a Escola mais próxima das Manteigadas era aquela, a outra era no Bairro da Conceição, nas Areias e era muito longe, “ainda por cima com os perigos todos da cidade. Aqui havia o comboio, mas isso...”

Hoje fala-se dos transportes. Há quem tenha dito que poucas povoações estão tão bem servidas de transportes públicos, mas é um “perto que está longe”. Esclareceram: “transportes não são bem suficientes, comboio sim, camionetes em termos de horários não”. Mas isso é problema transversal a Setúbal, ouviu-se. Houve quem nos contasse que quando estava a estudar no Politécnico de Setúbal saía numa paragem anterior para não pagar outro bilhete, pois aqui é considerada outra zona e paga-se mais. No IPS os autocarros não falham tanto por causa dos estudantes. Uma participante partilhou que mede tudo com passos, pois não conduz, então não sente a distância vinda do centro da cidade através de comboio. Outra: “No meu bairro, que é mais dormitório, as pessoas ficam descansadas porque os miúdos apanham o comboio e vão para as aulas, as Praias têm logo ali o comboio, o Faralhão já não.” Como alguém mencionou: “a linha do comboio é uma barreira, mas também é aquela que nos aproxima.”

A partilha das distâncias é referida, dentro e fora da cidade. Uma participante certa altura falou de idas a Lisboa ao teatro partilhando aquilo que às vezes ouve: “‘Eia, ainda vão para tão longe, para Setúbal.’ Como se de Lisboa a Setúbal fosse assim tão longe, quando depois me dizem que moram em Oeiras, ou na Amadora e levam 40 ou 50 minutos a chegar a casa de Lisboa.”

A escola

A ligação àquela escola também emergiu. Algumas pessoas tinham frequentado a Escola Primária em que nos encontrávamos e lembravam-se da separação no pátio para rapazes e raparigas: “Esta sala era só das meninas, e aquela sala do lado de lá era dos rapazes. Havia um muro que separava os rapazes das raparigas. Quando passei a ir para a Escola Comercial também havia o pátio das raparigas e dos rapazes.” Outra participante também frequentou a escola, mais recentemente assumindo o papel de dinamizadora das AEC (Atividades Extracurriculares), e sentiu que as alunas estavam mais enraizadas e presentes, escutavam mais, divertiam-se mais. A turma era pequena e continha todos os anos escolares, mas havia muita diversidade com alunas provenientes de diversos contextos e origens.

Apesar de a Junta ter chamado Polo Social e Cultural a esta antiga escola muitas das pessoas acham que devia ser um centro de dia, virado para a população idosa, como nos contaram: “As pessoas sentem que é a grande necessidade”. Todavia, é um equipamento não tem as condições para um centro de dia. A explicação do fecho da escola primária é dada por um dos presentes: tinha poucos alunos e a Câmara decidiu passá-los para a escola do Faralhão. Este espaço terá assim uma nova função (tendo sofrido obras recentemente), não querendo dizer que não venha a ser de novo uma escola. Neste momento pretende ser um Polo Social e Cultural, espaço da Câmara, havendo um protocolo com a Junta para o gerir. O plano seria de alocar ali um polo da biblioteca de Setúbal, um centro de recursos para a população, um polo inter-geracional dedicado aos mais novos e aos mais velhos. Foram referidas as limitações do espaço, mas que é possível fazer muitas actividades e ser um ponto congregador das associações que ali têm.

Relação com as outras zonas da cidade: Palmilhar a cidade

A lonjura encolhe e as ligações tecem-se entre diferentes zonas da cidade. Alguém partilhou uma memória de adolescência e referiu que quando saiu para ir estudar para fora das Praias, depois da primária, foi para a Escola Comercial (Actual Escola Secundária Sebastião da Gama) e chorava porque também queria ir para a Bela Vista (onde a maioria dos amigos estava). Outra mencionou: “Lembro-me de palmilharmos isto tudo, do Viso à Bela Vista, para irmos ver os ‘moços giros’. No Viso não havia rapazes giros, só havia nas outras escolas. E os da Bela Vista então, os ‘maus’ é que eram os mais giros, a gente gostava era dos mauzões. No liceu eram os betos, mas agora andam na Comercial, saíram no Bairro do Liceu para a Comercial”. Quando se refere ao Viso (outro bairro da cidade) conta que se lembra de ouvir: ‘Parriga’ vais do 8 ou do 14? (autocarros locais).



As partilhas sobre outras zonas da cidade foram recorrentes, e a certa altura ouvimos esta imagem, quase idílica: “Os meus pais vieram para Setúbal (eu só chego dois anos depois), venho a Setúbal de férias, e para onde é que vou? Bela Vista, que era o sítio mais lindo de Setúbal. Se calhar vocês não conheceram. Aquilo era aquilo que agente chamava, ‘o bosque’. Aquilo era enorme, tinha fontes naturais, aquilo tinha umas casas e outras ali onde viviam pessoas que trabalhavam nas fábricas, e algumas vinham do Alentejo.”

Colectividades e Actividades Culturais

Falou-se da necessidade de descentralização da actividade cultural. Um dos participantes acredita que o problema de a zona não ter tantas actividades culturais como desejável tem a ver com a falta de infra-estruturas. Existindo colectividades como Bem-Vinda a Liberdade, o Faralhão, o Rancho Folclórico, o Praiense, mas que qualquer sala destas tem poucas condições para outras actividades culturais. Acredita que não houve a visão dos autarcas, para descentralizar, precisavam de criar infra-estruturas, “não as criaram nas cidades quanto mais nas periferias.”

Setúbal é uma cidade rica no movimento associativo e as Praias do Sado são disso um exemplo. Falou-se que pessoas iam para a colectividade conviver e eram as próprias que construíam os equipamentos. Inclusive ia-se ver a televisão à colectividade, ia-se assistir aos espetáculos. Nos anos 80, no Praiense e no Rancho havia artistas de renome da Cultura popular. Eram locais de convívio e promoção cultural. Alguém disse que atualmente não acontece tanto porque temos a televisão e a internet. Ainda assim, o pulsar do movimento associativo sente-se nas Praias: “Temos os únicos dois ranchos do nosso concelho!”, como alguém orgulhosamente frisou. Recentemente, em tempo de pandemia, celebrou-se o magusto na escola onde estamos, uma parceria entre a Junta e a Sado Acolhe, e encheu, havia essa sede de convívio e confraternização. Há tempos a Sado Acolhe desafiou o Teatro do IPS de fazer uma iniciativa sobre o 25 de Abril, com o intuito de envolver os associados, sobretudo pessoas mais velhas, sobre as suas memórias. Actualmente as

peessoas já perguntam “quando é que o teatro vem aqui?”. Este episódio serve de mote para se falar da proximidade com o IPS “que é de aproveitar as sinergias”. Ouve-se como organizam a corrida de S. Silvestre aqui, parceria da Junta, IPS e por uma colectividade que acaba por envolver um conjunto mais alargado de colectividades. Existindo uma congregação de vontades em torno de um evento da freguesia.

Reflectiu-se sobre a importância do trabalho associativo e das horas que lhe são dedicadas, e como hoje em dia existe resistência à atividade das colectividades, mas também é notado que existe um deslumbramento actual das gerações mais novas pelas mesmas. No entanto, mantém-se a dificuldade em assumir responsabilidades, muito devido à legislação apertada em relação à gestão e às pessoas que fazem parte dos órgãos sociais, à burocracia e às questões legais. Resume-se assim a conversa sobre o assunto “há o potencial de desenvolvimento de actividades sociais e culturais, assim queiramos desenvolvê-las, também depende da boa vontade das forças vivas locais, interação com o município e outras instituições como o Teatro da Fontenova [sic], trazendo a actividade cultural às freguesias.”

No final, foi partilhado: “enquanto cidadãos, queremos sempre fazer alguma coisa. É preciso haver gente com disponibilidade, e cada vez temos menos tempo. Muitas vezes sentimo-nos impotentes e frustradas/os porque ainda não atingimos os objetivos que nos propuemos, mas não vamos desistir.” Esta persistência é comparada com o próprio trabalho do Teatro Estúdio Fontenova ao longo dos anos.

Foi expressa a vontade de repetir as conversas e de aumentar proximidade entre entidades, e inclusive a prática de descentralização do teatro. Apesar de certas apresentações necessitarem de recursos técnicos que não há nas colectividades foi sublinhada a relevância de outros tipos de apresentação que possam experienciar e promover o relacionamento com os espaços públicos. A ideia de trazer o centro para as periferias e as periferias para o centro foi enfatizada.

Praias do Sado

— A comunidade, o espaço e as reminiscências de uma vida

Vasco Raminhas da Silva

As Praias do Sado são uma povoação pequena, diria uma aldeia, cuja origem tem uma forte ligação ao Sado e às marinhas, com a extração do sal e a apanha da ostra.

As transformações do local e da comunidade que nele habita foram surgindo com o processo de industrialização de Setúbal, e em particular da península da Mitrena. Novas gentes, provenientes de outras regiões do país, chegaram em busca de trabalho e aqui foram assentando morada. Novas casas foram sendo construídas, mantendo-se, contudo, a silhueta de uma pequena aldeia, situada entre o estuário e o campo.

Foi aqui que crescemos, numa aldeia que, apesar de não distar mais do que 6 km da cidade de Setúbal, parecia-nos distante.

A vida das crianças era feita na rua, nas brincadeiras coletivas e na exploração do espaço envolvente. Jogar à bola no meio da estrada, com duas pedras da calçada a fazerem de baliza, eram sinal do pouco trânsito que havia nos anos 80 do século passado. Gente humilde e operária, com poucas posses para terem uma viatura própria.

As noites de Verão eram passadas na rua, até tarde, juntamente com os amigos filhos de pais emigrantes e mais endinheirados, que nesta altura regressavam de férias, com os seus carros, roupas e brinquedos sofisticados, a que nós não tínhamos acesso. Era o francês, o belga, o alemão, assim os chamávamos.

A escola primária, hoje transformada em polo social e cultural pela falta de crianças, tinha um papel importante na comunidade. Era ali que aprendíamos a escrever e a ler. As salas que hoje nos parecem exíguas, pareciam-nos na altura amplas. As professoras, e o respeito com que eram tratadas, marcaram a nossa formação enquanto indivíduos e cidadãos. A D. Teresa, a continua da escola, fazia bolos e gelados caseiros de morango nas couvetes de gelo, que de vez em quando comprávamos para matar a gula.

Tivemos uma infância feliz. Com liberdade e vontade de explorar o espaço que nos rodeava. Construímos casinhas nas árvores, jogávamos às escondidas, à apanhada, ao espeta, a atirar azeitonas com tubos de pvc retirados de edifícios inacabados e devolutos, a que chamávamos os “prédios velhos”, prédios esses que nunca chegaram a ser novos. Corríamos o risco de nos magoar, mas esse era o preço da nossa liberdade, algo que as crianças de hoje não conhecem ou experienciam, tal é a cápsula de proteção em que vivem.

A vida comunitária era vivida com alegria. As coletividades desempenhavam um papel importante nesse domínio, com os seus eventos e atividades dirigidas a miúdos e graúdos. Aqui, o Praiense, a coletividade mais antiga nesta localidade, sempre teve um papel relevante na vida desta aldeia, com os jogos de futebol, os jogos juvenis, as Marchas populares, o Concurso do Vestido de Chita e as atuações de artistas populares que eram uma referência nacional na época. Foram os “anos dourados” desta comunidade.

Esta dinâmica foi-se perdendo. A população foi envelhecendo e muitas destas crianças, que mais tarde se tornaram adultos, foram saindo daqui, para a cidade de Setúbal ou para outras paragens.

Hoje a vivência local é diferente. Não se vêem crianças e jovens nas ruas como antigamente. Temos outros jovens que, estudando no Politécnico de Setúbal, procuraram aqui residência, alugando quartos em casas de família, ou em apartamentos partilhados. Frequentam alguns cafés, mas vivem à margem desta comunidade. Outros vieram procurar casa, pelos preços mais acessíveis, pelo sossego de viver num lugar como este, mas fechados nas suas casas e quintais.

As coletividades debatem-se com novos desafios. Há uma sede de retomar atividades ancestrais e de criar novas dinâmicas, combatendo o individualismo e comodismo que se foi apossando de muitos.

Mas há esperança. Vislumbra-se uma vontade de recuperar a vida coletiva, de animar os lugares que antes eram pontos de encontro e convívio. Há uma vontade de partilha e entreaajuda que certamente dará os seus frutos. Hoje a aldeia está mais próxima de Setúbal, mas não deixará de continuar a ser a nossa aldeia.



12 de Março de 2022

Conversa #2 Casal das Figueiras

*Qual o papel das colectividades
no espaço da cidade?*

Que histórias e vivências das habitações?

Com o ponto de partida da Escola Básica nº 9 do Casal das Figueiras e uma vez mais abençoados por chuva intensa, a maior parte das participantes preferiu ficar abrigada na Associação de Moradores do Casal das Figueiras, mais conhecido por Casarão. A escola é mais uma no mapa de escolas erigidas durante o Estado Novo, um edifício que se destacava numa zona onde habitação de construção precária – as barracas – era a regra. Durante a caminhada foi possível conhecer melhor bairro, com uma presença forte da Serra de S. Luís de um lado, e habitações de outro. A topografia impõe-se, subimos uma rua íngreme, as casas parecem desordenadas, materiais e construções diferentes, que são expressão da sua construção faseada, das possibilidades de comprar uma saca de cimento ou tijolos. Passamos também pelas ruínas de um antigo moinho. Mais à frente, são visíveis as construções do projeto SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local), bem próximo do Casarão, um dos maiores do país.

Chegadas ao local – uma esplanada coberta com vista privilegiada sobre a cidade – e sentadas em círculo, abrimos a conversa com a apresentação do projecto, pedindo uma breve apresentação de cada pessoa e a ligação que cada uma das presentes tem ao mesmo.

“Acima de nós só o céu” – Casal das Figueiras e Viso

Mato. Onde nos encontramos um dia foi mato, disse-nos uma participante. Onde hoje é um campo de futebol outrora se plantava o milho, as favas, o trigo, diz-nos outro participante. Atrás havia colmeias. Havia também amendoeiras e muitas figueiras, que justificam o nome do bairro. No Viso eram as pedreiras. Mais abaixo havia barracas. E seguindo a encosta abaixo encontrava-se o Ribeiro dos Olhos d'Água. Desta paisagem pouco sobra, mas as memórias trazem à tona uma zona da cidade que ainda hoje está “entre o mar e a serra”, como o título de uma marcha popular do Casarão enuncia.

Contaram-nos que esta zona era constituída a maior parte por operárias da indústria conserveira e pescadores, mas também trabalhadores da construção civil e das limpezas. Muitas famílias de pescadores tinham proveniência ou ascendência algarvia. Na caminhada pudemos ver um muro de uma habitação com uma pintura alusiva ao Olhanense, comprovando essa relação. As comparações entre o Casal das Figueiras/Viso e o Bairro Santos são frequentes. Como disse um participante: “o Bairro Santos vem mais de Murtosa e de Aveiro, mas acho que são similares porque são os dois bairros acima do vale que é Setúbal e tem uma vista diferente sob o rio, o pessoal aqui vê a cidade de outra maneira que o Bairro Santos não vê, há uma visão directa em relação à Serra.” Ainda há quem se lembre das rivalidades que havia com os outros bairros: “Havia a guerra entre lá em baixo e cá em cima, a minha mãe dizia-me para não casar com um homem lá de baixo.”

Há umas décadas, a maioria das habitações desta zona era de construção precária. Quem mora aqui não esquece o tempo das barracas. Havia ratazanas e falta de saneamento básico: “Eu só tomei de banheira aos 12 anos, tomava banho de alguidar,



eu ia buscar água à fonte". A pobreza manifestava-se também na alimentação: "Agente queria comer, quase que não havia. Mas por acaso fome nunca passei. O bife era assim ao fim do mês, mas sopa era a semana toda. Mas éramos felizes, éramos mais rijos. Feijão com repolho todos os dias." Hoje brinca-se e há quem se refira à barraca onde viveu como "a minha vivenda". Sobre o assunto, um dos participantes comentou durante a conversa: "há um sentido de humor apesar das dificuldades".

Outras que só vinham ao bairro de visita hoje recordam-se: "Lembro disto muito diferente do que é agora quando era essencialmente um bairro de barracas e que felizmente conseguiu-se avançar para estas condições que estamos a ver, não são casas luxuosas, mas são casas dignas." A passagem de barracas a "casas dignas" foi feita graças ao impulso dos movimentos de moradores que após o 25 de Abril reivindicaram por habitação. O Casal das Figueiras era, à época, um dos maiores bairros de barracas de Setúbal. Aproveitando o enquadramento institucional do programa SAAL, auto-organizaram-se para planificar e construir casas em conjunto com equipas técnicas. De 1975 a 1987, ao abrigo deste programa, construíram-se cerca de 312 casas. A associação de moradores foi se mantendo até aos dias de hoje. Contaram-nos que ainda há uma barraca e há o interesse em fazer do espaço um museu.

Actualmente a procura de habitação nestes bairros tem crescido, como nos disseram, e as casas começaram a subir de preço. Como consequência, o bairro começa a ser habitado por pessoas de outras zonas da cidade, mas "estão bem integradas".

Uma das participantes revelou que toda a vida viveu aqui e não pretende sair porque, nas suas palavras: "Sou feliz neste bairro, tive oportunidade de ir para outros sítios morar, mas nunca quis, fiz sempre força para ficar no bairro. Costumo dizer que "O visó é o 'parraíse', onde ninguém tem juíze" e "Além de nós o que está em cima é só o céu."

Cima e baixo

Quem aqui mora fala das distâncias como estando abaixo ou acima. Estes bairros estão no topo de uma encosta, num espaço "privilegiado a nível da localização e da vista que



isto tem para a cidade e para o Estuário do Sado é uma coisa impressionante”, como foi partilhado connosco. A serra está a poucos passos de distância e há também uma estrada romana.

Neste lado é difícil definir fronteiras, traçar onde começa um bairro e acaba outro. Quem é de fora tende a classificar toda a zona como Viso, como uma das participantes partilhou: “Da zona onde está o teatro (Fontenova) para cima sempre foi o Viso, não tinha estas noções destes bairros todos.” Um interveniente advertiu-nos em tom de ironia: “Isto não é o Viso, é o Casal das Figueiras. Quando as pessoas me dizem que são do Viso eu digo assim, 'escreve lá a tua morada' e normalmente são do Casal das Figueiras. O Viso é lá em cima – daqui ao Viso ainda são uns 500 metros. O melhor é pedirmos a independência do Viso.” Outra participante, por seu turno, disse-nos “é tudo o mesmo, ou seja, as famílias são as mesmas.” A questão dos limites dos bairros dentro da cidade surge também noutros, como é o caso das Fontainhas e do Bairro São Domingos, que são contíguos, como comentado na conversa.

Outra participante conta como é difícil definir uma pertença a um só bairro: “A família da minha mãe e do meu pai são do Bairro dos Pescadores, eu sabia que era do Bairro dos Pescadores e depois andava à escola e era no Casal das Figueiras. E lembro-me de pensar: ‘Eu também sou do Casal das Figueiras.’ Depois vim

para a Escola do Viso, Escola Lima de Freitas, mas para nós é Escola do Viso, e pensei ‘Eu também sou *Visigoda*’. Eu pensava ‘eu sou estes bairros todos, tão diferentes, mas na verdade, as pessoas são as mesmas’. Quando falo com pessoas que não são daqui, digo que sou do Viso porque elas não compreendem a geografia daqui.”

Estes bairros estão próximos do centro da cidade, mas acabam por estar afastados, quer porque estão num terreno íngreme quer porque, devido à sua natureza essencialmente residencial, não têm atractividade para pessoas de fora virem visitar. Várias das participantes na conversa confessaram nunca ter frequentado a zona.

Os transportes não ajudam nessa ligação, como foi mencionado, os autocarros que fazem as carreiras para estes bairros sempre foram muito maus por comparação aos restantes: “os piores da cidade, ainda por cima era a subir, quantas vezes é que a gente fica empanado no caminho. Eu cheguei a vir de autocarro no Verão e estar quase 50 graus lá dentro.” Este testemunho permite ver como até nos transportes públicos se reproduz a desigualdade social e se podem ampliar distâncias.

“As associações são o espelho do próprio bairro”

A ligação ao bairro pode dar-se através das pessoas, da associação de moradores e, também, do teatro: “A ligação que tenho aqui tem a ver com a amizade que tem com o Júlio desde a altura que a gente se juntou na Igreja da Anunciada. Desde essa altura que venho aqui acima principalmente quando venho falar com ele e já depois da fundação do teatro, do Fontenova, da qual ele é fundador, já viemos aqui [ao Casarão] várias vezes fazer espectáculos.” Outra fundadora do TEF recordou-se: “Já fiz teatro aqui com a Odete Santos há muitos anos. É um bairro que vinha com uma certa frequência. Há alguma tempo que ali não vinha, mas o bairro continua com as mesmas características, com estas pessoas afáveis, simpáticas. Sinto-me bem aqui, é mais uma casa dentro das tantas casas que vou tendo ao longo da vida.”

O Casarão é, talvez, o maior ponto de referência do bairro, sendo um elemento agregador. Uma das participantes contou que começou a frequentar a zona “para jogar à bola e beber típica mini a seguir ao jogo”. Um outro interveniente mora em Lisboa e tem uma ligação quase nula com esta zona da cidade. Mas a escrita do livro *Um Bairro, Um Clube - 100 anos de História. São Domingos Futebol Clube* fê-lo subir a encosta: “Uma vez vim cá por causa de uma moradora, a Choca, que era uma das grandes jogadoras da equipa feminina dos anos 80, grande craque. E ela tinha até o coração dividido porque ela morava cá, mas jogava contra a equipa de cá. Foi aqui que fizemos a entrevista e estivemos aqui a visitar, a sala dos troféus, somos muito interessados sobretudo das associações que têm uma ligação com a sua própria comunidade. Achamos que as associações são um hemisfério do bairro e das pessoas que tinham um papel social que infelizmente algumas já perderam, de proximidade com a comunidade, de auto-ajuda.”

Nem sempre os processos de realojamento são bem-sucedidos, pois como disse um participante “o realojamento muitas vezes destruiu o tecido social. A proximidade, o facto de poder frequentar uma colectividade. Aqui vocês tiveram sorte, mas há bairros quando foram realojados morreram as associações.” Esta sorte foi conquistada pelas próprias pessoas moradoras. A associação é sintomática de quando foi formada: nasceu de uma comissão de moradores fundada em pleno processo revolucionário. O próprio projecto arquitetónico é espelho de uma outra forma de olhar para o urbanismo, rejeitando realojamentos verticais, promovendo casas com espaços exteriores. Como nos disseram: “E se estamos com atenção reparamos talvez que os bairros que ainda têm uma vivência de bairro é porque têm uma associação de moradores muito forte, que bateu os pés: ‘para a minha população quero casas condignas’”.



Este tema transportou-nos para uma reflexão sobre o movimento associativo e a sua importância social. Na zona, além do Casarão, como foi referido, existem muitas associações e colectividades de diferentes tipos: AMBA - Associação de Moradores do Bairro da Anunciada, Ídolos do Chinquilha da Anunciada, União Desportivo e Recreativa Casal das Figueiras (fusão do Figueirense e Marítimo do Viso), Associação de Moradores O Grito do Povo etc.

A propósito do futebol feminino, outro dos autores do livro mencionou “é interessante que sejam as associações de bairro dinamizadoras do Futebol Feminino porque lá em baixo era das poucas equipas de futebol feminino. As meninas queriam jogar com os meninos porque é que não podiam jogar? Agora parece uma coisa normal, mas no início dos anos 80... Nos anos 80 não havia quase futebol feminino.”. A Teresa Choca, uma das jogadoras e que estava presente na conversa, recordou-se com sorriso rasgado: “Fomos jogar uma vez com o Coima levámos 20 a 0, mas demos alguns 15 à Seleção de França, ali no Bonfim, nunca mais me esqueço. Tive proposta lá de cima do Boavista e também do Figueirense, mas naquela altura fazer esse salto... Gosto muito do Casarão, mas a minha primeira casa é a União.”

Além do futebol, o Casarão foi sendo uma associação activa. Em tempos, participaram nas marchas populares da cidade “Foi a marcha mais conhecida até hoje porque era a marcha das televisões, foi quando apareceu a SIC, o primeiro canal independente e a gente éramos uns quadrados, com fitas de Natal que íamos roubar aos nossos pais, não havia mais dinheiro, era mesmo assim. Tínhamos a Praça de Touros em pé a bater palmas, ficamos em último, mas quando acabou o certame as marchas vieram todas para ali conviver connosco e fizeram a festa”. Actualmente a Associação continua a desenvolver actividades, de bailes a eventos desportivos, quer para as crianças quer para os adultos. No dia da conversa ia haver um grande jantar para celebrar o Dia Internacional das Mulheres. Há quem diga que a associação já não é o que era porque menos pessoas a frequentam, mas, ainda assim, comparada com outras é bastante animada, como pudemos comprovar.

“Criada na rua”

Quem aqui mora recorda-se das brincadeiras e das diferentes festas que pontuavam o ano. Há quem tenha chegado a dizer “fui criada na rua”. O que contrasta com a realidade que as pessoas observam hoje no bairro: “O meu filho tem 24 anos e nunca foi para a rua brincar. Porque eu não deixava porque tinha medo de que algo acontecesse ao miúdo. (...) Agora vão para casa e é computador, é séries. Eu nunca fui miúda de brincar muito de brincadeiras de menina. Era jogar ao espeta, jogar ao bogalho, jogar ao peão, lá vai alho, ir apanhar laranjas à mata e vir o dono e eu a fugir. A minha infância foi isto, a minha irmã era mais de ler. Era mais *jet set*. Ela gostava de brincar com bonecas, eu cortava o cabelo às bonecas dela. E esta minha amiga é amiga de infância, estávamos sempre juntas, dormíamos na mesma barraca, é mais que amiga, é família”.

As brincadeiras passavam também por partidas, uma participante confessou: “Se eu contasse histórias do que eu fui, vocês abalavam a fugir, comprava bombinhas de mau cheiro e mandava para as casas das pessoas. A gente passava pelos prédios e tocava às campainhas”.

Há quem se lembre de ir à Queima do Judas na Páscoa. Outras recordam-se de percorrer Setúbal durante os Santos Populares e de saltar à fogueira. Como não pode deixar de ser, também as pessoas destes bairros iam à Feira de Santiago: “Olha, o primeiro ordenado que eu tive gastei com esta minha amiga na pista dos carrinhos. Na feira que era aqui em baixo, no Largo José Afonso. Ali é que era feira.”

Além da feira, ali na zona havia o “Zé do Carrossel” e na Anunciada havia “os cavalinhos da Stella Maris”. De tempos a tempos o circo passava na cidade, mas muitos dos moradores não tinham dinheiro para o ingresso. Então havia “2 ou 3 irmãos que andavam com os cães, com os paus... e agente arranjava 5 tostões e eles faziam o circo para a gente. Quem não pagasse levava porrada”, era o circo possível.

Diferentes gerações têm memórias distintas das brincadeiras na rua. Uma participante com 30 anos diz: “quando era miúda andava por ali pela zona, do Bairro dos Pescadores ao Casal das Figueiras e brincava na rua. E uma das coisas que fazia era ir ao moinho (uma ludoteca)

passar o dia, ia a pé e encontrava outros tantos miúdos pelo caminho e lá íamos. Outra coisa que me marca, era nós a brincar na rua, e de repente, vinha à janela uma mulher e gritava connosco: ‘O meu marido esteve a trabalhar a noite toda e vocês aqui a fazer barulho’ e nós fugíamos à corrida.” As mulheres também marcam as memórias de quem brincava na rua: “mulheres de um lado para o outro, iam ao café, iam para casa. Andavam muitas vezes de bata, nunca deixavam de trabalhar, sempre de mangas arregaçadas. Mas ainda assim, sempre a brincar com as crianças, a meterem-se com os miúdos na rua.”

“Nós não, no meu bairro é a gente!”: as expressões

Uma moradora partilhou uma memória das suas vivências nestes bairros: “às vezes as vizinhas viam-nos na rua e diziam: ‘Menina, faz lá aí um mandado à vizinha’ e davam-me dinheiro para a mão. E eu ia, quando chegava com os mandados e devolvia o dinheiro e as vizinhas diziam ‘não, fica com a demasia.’”

Na sequência desta partilha, uma participante realçou as expressões utilizadas: “estas palavras caíram em desuso. E hoje em dia não se sabe o que é. Por isso é que me irrita solenemente quando vêm com os estrangeirismos quando nós tínhamos palavras tão bonitas, tão ricas no nosso vocabulário português e não as irmos buscar e estarem completamente em desuso.”

Toda a cidade é muito conotada com o sotaque charroco, como se mencionou na conversa “Quando as pessoas me conhecem a primeira vez dizem, ‘Setúbal, sarrdinha e carrapau?’. O charroco, de facto, está muito presente nestes bairros. Além da acentuação dos “erres” nesta zona há um vocabulário e um conjunto de expressões muito ricas que marcam a fala de quem aqui foi criado.

Uma das moradoras presentes conta-nos como estas expressões se tornam mais notórias com a interação com pessoas de fora da cidade “Quando eu trabalho é mais pessoal de Lisboa, Barreiro, Almada e eu digo ‘a gente’, e eles dizem ‘Oh Isabel, a gente?’, e eu ‘Tão é quê?’ ‘É nós!’ ‘Nós não pah, no meu bairro é a gente e é a gente!’ Às vezes, começam-me a criticar quando eu digo assim: ‘Olha fui para a bicha’, e respondem-me ‘Para a bicha? Ai não miga, para mim é para a fila.’ Mas para mim, uma bicha é muita gente.” Ainda outra

moradora menciona como nesta zona as mulheres tratam todas as pessoas por “miga ou pariga”, independentemente do género.

A forma de falar é também um elemento que se destaca, como contou uma moradora: “Muitas pessoas acham que somos rípidos, mas é a maneira de falar, somos espalhafatosos. Parece que estamos sempre a discutir. Chegámos a ter um intercâmbio em Itália, em Turim, e achavam que estávamos sempre a discutir. Porque a falar somos expressivos.” Esta fala fez outra participante contar o que ouviu em relação aos moradores do seu bairro: “eles são rudes, mas são boas pessoas.”

Enumerar todas as expressões evocadas durante a conversa seria uma tarefa extenuante, mas deixamos aqui algumas delas para despertar a curiosidade: “Ahua”, como é que se explica? É “ahua!” É como o “abe já a boca!”, “Apanhar a caminete!”, “Apah pariga”; “Fumar bea”; “Já anda o chumbo por cima da cortiça”...

É impossível traçar a origem destas expressões e de condensar em poucas palavras o seu significado, pois quase sempre são ambivalentes no que toca ao seu sentido. O que queremos destacar é que esta forma de falar português pode ser vista como fazendo parte de uma contra-cartografia linguística.

Esta zona da cidade acolheu-nos durante a conversa, daqui saímos com uma visão sobre os bairros e também sobre a Setúbal, mas sobretudo sobre pertença e união. Como disse uma moradora: “Acho que há união entre as pessoas, se houver qualquer problema as pessoas são unidas e protegem-se. E se ouvir falar mal do bairro a gente defende, somos os primeiros a falar mal, mas a defender também.”

“Mas é melhor que não descubram muito isto, se não estragam.”

Casarão: associativismo e identidade social

João Santana da Silva e Eupremio Scarpa

O mundo moderno, nascido após a Revolução Industrial e os processos de urbanização, trouxe novas formas de convívio e sociabilização que já não eram exclusivas apenas das classes sociais mais privilegiadas. A população passou a ver a sociedade civil como um espaço no qual se pode e deve intervir, não só política ou socialmente, reivindicando direitos, mas participar nos processos mais básicos do quotidiano. A partir do século XIX, vingou a ideia de que juntos, os indivíduos são mais fortes. O Centro Promotor das Classes Laboriosas chamou-lhe, em 1853, “o espírito de associação; essa mola real da civilização”⁽¹⁾. Frequentar, fundar ou pertencer a uma associação passou a ser uma forma natural de ser cidadão, essa nova figura da sociedade.

Portugal, e Setúbal em particular, seguiram processos semelhantes. As associações passaram a ser a alavanca de muitas formas de participação. E sob as mais variadas formas. As associações de classe e as cooperativas permitiam o auxílio mútuo nos piores momentos dos trabalhadores. As sociedades filarmónicas eram espaços onde o operário aprendia a tocar um instrumento musical e a pertencer a uma sinfonia (literal e em sentido figurado) que tocava nos momentos importantes da comunidade. Nas sociedades recreativas tanto se jogava e passava o tempo a conviver como se aprendia a ler, se lia o jornal (ou se via televisão, quando esta surgiu) ou se juntava a grupos dramáticos, representando peças que exprimiam a identidade coletiva ou mesmo o desagrado com o poder. Nos clubes desportivos, um serralheiro ou um operário conserveiro entrava em campo para jogar, com as mesmas regras, contra estudantes e bancários, indo os seus balneários além do uso pelos atletas e servindo toda a população do bairro.

Tomemos, como exemplo, algumas associações do bairro de Casal das Figueiras. Ainda o Vitória Futebol Clube competia em Lisboa e o distrito não tinha sido criado, já o Sporting Clube Figueirense (fundado a 1 de Junho de 1924) representava o bairro, como o clube de todos os figueirenses, nas pelepas contra os de Vila Maria, de São Domingos, do Bairro Santos Nicolau e outros. Era com o Figueirense que os rapazes do Casal das Figueiras iam aos Arcos lembrar os do Bonfim e do Avenida, mais centrais, que o bairro existia. Mais tarde, com o desaparecimento deste, surgiu um novo Figueirense (1957), que se veio a fundir com o Marítimo do Viso para a criação da União Desportiva Recreativa Casal das Figueiras, em 1999. Antes disso, a força do 25 de Abril inspirou a população a tomar o seu destino nas mãos. E maior exemplo disso não existe do que a multiplicação das comissões e associações de moradores. Não é uma coincidência que a Associação de Moradores do Casal das Figueiras tivesse nascido a 1 de Julho de 1975...

Falar desta associação, como de outras do seu género, em Setúbal é falar de locais de convívio, de identidade, de pertença, de participação, de crescimento. É falar de escolas de democracia. No “Casarão” (essa casa cujo teto todos abriga no bairro) aprende-se, pois, a ser cidadão.

(1) Citado em Maria Alexandre Lousada, “O ‘espírito de associação’ em Portugal: dinâmica social e legislação (1820-1926)”, em *Anarquismo, Trabalho e Sociedade. Livro de Homenagem a João Freire*, AAVV (Lisboa: Almedina, 2017), 97-119.

Conversa #3

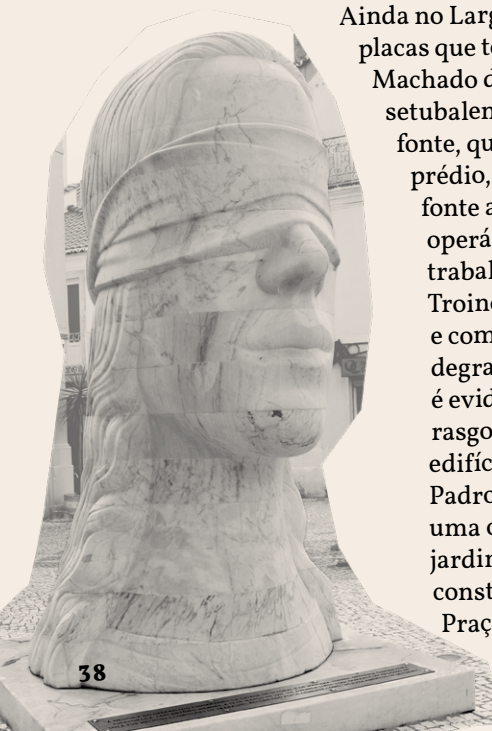
Baixa de Setúbal

2 de Abril de 2022

*O que é o centro da cidade?
Estar, criar, consumir, privatizar?*

Juntamo-nos no Largo da Fonte Nova, sentados nos bancos junto à estátua da Mariana Torres. Estar ali impeliu-nos a falar sobre a história de Mariana, uma operária conserveira, figura de proa da greve de Março de 1911 na qual se reivindicava melhores salários, uma das primeiras “lutas sindicais no feminino em Portugal” como descreve o historiador Álvaro Arranja. A greve foi prolongada e, na sequência de um protesto em plena Avenida Luísa Todi, Mariana Torres foi assassinada pela recém-criada GNR. Levantaram-se questões sobre a localização da estátua e a escolha de representação desta conserveira, por estar vendada, ao mesmo tempo que se falou de importância de ter representações dos “anónimos da História”.

Ainda no Largo foi notada a presença das várias placas que toponímia cunhou como Praça de Machado dos Santos, mas que na boca dos setubalenses é o Largo da Fonte Nova. Essa fonte, que hoje está sem água e engolida por um prédio, passa despercebida. Falou-se de outra fonte ali perto, a fonte da Xaroca, onde tantas operárias paravam para se lavar depois do trabalho. Durante a caminhada pelas ruas do Troino cada pessoa foi parando, reparando e comentando. O contraste de prédios degradados com os prédios recuperados é evidente. Reparámos num pinheiro que rasgou as paredes e cresce pela racha de um edifício. Observámos a capela de S. Marçal, Padroeiro dos Bombeiros e, mais à frente, uma oliveira rodeada da palavra paz. No jardim junto à Caritas vemos o chafariz construído em 1697 que foi retirado da Praça de Bocage e colocado ali. A Avenida



22 de Dezembro parece marcar o fim do Troino e o começo daquilo que popularmente se designa por “baixa”. Desembocámos na Praça de Bocage, estava sol e a praça tinha pessoas. Sentámo-nos debaixo da nova pala, denominada “Espaço Rio”.

Centro O que é o centro da cidade? Uma das perguntas que nos estavam na cabeça quando pensámos em conversar nesta zona da cidade. Quando chegámos à Praça de Bocage um dos participantes disse: “O interessante da caminhada é o ter terminado aqui (na Praça do Bocage) e o contraste entre vários centros: Av. Luísa Todi como um centro aberto e todos os bairros por onde passámos têm ruas mais pequenas, mais fechadas. Depois, há este centro mais comercial.”

Mas o que é que define o centro? Cada pessoa participante acabou por dar uma ideia diferente do que é o centro. Por um lado, houve quem destacasse o centro como polo comercial da cidade, que já não é, tendo neste momento se transformado em espaço de convívio.

Outra pessoa procurou uma explicação histórica e topográfica, dizendo: “Ainda pensando na questão do centro, a Praça do Bocage chamava-se Praça do Sapal, porque aqui havia um Sapal, ou seja, um pântano. A primeira zona que foi aterrada e transformada em zona urbana foi aqui.

No Largo dos Combatentes
a Ribeira do Viso

Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro
(PT/AFAMR/FAR/NTR/07601)



desagua na Ribeira do Livramento que vai desaguar no Rio Sado... E não há muitos anos, há 70, 80 anos ainda havia essas ribeiras. A cidade estava dividida pelas Ribeiras. Esta parte da Ribeira do Livramento era uma parte da cidade considerada mais nobre, o centro, por assim dizer. Os Paços do Concelho eram aqui, as repartições das finanças eram aqui. As coisas mais importantes: a Igreja, a Sé... Dizem que o início da cidade foi deste lado." É nesta zona onde encontramos vestígios mais antigos da cidade, como ruínas romanas, e onde há vestígios da primeira muralha da cidade, e as principais igrejas, o que demonstra a centralidade do lugar noutros períodos históricos.

Ainda assim, reflectiu-se porque razão a Fonte Nova já não é considerada centro apesar de estar muito próxima da Avenida Luísa Todi, mas a Avenida dos Combatentes sim, por exemplo. Falou-se da abertura da Avenida por comparação às ruas mais fechadas do Troino e de como, mesmo a paredes meias, há fronteiras invisíveis: "e eu tendo vivido na Avenida dos Combatentes não me lembro de ir à Fonte Nova, então como é que se constroem as divisões? Há linhas que nos distanciam." Outra participante tem, no entanto, uma experiência diferente pois, morando no Viso "ir ao centro implicava descer, e começava logo a partir do momento em que era chão plano." Ou seja, tinha necessariamente de passar pela Fonte Nova para chegar à Avenida Luísa Todi.

Não conseguimos chegar a uma conclusão sobre o que é o centro de uma cidade ou sobre quantos centros tem uma cidade. Em toda esta zona conflui o poder político, com edifícios estatais e camarários e o poder económico com inúmeras sedes de bancos. Mas não pode ser apenas isso que define um centro. Para uma das participantes é algo mais: "O centro é o coração, é o que faz bater as cidades e quando o coração definha a cidade também definha."

“Cidade antiga”: Fonte Nova e Troino

Víamos a caminhar da Fonte Nova e do Troino e aquilo que vimos e experienciámos também foi povoando a conversa. Estes eram bairros que albergavam sobretudo a classe piscatória da cidade, principalmente as pessoas de ascendência algarvia, mas hoje são mais diversos.

Era uma zona de água: “o Bairro de Troino ficava entre a Ribeira do Viso, a Ribeira do Livramento e o Rio Sado. Estas ribeiras entretanto foram tapadas.” E a água estava também presente nas fontes que lá havia, que eram ponto de convívio: “não existia aquele prédio que está ali agora, era só a fonte e um quintal por trás e juntávamo-nos ali até às tantas da manhã. Quando vinha a guarda, a malta fugia pelas travessas e pelas ruazinhas, mas voltava outra vez ao mesmo. Passávamos ali até às 4h/5h da manhã, e às vezes a cantar...”

Um bairro também se pode experienciar pelas memórias que herdamos de outras pessoas: “O meu avô tinha uma loja no bairro do Troino. Estando com os avós a ideia do Troino e da Praça de Bocage não é algo que tenha vivido, mas uma ideia transmitida por terceiros, do que terá sido, ou do que foi. Da padaria que havia no Largo Machado dos Santos, da peixaria, dos personagens, das relações de parentesco, isso tudo...”

A Igreja da Anunciada foi sendo outro espaço de encontro no bairro: “Ali na Fonte Nova, foi o sítio onde eu comecei a participar no teatro, mais precisamente na igreja da Anunciada. Havia lá um núcleo engraçado de gente nova e como não havia outro sítio íamos para lá, não quer dizer que fôssemos muito religiosos porque não éramos, mas aproveitávamos as instalações e fazíamos lá o nosso teatro. Entretanto deu-se o 25 de Abril, e quisemos correr com o Padre de lá, como se fosse possível, naquela altura parecia que era possível. Conclusão, nós é que fomos corridos!”

Os bairros mudaram ao longo das décadas. A Fonte Nova é um dos pontos onde o turismo gastronómico tem maior expressão. As casas estão a ser remodeladas, novos comércio e vivências emergem. Hoje, Troino e Fonte Nova são descritos como “bairros tradicionais” e a sua traça característica faz com que sejam vistos como reminiscências de uma Setúbal antiga, como uma participante mencionou “era onde ia ver a cidade antiga... Há uma casa na rua da

SEIES⁽¹⁾, uma casa antiga, lembro-me de ter de fazer trabalho sobre azulejos na escola e de ter de visitar umas casas ali, e alguns ainda lá estão. Sempre que ali passo sinto que estou num bairro antigo.”

Memórias da praça e da baixa

Praça de Bocage, é o que consta nas placas toponímicas, mas para a maioria das pessoas de Setúbal trata-se da Praça do Bocage. Talvez a diferença na proposição se relacione com a familiaridade que a maioria das pessoas que vive nesta cidade tem com esta Praça. Não é de estranhar que toda a gente tivesse partilhado memórias deste lugar e de toda a baixa.

Como foi lembrado na conversa, a Praça do Bocage já foi Sapal, já foi zona de salga de peixe e já foi cemitério. Hoje é uma praça sem circulação automóvel, mas alguns ainda se lembram da rotunda à volta da estátua do Bocage. Era onde estavam os Paços do Concelho e outros edifícios camarários. À volta, havia relva e era local de convívio de famílias que iam com as crianças dar milho aos pombos. Houve quem ali tivesse dado dos seus primeiros passos: “Também foi onde a Rosa deu os primeiros passos ali em cima da relva a correr atrás dos pombos. De repente larga-me as mãos e começa a correr.”



Em toda a praça, existiam diferentes cafés que eram espaços onde diferentes grupos se reuniam: Café Central, Brasileira, Arca Doce, Moderno, Cervejaria Canoa, que na sua maioria deram lugares a bancos. O Café Central estava localizado precisamente onde nos encontrávamos. Era um ponto de encontro, convívio e tertúlia. Nele juntavam-se várias pessoas da cidade ligadas “à esquerda” e algumas figuras marcantes da cidade como o Luiz

Arquivo Fotográfico Américo Ribeiro
(PT/AFAMR/FAR/NTR/04311)

Pacheco (escritor) que durante os últimos anos da sua vida fez de Setúbal a sua casa ou o velho Dimas, acordeonista, preso político e co-fundador do Círculo Cultural. Outra participante, mais jovem, já só conheceu o espaço do café como pizzeria: “Eu lembro-me que quando começámos a poder sair da escola para fazer almoços e coisas assim, começámos a vir para esta pizzeria que era aqui... era sinónimo de que eram mesmo crescidos. Eu tenho memórias boas desta pizzeria.”

O Círculo Cultural de Setúbal era bem próximo, Rua de Trás da Guarda, onde hoje encontramos a Casa da Cultura. Foi um espaço de cultura e luta anti-fascista. Um participante comentou a relação de proximidade entre o café A Brasileira e Círculo Cultural, criando-se assim dinâmicas de entre-ajuda. Já em democracia o espaço acolheu a primeira casa do Teatro Estúdio Fontenova. Um outro participante, mais novo, teve o primeiro contacto com o TEF precisamente nesse lugar e foi lá que começou “nas lides da música que ainda hoje perduram e onde fiz vários amigos, onde ensaiei, onde demos dois dos nossos concertos.” Foi mencionada importância desta colectividade para a cidade, a nível cultural e político. Nesse sentido, e imbuído no espírito deste projecto, que pretende a apropriação dos espaços públicos, emergiu inclusive a ideia de propor que a Rua de Trás da Guarda se fosse intitulada de Rua do Círculo Cultural.



Jornal O Setubalense, 9 Outubro 1974

A estátua do Bocage marca o centro desta praça e é cenário da memória de muitos. Um episódio foi partilhado: “Lembro-me uma vez, na Praça do Bocage, não me lembro bem o dia, não sei se foi no 1º de Maio... sei que o Vasco Gonçalves, que era o Primeiro Ministro nessa altura, decretou ou propôs um dia de trabalho, em que toda a gente trabalharia *pro bono* para aumentar as finanças públicas porque o país estava mesmo na bancarrota. Havia sanções económicas, na altura chamava-se embargo... havia o embargo dos outros países porque

aqui estava a surgir qualquer coisa de muito esquerdista. Nós, jovens, não tínhamos trabalho e não podíamos dar dinheiro ao governo, então inventámos uma coisa: viemos limpar a estátua do Bocage. A estátua do Bocage está limpinha, mas na altura estava negra e cheias de lismos, fungos e cagadelas de pombo, quase nem se via o Bocage. Então viemos para aí fazer a limpeza ao Bocage. Há fotografias disso. Havia um fotógrafo ali na Rua Frei Agostinho da Cruz, onde era um bar, o Caracol, que tinha tirado uma série de fotografias e essas fotografias estiveram na montra. Havia fotografias da malta pendurada nas escadas.”

Memórias mais recentes falam da praça e da baixa enquanto zona comercial da cidade: “Quando era pequena vinha comprar sapatos à baixa. Sentia uma liberdade muito grande enquanto adolescente em Setúbal, de poder andar por aí. As memórias que tenho como escuteira era de vir passear, comer um *croissant* ou ir à Valenciana. Hoje esforço-me por ir fazer compras à baixa...”. Por seu turno, outra pessoa conta que achava esta praça “uma zona de passagem”, não era zona para conviver”. Só com o tempo é que foi descobrindo a forma de conviver nos cafés ou frequentando o Círculo Cultural.

Falou-se muito de memórias de cada uma, mas também aquilo que se escolhe lembrar a nível de poder público. Nesse sentido várias participantes mencionaram como há memórias da zona que não têm qualquer marcação ou indicação: “há uma memória central e hegemónica que apaga a todas as outras, porque muitas pessoas vinham aqui à pizzeria que não faziam a mínima que era o café central. E hoje em dia vão ali à Tasca do Choco Frito e nem sabem que era uma barbearia de um anarquista. O McDonalds era um dos cafés mais nobres de Setúbal que era o Esperança. E apaga-se essa memória.” No seguimento mencionou-se a contestação popular quando o *McDonalds* quis retirar o painel de azulejos que lá está, tendo sido parado.

Cada pessoa mencionou diferentes espaços desta zona que frequentaram: salão de jogos onde é a farmácia Sália; o Clube de Campismo; a Casa do Benfica; as lojas Jaime Rendas; a Casa da Cultura... Houve quem ainda se lembrasse do senhor que vendia bicicletas de arame à porta da Igreja de S. Julião.

Uma participante disse: “Diferentes grupos habitam diferentes partes, mas estão todos muito próximos e centralizam aqui.” Ou seja, a tendência, ainda hoje, é esta praça ser uma zona de confluência.

“As cidades são corpos vivos e falam connosco”

Os centros da cidade são talvez os maiores espelhos de mudança e transformação. Se observarmos e escutarmos bem, notamos como **“a cidade também fala connosco”**, como uma participante disse.

As ruas apertadas que caracterizam zonas históricas foram sendo adaptadas a novos usos, sobretudo com a massificação do carro, como um dos presentes fez questão de notar: “acho que há um aspecto que tem a ver com a transformação da cidade para acomodar o carro. A criação de grandes avenidas que rasgam a cidade a torto e a direito. A Av. General Daniel de Sousa, que passa ao pé do Pelourinho, para ser feita foram demolidos dois ou três edifícios, uma parte de um quarteirão. As ruas de Troino eram inteiras até à Fonte Nova só que, entretanto, romperam para fazer a Avenida e para ligar à Av. Luísa Todt.” O planeamento urbanístico toma, então, lugar no debate pelo poder que tem de alterar a malha urbana. Todavia, há usos quotidianos que podem desencontrar-se com aquilo que foi desenhado no papel: “As ruas são criadas artificialmente e tantas vezes atravessamos em sítios que não são passeadeira, mas é muito mais natural... Quem desenhou decidiu pôr a passeadeira ali. Quem pensa ou desenha as cidades será que pensa em quem anda nelas, ou as habita, ou experiencia?”



A mudança nas cidades e suas zonas centrais é constante. Além do processo de adaptação das redes viárias, nas últimas décadas os centros foram transformando-se radicalmente como se falou durante a conversa. Se numa primeira fase se deu o abandono da baixa com a criação de novos espaços comerciais, hoje despertam-se novos interesses e o centro atrai novos usos.

A memória de um centro em decadência está muito presente, sobretudo entre quem trabalhou no comércio local: “Trabalhei na última loja de música, de CDs que havia aqui na baixa, a Vitrola, do senhor Fernando, que era um DJ da cidade. E acho que aí foi o tempo que me liguei mais à baixa, conhecia as pessoas todas das lojas, e as tais dores, que quando fechava uma loja que já estava ali há tantos anos... e que vinha uma loja sobre a futura gentrificação. Passámos ali na antiga Jaime Rendas, que toda a gente conhecia como a Russa, que hoje em dia é a Ale Hop, que é uma loja de plástico. Vivi muito tempo ligado ao comércio da baixa já em plena decadência.”

Hoje vemos como à nossa volta a maioria dos usos do espaço público envolvente parece ser mediado através do consumo. É um consumo também característico dos novos tempos, o comércio local foi desaparecendo progressivamente e simultaneamente foram surgindo lojas *franchising*. Ao que se questiona: “Como é que podemos propor para que tenhamos um uso do espaço que não seja só consumo?” Recuperam-se edifícios, abrem novas lojas e espaços, proliferam esplanadas mas há, como foi consensual entre as presentes “uma linha ténue entre a recuperação de um espaço e a sua elitização.”

Discute-se então sobre o “imensurável processo de gentrificação que leva à degradação dos centros urbanos” e como tem afectado, ou não, Setúbal. Durante a caminhada no Troino e na Fonte Nova vimos muitas obras, alojamentos locais e novos estabelecimentos de comércio. Quem se lembra do bairro há uns anos diria que está ser recuperado. Mas parece ser à custa de um **processo de gentrificação em curso**, sobretudo quando nos apercebemos dos valores das rendas das casas que expulsam as pessoas residentes. Uma participante fez questão de notar que: “é uma zona que, apesar de tudo, não está nada

gentrificada. Há uns elementos como haver alojamento local, mas ainda há roupa a secar nas varandas e quando há roupa a secar as coisas ainda sobrevivem”. No entanto, outra participante falou das características das casas e das pessoas moradoras mais antigas ainda viverem sem condições básicas como um chuveiro enquanto ao lado se restauram casas e alugam por preços exorbitantes, criando um forte contraste, e tornando cada vez mais difícil habitar na zona. Um dos participantes partilhou um episódio: “Vi uma casa pintada de verde, impecável, com o friso pintado de azulejo e lá em cima está o pintor na varanda. E eu: ‘Então tu moras aí? Grande pinta’, ‘Eu? Eu não, sou só o pintor, eu já fui corrido de três casas aqui no bairro. E estou em risco agora de ser corrido.’ É significativo este processo que se vê no bairro.” Este processo é cada vez mais comum aos centros da cidade, no qual o “tradicional” e o “típico” tornam-se do interesse do turismo ou de outras classes sociais em buscar de viver uma vida mais *cosmopolita*.

Estes processos que ocorrem nas cidades têm implicações em quem nelas vive, impactando inclusive emocionalmente e nos corpos. E se propomos um pensamento crítico face a estas novas geografias metropolitanas reconhecemos, também, que uma característica incontornável da cidade é a mudança, como uma participante tão bem expressou: “Curiosamente, posso dizer que sim, que hoje me sinto parte integrante desta cidade e quando alguma coisa desaparece aqui já me dói. Então, acho que quando pertencemos a uma cidade é o que nos acontece. Neste caminho por aqui, já fui sentido algumas dores de alguns lugares que foram mudando, mas também acho que temos de ter uma perspectiva das **cidades que são corpos vivos** e que não podem permanecer exactamente iguais, e que a grande contradição que eu também sinto é entre o que muda e o que fica e o que devemos guardar e o que pode ficar.” A questão que colocamos neste projecto é precisamente que caminho queremos trilhar para essa mudança.

A cidade que são várias

Afonso Anjos

Não é fácil dizer porque gostamos do sítio A ou do sítio B, tão pouco é fácil dizer o que nos leva a preferir uma cidade em detrimento de outra, da mesma maneira que não nos é imediato dizer porque nos sentimos melhor numa parte da casa do que noutra. A verdade é que isto se verifica em quase todos aqueles que não são nómadas. Conceito que, curiosamente, passou de pejorativo a moda em tão pouco tempo... Talvez seja interessante pensar que os nómadas modernos mudam constantemente de sítio sem sair do mesmo sítio (que diferenças existem hoje entre Berlim, Madrid, Paris ou Lisboa? Cidades cada vez mais (des)povoadas por gente sem raízes e com uma relação pobre com a história?)

Por outro lado, há aqueles que estão sempre no mesmo sítio, mas que aí vivem muitos sítios diferentes ao mesmo tempo.

Setúbal, e aqueles que aqui resistem presos como carvalhos a esta terra, são um pouco assim. Com pouco mais de uma dezena de kms ao longo do rio e menos ainda na perpendicular, são vários sítios num só. Quem cá morou uma vida, consegue fazer um mapa mental da cidade e dizer que não há sítio da cidade que lhe escape. Ora, não será bem assim, é certo, mas a cidade que achamos habitar será mesmo a cidade que habitamos ou a cidade que habita em nós? Ou



um pouco das duas? Seja como for, dicotomias de parte, cada pessoa que cá mora tem uma relação própria com os espaços que conhece, por isso a cada espaço físico haverá uma miríade de espaços igual ao número de pessoas que por lá passa ao longo dos tempos.

Para mim, há um continuo urbano que é essa Cidade que contém todas as cidades que conheço. Essa cidade vai do Troino à baixa. Talvez não por coincidência, mas é tudo aquilo que está dentro das já destruídas e quase esquecidas muralhas fernandinas. Era o casco que estava protegido dos piratas. No século XX, o navio corsário deixou de meter medo e a o barulho da máquina fez -se ouvir acima das violências vindas do mar, embora sem por isso ter arrumado a fome e a miséria na prateleira da História. Assim, a cidade 'rebentou', e é hoje um organismo vivo. O Troino, sim, é esse sítio inquieto e pachorrento, de dia ou de noite, onde as pessoas sabem as relações familiares umas das outras, onde os carros se acotovelam para caber nas ruas, e as pessoas falam da janela cá para baixo e vice-versa.

Mora e sempre morou naquele bairro, o meu elo com o passado, com os tempos em que um avanço civilizacional trouxe uma carrinha que levava para longe os dejetos de cada família, os tempos das fábricas de conserva e do mar sem peixe, ou com os tempos de esperança do pós-25 de Abril, dos movimentos populares de ajuda e solidariedade. O bairro hoje transfigura-se. Como noutros sítios e em outros campos da vida, procura-se mercadorizar uma comunidade. Mas há-de resistir. Quando chegamos ao bairro há uma cabeça de mulher de olhos vendados que desafia o único casarão nobre do bairro. Não está lá por acaso.



Conversa #4

Parque Urbano de Albarquel

3 de Abril de 2022

Espaços naturais, conservar ou cuidar?

Espaços urbanos e naturais, que co-existência?

Partimos do Jardim da Beira-Mar, com ponto de encontro junto à estátua do São Francisco Xavier, o padroeiro da cidade. Mais uma vez, a maioria das pessoas participantes decidiu dispensar a caminhada, talvez por ser a maior em distância. Percorremos toda a frente ribeirinha da Beira-Mar ao Parque Urbano de Albarquel (PUA). Do lado do rio observamos o Clube Naval, os armazéns de apetrechos de pesca, a antiga lota onde hoje é o Mercado do Rio Azul, a lota, a doca, o plano de reparações, os cacifos dos pescadores, o jardim e a Praia da Saúde. Do lado direito restaurantes, cafés, esplanadas dominam a paisagem, amiúde surge um ou outro tipo de estabelecimento. Era um domingo solarengo de Primavera, embora o vento se fizesse sentir, as pessoas estavam a aproveitar a frente ribeirinha para diferentes fins. Desaguámos no PUA que estava igualmente repleto de pessoas que ocupavam a relva. Participámos nessa ocupação, estendemos toalhas no chão em círculo e começámos a falar, desafiando os presentes a contarem alguma história sobre o local ou a zona envolvente.

Da Toca do Pai Lopes ao Parque Urbano de Albarquel

Uma das participantes começou por relembrar que a zona era conhecida pela “Toca do Pai Lopes”. Hoje já não se vislumbra essa toca, que chegou a ser abrigo de famílias que não tinham casas, mas entre as gerações mais velhas esse será sempre o nome deste recanto. Onde hoje é um Parque Urbano (inaugurado em 2008) no século passado havia um parque de campismo.

A mudança de nome não foi feita sem haver algum questionamento, como é relembrado: “a malta da pesca tem outra forma de olhar a frente ribeirinha e não compreendem o nome Parque Urbano de Albarquel. Dizem: ‘Querem dar outro dêem, mas não digam que

é a Albarquel porque a Albarquel não é ali.' E tanto que eu quando falo com essas pessoas muitas vezes digo o antigo parque de campismo ou a Toca do Pai Lopes. E, de facto, nem há uma ligação daqui à Albarquel a não ser quando a maré está vazia, não é?". Outro participante diz que compreende porque colocaram essa denominação: "porque Albarquel sempre teve um peso maior do que a Toca do Pai Lopes, mesmo em termos de reconhecimento, depois porque inicialmente o plano era ligar o parque à Albarquel via marítima", plano que nunca se concretizou.

Na conversa, poucos são aquelas que se lembram do espaço antes da sua reconversão. Algumas tinham amigos que frequentavam o parque de campismo e recordam-se da contestação quando anunciaram o seu fecho. Outras lembram-se do espaço já desactivado, para onde iam dar mergulhos ou acabar noites de festa, ainda que para tal tivessem de saltar cercas e vedações. "Este espaço em concreto era um espaço privado que eu também não tenho ligação absolutamente nenhuma ao antigo tirando algumas vezes quando nos portávamos mal, bebíamos uns copos a mais e ficávamos até altas horas da noite na Avenida e depois entrávamos aqui à socapa e íamos ao banho."

A criação do Parque Urbano foi, de acordo com a opinião de uma participante, uma forma de devolver este espaço à cidade que, assim, é aberto a todas as pessoas: "Aqui acho que foi uma mudança muito benéfica. Tivemos aqui um espaço devolvido a todos, não é? Foi um espaço que foi bem recuperado nesse aspecto." Essa recuperação consistiu num parque com diferentes valências e equipamentos com grande mais-valia de ter uma praia. Ao longo dos anos o espaço foi sendo apropriado pelas pessoas e várias são as memórias que têm o PUA como cenário. De namoros a festas de anos, de mergulhos a piqueniques, de filmagens a concertos, o espaço foi tendo diferentes usos.

Estas conversas, mais do que partilha de memórias afectivas em torno dos espaços, também servem de reflexão sobre os mesmos. Aqui não foi excepção. Como dissemos "Quisemos ter umas das conversas mais próximas da natureza. Também para reflectir como é que a natureza está presente num espaço urbano ou espaço citadino e de que forma é que é planeada e que natureza é e porque é que há essas

escolhas?” Tal deu mote para questionarmos: “O que é que define um parque urbano e um jardim?”, à qual não chegámos a uma resposta.

Todas as pessoas reconheceram que é um espaço com qualidade. Mas, como disse uma participante: “se calhar podíamos ter mais qualquer coisa. Acho que há uma coisa que fica sempre um bocadinho de fora nesta cidade quando se pensa os espaços: é a cultura. De facto, podíamos ter aqui um grande palco, eu quando digo um grande, não digo um grande palco em termos de dimensão, mas se calhar um palco virado para o rio. Acho que podia haver aqui uma *blackbox*. Ok, há o desporto, sim. E depois onde é que está a cultura?” Na sequência, outro participante mencionou como Setúbal podia ter à beira-rio um equipamento parecido ao CCB, podia ser um CCS, Centro Cultural de Setúbal. Pensar e intervir na cidade também implica projectar, ainda que em conversa, aquilo que gostaríamos que a cidade fosse e parece consensual o papel que os espaços públicos podem ter.

“O rio é espaço”

Nesta conversa o rio Sado estava presente e foi também um protagonista de muitas das memórias partilhadas. Actualmente continua a ser motivo para a construção de novas memórias, convocando sentidos: “A minha memória daqui é já como Parque Urbano de Albarquel. Mas os meus filhos terão uma memória, eles já conviverão com isto. Quando eu os ia buscar ao infantário para descansar daquela barulheira toda nós vínhamos para aqui, desligava o carro e dizia ‘Meninos vamos dizer olá ao rio, vamos cheirar o rio, vamos ouvir o rio’. Portanto eles hão-de ter essa memória um dia.”

Numa cidade como Setúbal a frente ribeirinha assume particular importância, sendo que foi mudando ao longo das décadas. Há quem se lembre que no sítio onde hoje é a Praia da Saúde, em tempos foi um estaleiro, onde se trabalhava, como o pai de um dos participantes. Outras recordam-se da praia com uma “data de cordas pelo meio”, e dos banhos lá tomados. “Ia ao banho no estaleiro mesmo com os objectos cortantes no fundo. Mas não importava, nós estávamos lá com os familiares, eles estavam a pintar os

barcos que estavam lá encalhados ou a arranjar e era maneira de nós passarmos o dia na praia sem termos grandes amarras. E para mim aquilo vai ser sempre o estaleiro, é raro dizer a Praia da Saúde.”

É incontornável pensar em Setúbal como a “cidade do rio Sado” uma vez que foi determinante para o desenvolvimento da própria urbe. Mas um dos participantes afirmou: “estava aqui a olhar para o rio enquanto vos ouvia e estava a pensar que o rio também é espaço. Normalmente olhamos para o rio enquanto fronteira, mas pelo menos eu tive o privilégio de que o rio fosse espaço.”

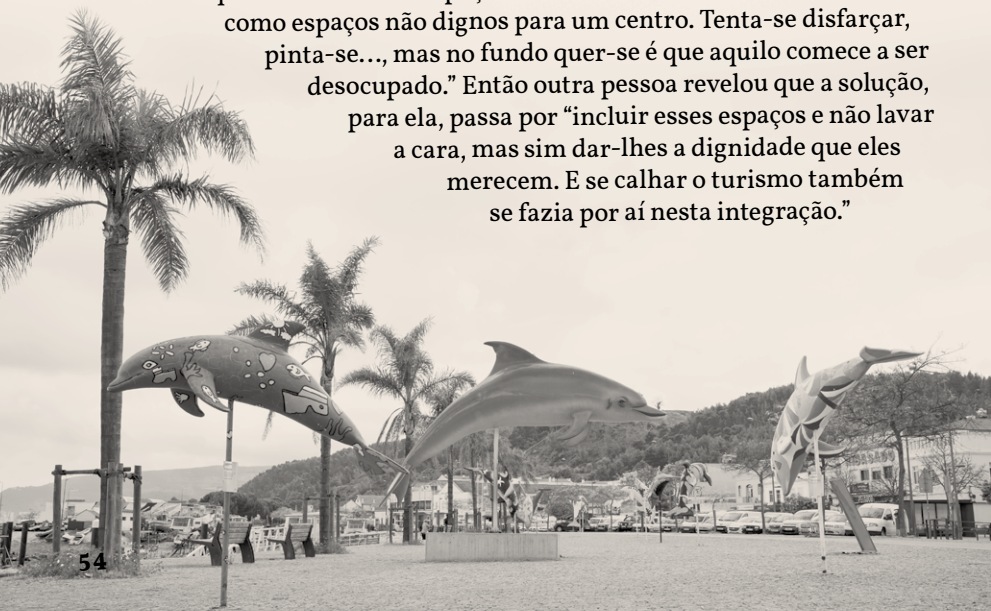
Nesse seguimento, uma das participantes falou da relação dos grupos humanos com o rio, o papel da memória e do acto de cuidar: “Fala-se muito do uso dos ecossistemas e o uso do rio. Um dos trabalhos que eu fiz eu avaliava o impacto das atividades humanas, nomeadamente da agricultura, e uma amiga minha da área da sociologia avaliava os outros usos, a memória no Alentejo. Os rios mais danificados eram aqueles que as pessoas tinham menos memória. Cruzávamos os dados que eu tinha da estrutura das árvores, da poluição... e ela fazia uma entrevista com as pessoas que viviam ali à volta. E as memórias têm um papel muito importante. Portanto é muito triste quando se fala em usos, normalmente, os usos quando são legislados têm quase sempre a ver com dinheiro, dinheiro que se perde ou com o dinheiro que se pode ganhar. E é importante exatamente por isso ouvir as pessoas. É importante ouvir e é importante este lado emocional porque quem não quer saber não cuida. Portanto esta afectividade é importante para o querer cuidar.”

Esta observação fez-nos falar e pensar sobre o planeamento da frente ribeirinha, os usos e a relação emocional com o Sado. “Este rio foi espaço e durante muitos anos e mesmo a nível urbanístico nunca foi bem pensado dessa forma. Há esta expressão antiga: ‘A cidade vive de costas voltadas para o rio’, o que é que isto quer dizer? Não é a cidade que vive, têm se posto coisas entre a cidade e o rio: prédios, divisões...” Verificamos uma relação quase paradoxal de uma cidade que se desenvolveu devido ao Sado e, simultaneamente, está pouco relacionada com ele, ainda que nele emergjam várias emoções e memórias.

Em tempos, o jardim da Beira-Mar era o único espaço de lazer na frente ribeirinha, o que demonstra esse afastamento. Como

foi recordado “era onde a malta se juntava toda já adolescente.” O facto de uma cidade numa baía ter tido durante muitos anos apenas um espaço de fruição voltado para o rio é, como foi dito, “uma marca de como a cidade estava de certa forma dividida e virada de costas para o rio porque esta extensão toda de beira-mar, desde a Mitrena até ao Outão, a população de Setúbal só tinha aquele bocadinho ali do Jardim da beira-mar que são o quê? 200 metros. Tanto para lá como para cá não havia mais. Daqui até à Mitrena praticamente não tens acesso. De lá para cá conseguiu-se aqui este bocadinho, desde a lota dos pescadores até à Albarquel.”

A requalificação da frente ribeirinha foi elogiada, mas ao mesmo tempo levou-nos a pensar nas mudanças e como os espaços de lazer e turismo estão a dominar, tirando lugar aos espaços de trabalho da pesca, por exemplo. Nesse seguimento uma participante questionou: “mas queremos então que a pesca sirva só para se tirar fotografias aos barcos? O bilhete-postal? O pitoresco? Temos um exemplo dos cacifos dos pescadores. É um espaço que é de trabalho, mas que está ali numa zona privilegiada. No entanto, não tem praticamente obras de quem tem a sua tutela, é um espaço que está muito degradado apesar das pessoas pagarem para lá ter o seu armazém. Então decidiu-se pintar por fora com um grafitti, mas por dentro continua degradado. Como é que se prefere lavar a cara de um espaço sem o requalificar? E estes espaços de trabalho continuam a ser vistos como espaços não dignos para um centro. Tenta-se disfarçar, pinta-se..., mas no fundo quer-se é que aquilo comece a ser desocupado.” Então outra pessoa revelou que a solução, para ela, passa por “incluir esses espaços e não lavar a cara, mas sim dar-lhes a dignidade que eles merecem. E se calhar o turismo também se fazia por aí nesta integração.”



Apesar da frente ribeirinha permitir hoje um maior usufruto do rio, é por intermédio do lazer e do consumo, nem sempre acessível a todos. O rio, segundo um dos intervenientes, é cada vez menos espaço e mais entrada para indústria e comércio: “as travessias hoje em dia são só ou nos *ferryboats* ou nos *catamarans* e antigamente toda a gente tinha acesso ao outro lado do rio nem que fosse porque conheciam alguém que tinha o avô ou o tio ou o pai que era pescador. E as pessoas chegavam à doca e: ‘Ah, pode-me dar boleia para o outro lado?’ E isto era frequente.”

“De repente ficámos sem a Tróia”

Estas memórias do Sado incluem, necessariamente, Tróia. Quem nunca lá foi diz-nos: “nunca fui a Tróia. Nunca fui à praia, nem sem ser à praia. E é engraçado que eu olho e parece muito distante e não parece muito convidativo. Parece caro. Mas gostava de eventualmente ir a Tróia criar lá memórias.”

Todas as restantes participantes colecionam várias memórias de Tróia, umas mais e outras menos felizes. Memórias que se foram esbatendo porque nos anos mais recentes a distância entre as duas margens do Sado aumentou. Falar de Tróia é, também, falar de perda: “De repente ficámos sem a Tróia”, como foi dito.

Em conjunto com a Albarquel, Tróia era a praia das famílias setubalenses “também me lembro de ir para a praia com a minha mãe é a memória que eu tenho. Realmente nos últimos anos acabei por ir menos. Sim parece caro e é caro. Não é nada convidativo olhar para ali. Efectivamente não é.” Como foi dito, hoje existem travessias de barco que permitem fazer a ligação Setúbal-Tróia, mas o preço dos bilhetes afasta grande parte da população de Setúbal “hoje em dia paga-se uma pequena fortuna para atravessar este rio para Tróia”. Mas há quem se lembre “dos bilhetes a 25 escudos e a serem rasgados para o rio e do outro lado eram atirados os tremoços.”

A Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia é outro fenómeno que liga Setúbal a Tróia. Duas pessoas falaram da festa que se realiza em Agosto e que consiste num acampamento nos areais da Caldeira de Tróia: “o meu avô fez parte das comissões de festas anos e anos. Eu era miúdo e cheguei a dormir no Palácio que já estava em

ruínas, mas o pessoal da comissão ficava lá com as famílias.” Para esse palacete está projectado um “Hotel de Charme” que, apesar de tudo, ainda não foi concretizado, mas é uma ameaça à continuação da Festa, que é “um bastião de resistência”. Um dos momentos altos dessa Festa é o Círio, como se recordou: “Passava sempre por aqui na altura da festa da Tróia, porque no final da festa os barcos fazem a volta, os barcos vão abençoar o Outão e depois vêm margem fora deixar as imagens dos Santos e voltar à cidade. Então passava sempre por aqui e via as pessoas com os paninhos brancos, tenho essa imagem presente. Esta margem toda tenho memórias imensas.” Ainda hoje, aquando da procissão se juntam milhares de pessoas na margem para ver os barcos engalanados. Durante o fim de semana, em que há a Festa de Tróia, como foi afirmado, “a Tróia é do povo⁽¹⁾.”

A Tróia do povo incomodava muita gente. Como alguém recordou, em tempos, um dos “donos de Tróia” chamou a Setúbal: “margem pobre e malcheirosa do rio Sado” e, para muitos, o preço dos barcos é uma forma de manter afastado o povo de Tróia. As razões do afastamento

(1) Referência ao livro *Quando a Troia era do Povo* do colectivo de alunas/os da Escola D. João II.



são mais complexas que isso e um dos participantes defendeu “há uma falta de compromisso entre as duas autarquias. Não se pode só responsabilizar a Câmara Municipal de Setúbal ou de Grândola. Acho que há um interesse daquele lado, há um interesse deste lado e devia haver um compromisso para devolver porque é incrível como é que nós, do nada, num espaço de dez anos, perdemos realmente o acesso às praias, seja economicamente, seja o acesso.”

Esta conversa transportou-nos para uma miragem que volta e meia surge na cidade: a ideia de construção de uma ponte para ligar as duas margens. Tentou-se perceber as razões que têm adiado esta construção, houve quem evocasse questões ambientais e outras que mencionaram que é mais proveitoso economicamente ter um porto de águas profundas. Por fim, um participante disse: “eu acho que a ponte tem sido adiada porque os malcheirosos não fazem bom ambiente ali daquele lado. E não é por acaso que o *ferryboat*, que leva os carros daqui para lá foi desviado lá para baixo. É mais um afastamento. Para que os pobres e malcheirosos daqui, não tenham acesso ao Resort de alto turismo que eles querem continuar a ter ali e para esse não precisam de pontes nem auto-estradas.”

A praia não pode ser privatizada, é um espaço público, um bem comum, mas o acesso a ela é cada vez mais condicionado, como o caso de Tróia tão bem exemplifica.

Há muitas formas de haver privatização dos espaços e de afastar as pessoas que pretendem usufruir deles.

“Corpo terra”: preservar ou cuidar

Falar do parque, falar do Sado e falar de Tróia leva, necessariamente, a uma reflexão sobre os espaços naturais e a nossa relação com eles. Um parque urbano no sopé da Serra e plantado à beira de um estuário é, para muitas, a forma de contacto com estes elementos. Como foi reflectido “ainda há a ideia de que o ambiente é uma coisa fora de nós, ou seja, esta coisa que nós não somos ambiente. Nós também somos este corpo terra... Mas pensamos desta forma cartesiana, em dicotomia, em oposição binária,

que isto é aqui e nós somos outra coisa e como não pensamos numa unidade é sempre muito difícil esta relação próxima.”

Esta forma de pensar culmina, muitas vezes, num distanciamento que reduz o contacto com a natureza a espaços como parque e jardins. Para isto também contribui a forma como se veda acesso ao parque natural, tendo-se dado o exemplo da Comenda e dos trilhos e caminhos que foram fechados com vedações com arame farpado.

Cada vez há uma maior consciência ambiental e, necessariamente, falou-se das ameaças que vários espaços naturais em Setúbal estão sujeitos. Uma participante que nos acompanhava online aproveitou o momento para denunciar: “A qualidade do ar também deixa muito a desejar e as pessoas deixam que isso aconteça, quando já começam a perceber o valor desta, que é uma das melhores cidades do País. Se fazem dragagens megalómanas como é que não dá para fazer uma ponte por questões ambientais?”

Na sequência, comentou-se o caso de um rio na Nova Zelândia (Whanganui River) que adquiriu um estatuto legal de pessoa não humana podendo ser representado legalmente. Tornou-se então imperativo questionar: que voz tem o rio ou a serra para reivindicar os seus direitos? Adquirir estatuto legal podia ajudar na preservação ambiental? Mais uma vez não temos respostas, mas muitas vezes importa mais lançar as perguntas do que achar verdades absolutas. Nesse seguimento falou-se da sensibilização ambiental: como é que se passa a mensagem às pessoas?

A conversa decorreu num bonito parque urbano naquela que está classificada uma das mais belas baías do mundo, com a Reserva do Estuário de um lado e o Parque Natural da Arrábida noutro. É, portanto, um lugar marcado pela biodiversidade. Na caminhada observámos uma cidade cada vez mais virada para o turismo, aproveitando estas características. Mas do parque vemos a Península da Mitrena e toda a zona industrial de Setúbal; dentro do rio passam navios cargueiros. Muitas setubalenses temem que as já mencionadas dragagens resultem na transformação do rio numa auto-estrada. Um participante

disse que talvez “a parte industrial de Lisboa passe para aqui”. Outros demonstram preocupação com a Secil a funcionar em plena Serra.

Perante isto, um dos intervenientes na conversa afirmou: “Setúbal nunca se definiu: se era uma cidade turística ou se era uma cidade industrial. Aqui nós temos a relação directa com o espaço do rio, mas depois temos uma fábrica de cimento na Serra.”

Ao que uma outra participante respondeu: “Eu acho que nem deve ser só uma coisa nem deve ser só outra. Isto é muito tramado porque é necessário o equilíbrio. Tu não podes tirar a parte industrial toda aqui porque senão tens desemprego a subir porque há muita gente aqui que directa ou indirectamente vive disto. Eu não quero uma cidade turística como Vilamoura. Estou a falar enquanto cidadã. Portanto é um equilíbrio difícil. Eu acho que quem decide está lá porque os cidadãos escolhem. E eu acredito muito na participação dos cidadãos, acredito no nosso poder, no povo, no voto, na democracia. [...] Vários processos foram parados porque as pessoas contestaram. Acho que é importante termos um papel de decisão porque é nosso, eu digo isso muitas vezes aos miúdos. Há umas décadas ninguém falava de ambiente. Tu não tinhas programas políticos com uma parte ambiental. Porque é que agora tens? Porque lhes interessa? Não. É uma coisa que agora está na agenda porque partiu das pessoas. Partiu de uma reivindicação. Portanto é isso, eu acho, que está na nossa voz aquilo que será decidido. Isto pode ser um bocado utópico, mas olha, ainda acredito.”

No meio da conversa também surgiu a memória das lutas contra a co-incineração e a pedreira da Secil: “Eu acredito, eu sou pelas utopias, mas vejo a Secil... tentámos lutar contra aquele cancro e pintaram de verde e continua lá...” A justificação centra-se nos postos de trabalho que dão, mas, para algumas das presentes, é uma justificação falsa, porque a maioria desses postos de trabalho são em condições precárias.

Então, surge uma reflexão: como é que de facto a população pode reivindicar e cuidar dos espaços envolventes e do seu corpo-terra? Como um dos intervenientes questionou: “Como é que o povo que não toma decisões consegue cuidar?”

“Quando a gente ama, é claro que a gente cuida”

Rute Vieira

Pediram-me para participar nas conversas fiadeiras do Teatro Estúdio Fontenova e eu não podia recusar. Primeiro porque se há alguém que gosta de dar à língua sou eu, e depois, porque era um convite do TEF e não lhes consigo dizer não.

O tema eram os espaços naturais dentro da cidade, como cuidar e preservar. Inevitavelmente falámos do rio, da serra, de Tróia e das nossas memórias do passado nesses locais, do presente (o minuto que acabou de passar já é memória) e do que pensamos vir a ser as memórias do futuro.

Eu venho das ciências e por defeito (ou virtude, ou ambas) a minha perspetiva sobre o espaço que habitamos, nós gente, espécie humana da ‘subsubsubespécie’ setubalense é enviesada pela visão pragmática de que a ação humana induz uma dinâmica no espaço que parece que o tempo não acompanha. As memórias dos meus filhos já são diferentes das minhas e as dos seus filhos mais diferentes serão e está tudo bem com isso, é natural que assim seja.

Eu ia para Tróia com a minha mãe e não ficávamos muito longe do cais para não correr o risco de perdermos o barco de regresso e atrasar o jantar. Com a minha irmã ia para a bola de Nivea, eu era a coqueluche que ela tinha de levar de atrelado com os amigos na sua adolescência. A Arrábida era o destino da volta de domingo depois de almoço antes de nos sentarmos em família a ver o Justiceiro na TV, e mais tarde das atividades dos escuteiros. O rio Sado era e é aquela entidade onnipresente que mesmo que não olhemos sabemos que está lá e isso conforta-nos. Isto deve ser aquilo que quem tem fé chama de deus. Os meus filhos já tiveram uma Tróia marcada pela presença dos avós paternos, com um casino e a diversão de descer aquelas escadarias a correr ou as idas noturnas à praia pelos passadiços à procura de raposas. A Arrábida percorrem-na de carro mas a referência é a fenda onde fazem escalada com o pai. O rio continua sempre lá, é ao pé dele que falamos de tudo e onde ficamos em silêncio a “ouvi-lo” antes de ir para casa.

É comum agora ouvir-se falar em serviços de ecossistemas, ou seja, o que é que um determinado ecossistema (sistema onde os seres vivos interagem entre si e com o espaço que habitam.

Pode ser um sapal, um montado, uma floresta, uma pradaria marinha, etc) nos pode oferecer, que recursos poderemos retirar dele e em que medida. Se pensarmos numa cidade como um ecossistema urbano, um dos seus usos pode e deve ser a qualidade de vida de quem a habita, mas para isso é preciso cuidar.

“Quando a gente ama, é claro que a gente cuida”. Gostar de uma cidade, do nosso “habitat urbano” não pode ser um ato platónico e passivo. Tem de ser interventivo, com voz e com ação. Temos de perceber o que queremos que a cidade seja e o que precisamos dela para a nossa vida e às vezes estes pontos divergem. Queremos uma cidade onde possamos trabalhar e também ter a nossa casa? E queremos uma cidade onde TODOS possam trabalhar e ter a sua casa? Queremos parques para os nossos carros ou queremos mais passeios e espaços verdes? Queremos mais espaços de cultura ou mais espaços comerciais? Estamos dispostos a andar de transportes públicos? Queremos mais turismo, mais indústria, ou mais serviços? Dificilmente haverá uma resposta fechada para estas questões e é na tentativa de equilíbrio entre todas que está a solução.

Na conversa que tivemos referi o quanto acho importante a participação de todos na construção da cidade que queremos e isso implica participar em sessões públicas de discussão, intervir e dar contributos junto das entidades locais, questionar, procurar informação, votar! Compreender os limites de jurisdição legal do território e quem o gere, para onde vão as taxas municipais que pagamos, como é feito o processo de recolha seletiva do nosso lixo (não, ele não vai todo para o mesmo contentor), ou saber interpretar o resumo de um estudo de impacto ambiental é tão importante como preferir o comércio local e os mercados, andar mais a pé ou avisar se um ponto de rega está a ir para o passeio em vez do canteiro... Isto tudo é cuidar e só nos cabe fazer o que está ao nosso alcance na medida que conseguirmos, mas é importante intervir. Com conversas fiadeiras, por exemplo.



16 de Abril de 2022

Conversa #5 Bela Vista

*Quais os trajectos de quem habita?
Que cruzamentos, acessibilidades,
circulações e mobilidades?*

Numa tarde de Primavera, em que as águas deram tréguas e o sol aquecia a pele, rumámos ao bairro que tem como nome a data da Constituição Portuguesa: dois de Abril. É esse bairro que acolhe a sede Junta de Freguesia de S. Sebastião e foi lá o nosso ponto de encontro. À sombra de árvores vestidas de crochet, resultado de uma actividade de um grupo de seniores da Junta, íamos ouvindo risos e conversas dos moradores e moradoras na esplanada e bancos circundantes. Formado um pequeno grupo iniciámos a caminhada rumo a um dos pátios da

Bela Vista. Não tínhamos um percurso definido e foi com as pessoas que moram na zona que decidimos o caminho a percorrer.

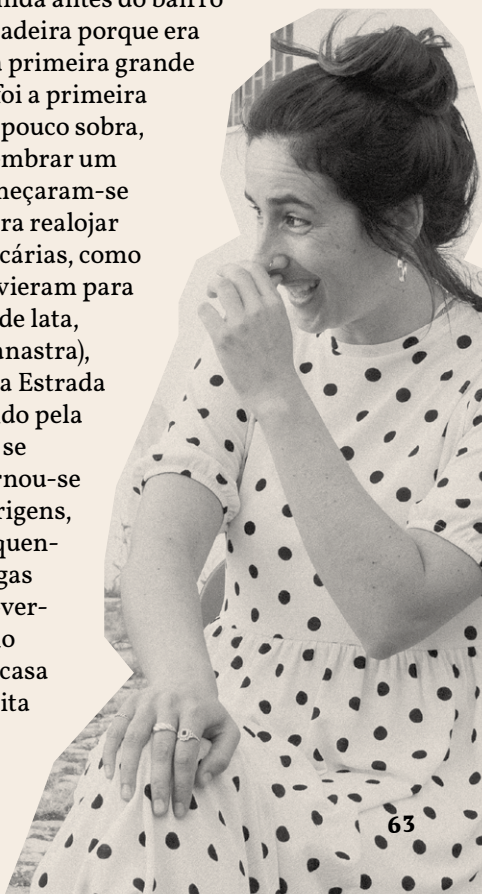
Passámos por trás dos prédios “verdes e brancos” e desvendam-se aos nossos olhos acolhedores pátios e largos. O bairro tinha um antigo centro de saúde que agora é um posto da cruz vermelha. Também ali está sediada uma companhia de teatro. As chuvas de Primavera e o sol fizeram despontar o “mato”, ou seja, a vegetação espontânea. Chegadas à Bela Vista, passámos pelo polo da Biblioteca Municipal, que já foi sede das primeiras reuniões do programa Nosso Bairro, Nossa Cidade. Comentou-se a importância de haver um equipamento assim na zona. Entrámos num dos pátios onde estava o resto de grupo à nossa espera. Além de nós, o pátio tinha crianças a brincar, adultos de passagem ou junto ao café. Nos corredores, várias pessoas a aproveitar o dia ameno para tratar de algumas lides domésticas, outras só a averiguar o que se passava ou a usufruir do dia. Ocupámos o espaço e começámos a conversar.



Bairros

Nesta zona existem vários bairros, cada um com as suas particularidades, mas também com ligações. Na conversa mencionou-se a importância de não nomear toda esta zona da cidade como Bela Vista, como é comum. Esta conversa desenrolou-se na Bela Vista, mas num raio relativamente curto existem outros como: Alameda das Palmeiras, Forte da Bela Vista, Manteigadas, Quinta de Santo António, 2 de Abril, Pote D'Água, Tetra... poderíamos continuar a enumeração, mas optamos por deixar aqueles que foram mencionados no decorrer da conversa.

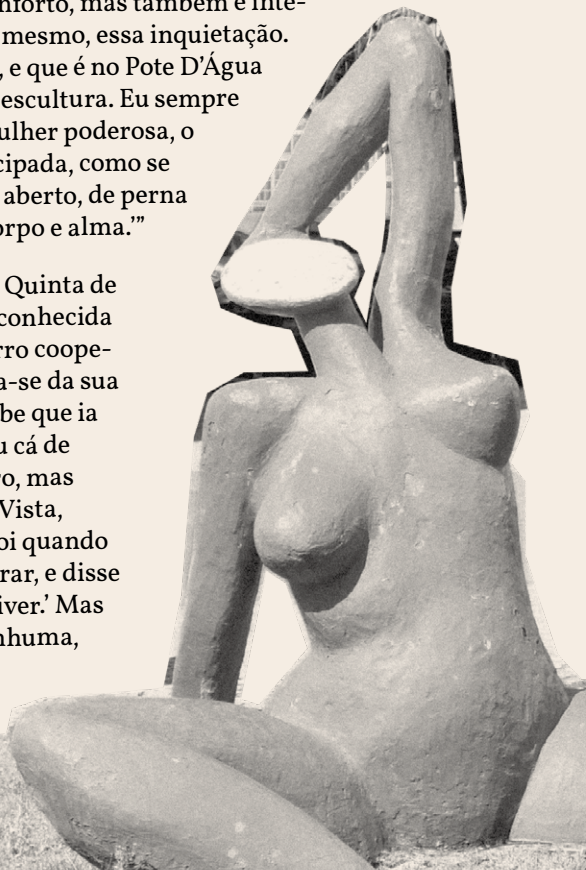
Começamos pela Bela Vista, o bairro que acolheu a nossa conversa. O nome indicia a posição privilegiada onde se encontra. De alguns pontos do bairro a vista sobre o rio é impressionante. Na conversa estava presente uma pessoa que ainda se lembra como era o território antes da construção dos edifícios: “Eu lembro-me deste sítio ainda antes do bairro existir, era um sítio de passeio e brincadeira porque era campo, era mato, tinha oliveiras... E a primeira grande intervenção foi a escola aqui ao lado, foi a primeira coisa a vir para aqui..” Deste campo já pouco sobra, talvez só o Parque da Bela Vista faça lembrar um pouco esta paisagem. Nos anos 80, começaram-se a projectar e construir estes bairros para realojar famílias que viviam em habitações precárias, como nos contam: “na altura, as pessoas que vieram para aqui eram de etnia cigana e em bairros de lata, como o Bairro da Liberdade (Cova da Canastra), como outro bairro de lata que era entre a Estrada de Santas e a Camarinha e foi atravessado pela Bento Jesus Caraça, tinha uma Rua que se chamava Azinhaga do Maltalhado” Tornou-se um bairro com pessoas de diferentes origens, como recorda um participante que frequentava a escola da Bela Vista: “Tinha colegas com os pais de origem angolana, cabo-verdiana ou timorense. Eu ficava fascinado com as casas deles. Cada casa era uma casa diferente e havia muito brio, havia muita cultura que eu não tinha contacto até ali. Aquelas estátuas de pau preto e aqueles móveis, que eram caríssimos



na altura porque aquela madeira era rara. E o brio que havia dentro das casas era uma antítese daquilo que eu já ouvia cá fora, não é? Que a Bela Vista é um bairro social e que as pessoas não têm onde cair mortas e, ao mesmo tempo, inclusive, era um contraste com a minha própria casa.”

Tínhamos também presentes duas pessoas moradoras no Pote D'Água e outras duas que já lá viveram. É um bairro cooperativo, cuja associação de moradores já foi muito dinâmica: “A Comissão de Moradores fazia acções interessantes, pintavam, no Dia da Criança, no Dia da Árvore. Foram momentos vividos e partilhados muito interessantes. [sobre a estátua da mulher azul] Ela estava abandonada lá na Serra por um artista francês que esteve por ali a viver e fez aquela escultura. Uma das acções foi trazer aquela escultura para ali [espaço verde entre a Rua Zófimo Ramos Luz e a Avenida Bento de Jesus Caraça]. Criou na altura algum desconforto, mas também é interessante porque a arte é isso mesmo, essa inquietação. Hoje quando falo onde moro, e que é no Pote D'Água há muito a referência àquela escultura. Eu sempre achei uma estátua de uma mulher poderosa, o poder de uma mulher, emancipada, como se dissesse: ‘Estou aqui de peito aberto, de perna aberta, sou uma mulher de corpo e alma.’”

Outra pessoa presente era da Quinta de Santo António, vulgarmente conhecida como CHE Setúbal, outro bairro cooperativo. Esta moradora recorda-se da sua primeira reacção quando soube que ia viver para esta zona: “Não sou cá de Setúbal, nem vivo neste bairro, mas tenho uma memória da Bela Vista, quando passei por aqui que foi quando vim visitar a casa onde ia morar, e disse ‘Ah, se é aqui, eu não quero viver.’ Mas não foi por saber história nenhuma,



foi por ver a estética dos prédios que eu não gostei, porque nem sabia nada do que se passava na Bela Vista.” Hoje revela que já tem outra visão fruto da vivência e do programa Nosso Bairro, Nossa Cidade⁽¹⁾.

Uma outra participante nasceu e viveu até aos 26 anos no bairro “dos verdes e brancos”, ou seja, no bairro 2 de Abril. Entre memórias duras de desigualdade social, recorda-se das dinâmicas do bairro, das brincadeiras de crianças e das músicas, frisando como era um bairro muito rico: “ali naquele bairro, havia tudo. Com as famílias timorenses, com as famílias angolanas, com as famílias ciganas... vivências muito ricas, muito diversas eram muitos encontros de culturas, de identidades. Era um *potpourri* e, na verdade, quero só dizer: ainda bem que nasci ali.”

Nestes bairros vemos como a rua é ainda espaço de brincadeira e várias memórias apontaram para isso: “E tenho muitas memórias sinestésicas diferentes. E uma das memórias que tenho muito relacionado com a vida no pátio e no bairro é, por um lado, nós entre nós a chamar-mo-nos e não eram nomes, nós fazíamos, tínhamos um grito de guerra que era, UH-UH-UHuhUH! Mas a gente não precisava de chamar ninguém, vinham quatro ou cinco cabeças logo à janela. Era sinal que já estava alguém na rua e estava a chamar os outros, era um chamado geral. Uma das coisas que me ficou é que cada patamar parecia que competia para ver quem é que tinha o melhor sistema de som. Então tenho muito presente estas memórias de sons, de muita brincadeira na rua, nós tínhamos sempre muita muitos sons associados às brincadeiras, ao Ró Ró, à macaca, e havia sons associados às brincadeiras.”

(1) Programa Integrado de Participação e Desenvolvimento da Bela Vista e Zona Envolvente, criado pela Câmara Municipal de Setúbal e que envolve residentes, serviços municipais e entidades sediadas nos bairros da Bela Vista, da Alameda das Palmeiras, do Forte da Bela Vista, das Manteigadas e da Quinta de Santo António.

Foto: Bere Cruz

Ainda sobre a memória relacionada com o som, um outro participante disse: “A primeira banda que eu tive, eu tinha catorze anos, e era eu, o Stelio, que era um timorense aqui do bairro, que era da minha turma, e o primo dele. E eles tocavam muito bem guitarra. E os timorenses aqui no bairro quase todos tocavam bem algum instrumento, principalmente guitarra. E eu lembro-me que tivemos uma semana e tal a ensaiar para um concerto qualquer que havia aqui na Escola da Bela Vista, e foi quando eu comecei a cantar.” Outra participante mencionou também que foi através de jovens da Bela Vista que começou a ter contacto com o movimento hip-hop e com o rap que por cá se fazia.

Monoculturas arquitectónicas

A habitação tem sido um problema crónico em Setúbal e noutros centros urbanos. Para colmatar o problema foram-se desenvolvendo diferentes projectos de realojamento que são expressão do tempo em que foram executados. Todavia, como se falou, resolver a questão da habitação não passa apenas por possibilitar casas dignas para as pessoas viverem. As opções de construção e os critérios de atribuição de casas são elementos cruciais no processo.

Habitualmente, os bairros de habitação social caracterizam-se por serem projectados como blocos de edifícios demarcados do restante espaço urbano, quer seja pela arquitectura, pelos materiais de construção, pela estética, pelas cores e/ou localização.

Um dos participantes reflectiu sobre a ideia de “normalização” subjacente a projectos de realojamento como aconteceu na Bela Vista: “assisti à construção deste bairro e logo nessa altura achei que a construção do bairro era errada. Porque, para já, um bairro todo igual, sem grandes diferenças arquitectónicas cria logo um estigma de que vai surgir qualquer coisa normalizada ao ponto de depois se tornar realmente num *queto*.”

Nesse seguimento, outro participante que frequentou o bairro em jovem corroborou: “A proximidade com este bairro era muito grande e eu não tinha bem noção de que isto era um bairro social porque eu também vivia num bairro social. Eu sempre senti que a Bela Vista foi feita de forma que não houvesse diferença, ou seja, não foi um bairro feito

para integrar ninguém. Foi um bairro feito para resolver uma questão muito rapidamente, o problema da habitação. Estamos a falar de um bairro inteiro pintado da mesma cor e isso tem uma energia adjacente, isso tem uma mensagem. E mais tarde, com aquelas questões raciais que vieram do ‘todos os diferentes todos iguais’... foi o melhor que se conseguiu na altura, não é? Não sei de que forma é que isto é a resposta ao problema da habitação em Portugal, ou talvez para o mundo fora, mas continua-se a fazer desta forma: há um problema da habitação, então vamos fazer um bairro todo da mesma cor e vamos enfiar as pessoas ali, e não é assim que acontece, não há integração na cidade.”

No caso da Bela Vista, como vimos, a localização afastou o bairro do centro. A arquitectura é também de destaque. Os prédios do bairro da Bela Vista (amarelos) foram construídos em bloco que perfazem quarteirões, sendo o acesso feito às casas através de corredores e escadas. No piso térreo há vazados que hoje são sede de associações diversas. Ao centro de cada quarteirão há pátios interiores.

Fazer a conversa neste lugar teve o objectivo de ocupar espaço público e proporcionar a experiência de estar nos pátios, uns pela primeira vez, outros não. Ao nosso redor, crianças brincavam e íamos vendo a família a assomar-se à janela para observá-las, os jovens circulavam e pessoas adultas sentavam-se nos bancos envolventes a conviver e outras junto ao café. Essa experiência e observação serviu de mote para uma reflexão sobre esta construção e o papel dos pátios.

Por um lado, uma participante mencionou como esta construção faz lembrar as “prisões americanas, porque há o pátio ao centro, os corredores para onde os presos vão, depois tem cada um a sua cela e estão todos voltados para aqui onde estão os guardas”, lembrando uma arquitectura em panóptico. Nesse seguimento, houve outra participante que acrescentou como apesar de poder ter esse lado perverso de controlo, promove também o contacto social, as relações de vizinhança e comunidade: “Este era um tipo de construção que faziam as pessoas comuns, as pessoas do povo. Ou seja, um pátio interior e as casas à volta. E a própria noção de praça surgiu deste conceito, das pessoas criarem um espaço. Normalmente era circular. E que era uma questão de comunidade, de ser comunitário. Se vamos para os centros das cidades não experienciamos nada disto. Não há pátios, não há

no pátio como o elemento que ao menos faz viver a rua, que é para fora, que é exterior. E eu vivendo num prédio ali mais próximo da Algodeia, eu não sinto tanto esta relação rua, tão próxima, tão visível, tão exterior.”

Este modelo urbanístico não é característico da Bela Vista ou de Setúbal. Por todo o país vemos bairros sociais que partem de um projecto uniformizador que tolhe riqueza em potência que existe em bairros como estes e limita as possibilidades de resistência. Assim, poderíamos pensar nestes modelos como monoculturas que segregam espacialmente as pessoas: “É muito interessante esta coisa da uniformização arquitectónica ou chamemos-lhe esta falta de diversidade, que eu lhe chamaria também **monocultura**. Porque nós temos monoculturas a nível agrícola, mas depois também temos estas monoculturas. E as monoculturas são péssimas para criar riqueza do solo. Mas também são péssimas a nível da nossa riqueza social. É muito mais interessante quando nós temos os cruzamentos, a diversidade existe porque nós nos cruzamos com outras pessoas. Então quando se cria uma monocultura e quando se fica simplesmente escondido num sítio... então também não vai criar o que quer que seja de resistência ou de resiliência.”

À flor da pele: as dores e as feridas de uma cidade

A criação de bairros de habitação social seguindo estes padrões de monocultura pode solucionar o problema urgente da habitação para as famílias, mas não esconde problemas sociais e, à bolina, pode intensificá-los.

Estes bairros são muitas vezes descritos como sendo “desfavorecidos”. É um adjectivo que pouco diz das reais condições socio-económicas em que vivem as famílias, que podem passar “uma semana a comer sopa de feijão... que o dinheiro nunca abunda” ou “ir pedir... Não era ir pedir os coentros, que isso é uma imagem romântica, mas era pedir alguma coisa para comer”, ou depender da boa vontade da vizinhança, como foi partilhado por pessoas que viveram na pele a desigualdade económica. E situações como estas acontecem porque “os ordenados não chegam, porque às vezes são uma merda”, como foi connosco partilhado.

Nesse seguimento, discutiu-se, a partir de experiências pessoais, os critérios subjacentes a apoios sociais como o Rendimento Social de Inserção (RSI) e de que forma podem resultar

numa exposição e humilhação que perpetua a segregação que pessoas dos bairros sociais já vivem: “eu acho que era importante trazer aqui era esta questão do rendimento mínimo, que devia dar outra dignidade às famílias”. Uma outra participante, que já trabalhou num gabinete que analisava a prestação de apoios sociais, deu a sua visão sobre o assunto: “As pessoas que estão com o RSI elas estão a trabalhar, elas estão noutra sítio a fazer biscates, se não, não vivem... vivem com cento e tal euros... São homens e mulheres que o destino lhes pregou partidas e que não conseguem viver de outra forma, e têm de ir buscar mais aquele complemento e acho muito bem. E eu fazia-me muita impressão o tratamento pidesco, e eu era contra...”

Ainda hoje predomina a ideia de que nos bairros sociais as pessoas “não querem trabalhar” mas foi questionado: “Será que as pessoas não querem mesmo trabalhar ou não têm outras hipóteses?” As condições em que as pessoas vivem e a falta de dinheiro pode resultar dos trabalhos precários, com salários baixos, ou da condição de desemprego, o que dificulta a subsistência básica e pode levar à “insustentabilidade das famílias”.

Esta vulnerabilidade económica não existe só na Bela Vista e essa condição de classe pode, inclusive, criar relações e pontes entre bairros dentro da cidade, como foi mencionado: “é precisamente esta questão de classe social que me liga aqui à Bela Vista. Quando me apercebi que as pessoas daqui viviam em constante precariedade para chegar ao fim do mês, à semelhança do meu bairro [dos Pescadores]”.

Todas estes problemas sociais têm expressão na escola. Uma das moradoras de um bairro próximos falou do estigma sentido pela filha quando mencionava ter frequentado a escola da Bela Vista: “A minha filha mais velha estudou nesta escola e quando andava na faculdade e teve muitos colegas que depois quando sabiam que ela tinha estudado aqui e mandavam bocas.” Ainda assim um outro participante mencionou como esta escola chegou a ser uma das melhores a nível nacional nos cursos de desporto. Nesse seguimento, uma outra participante mencionou como a escola que as pessoas frequentam pode perpetuar o mesmo ciclo e impossibilitar a mobilidade social.

À desigualdade económica soma-se a discriminação das pessoas racializadas e a segregação, como aconteceu na Bela Vista: “É um bairro que foi construído para resolver um problema habitacional e, ao mesmo tempo, não misturar as pessoas que vinham dos PALOPS, não misturar as pessoas que vinham das zonas de barracas, na cidade central. O que é que estamos a continuar a fazer mal e de que forma é que esta esta palavra que gostamos muito de dizer ‘integração’ está a ser bem ou mal feita...”

Esta conversa teve um grande pendor para a partilha de histórias pessoais sobre esses problemas, comuns a diversos bairros e à cidade “são feridas sociais e comunitárias, é importante fazermos isso em conjunto, também é um momento catártico. Chorarmos as dores sociais e as dores de uma cidade, que não fazemos... Acho que muitas vezes sabemos que isto acontece, mas não falamos sobre elas.”

O direito à cidade passa, também, por falar e pensar sobre estas e outras feridas sociais, que existem e são parte integrante de núcleos urbanos como Setúbal: “a partir do momento em que identificamos que existem essas feridas também já é mais fácil de podermos trabalhá-las, mesmo que não seja no exterior, ser em nós.”

Vales, fronteiras e pontes

A condição socio-económica faz com que muitos bairros sociais sejam alvo de estigmatizações no discurso público, o que contribui para adensar a exclusão social. Uma participante partilhou connosco a imagem que tinha do bairro antes de morar perto: “A imagem da Bela Vista era que era um dormitório... e o pior possível. Toda a gente falava mal, em todos os aspectos, os assaltos... Entretanto vim para cá morar. Assisti aqui a mandatos de captura ou a polícia a cercar as ruas. Entretanto, acho que está diferente daquilo que era há 30 e tal anos...” Outros comentaram como amigos têm um preconceito com esta zona da cidade. Não queremos aqui tirar conclusões baseadas em breves conversas e partilhas nem tampouco mascarar ou ocultar questões. Preferimos levantar outras: o que leva a que se crie esta imagem? E como ela perpetua?

Os meios de comunicação continuam a dar primazia a notícias que falam em criminalidade e marginalidade em bairros de habitação social, nomeadamente em Setúbal e no distrito, como foi mencionado na conversa. Desdobram-se notícias e reportagens que acentuam um estigma já existente, que associam pobreza à criminalidade. Falou-se que este estigma estava associado ao facto de municípios como o de Setúbal terem uma grande percentagem da população da classe trabalhadora e/ou ter muitos bairros sociais.

Nos últimos, um grupo de moradoras tem tentado mudar esta imagem e intervir activamente nos bairros onde moram: “Creio que o programa do Nosso Bairro, Nossa Cidade (NBNC) deve fazer muita diferença aqui e eu estou inserida nele e convivo muito nesses bairros da Bela Vista. E sei que o NBNC contribuiu muito para o bem-estar daqui, porque o programa tem como fim dar oportunidade aos moradores serem eles a decidir as coisas, há reuniões periódicas, e é o morador que escolhe e decide e a Câmara está para apoiar nas partes necessárias. E creio que isso deu um elo muito grande... e as pessoas mudarem a mente porque sentem-se com algum poder”. Este programa foi muito comentado durante a conversa porque permite às pessoas moradoras terem um papel activo e apropriarem-se dos espaços do seu bairro.

Bairros sociais continuam periféricos, quer socialmente, quer em termos de distâncias e acesso. Inclusive os transportes públicos continuam a ser deficientes e, neste caso, durante muito tempo nem o táxi fazia serviços dentro do bairro da Bela Vista. Muitas pessoas do resto da cidade nunca frequentaram a zona. Um dos participantes desabafou dizendo: “ainda sinto que há um vale entre Setúbal e a Bela Vista. Quantas pontes mais é que temos de construir para a Bela Vista fazer parte de Setúbal?” Com o decorrer das conversas somos levadas a pensar que este vale existe em muitas zonas da cidade e cria distâncias mesmo entre o que está perto. Então, uma outra participante rematou: “Às vezes estou aqui e digo assim ‘Caramba!’, porque tu queres de facto romper certas barreiras e às vezes é difícil. Mas eu acho que essas barreiras existem em todas as cidades e todos os lados.”

Esta ponte pode começar a ser criada pelo próprio acto de nos propormos a estar nestes bairros: “Eu estava aqui sentada e estava a sentir aquilo que se disse, de toda a questão dos elementos sonoros que aqui estão. Todas as diferentes sombras que foram aqui aparecendo, diferentes pessoas que foram surgindo. Então, e ao mesmo tempo, nós mesmas ou quem quer que seja, estamos a experienciar outra zona da cidade. Nem sempre estamos aqui durante duas horas. E acho que isso também é importante. Porque, mais uma vez, podíamos nem estar a fazer este espectáculo, mas vivendo cá, vivendo em Setúbal, acho que é interessante e importante termos conhecimento sobre todas as camadas e toda a diversidade e não-monoculturas de que Setúbal é feita.”

Vai andando, mane!

Luís Humberto Teixeira

Dei os primeiros passos no final da década de 70. Na década seguinte, comecei a explorar a cidade, quase sempre acompanhado de adultos, apesar da ocasional incursão em aventuras a solo ou com amigos da mesma idade. Ficou para sempre gravada na memória a vez em que, qual bando de pardais à solta, eu e outros putos do bairro onde vivia decidimos descer uma escarpa instável, atravessar duas estradas e uma via férrea com várias linhas e entrar por um buraco na rede do Porto de Setúbal para brincar aos espiões na zona dos contentores. Fomos rapidamente interceptados e o único pedido que fizemos foi que não chamassem as nossas mães, o que o funcionário compreendeu, pois também era filho de alguém e fora criança.

Andar a pé, de bicicleta (para quem a tinha) ou de autocarro era a norma. Havia chaços na família, mas ninguém sequer pensava em me ir levar ou buscar à escola, como hoje é hábito. Nem sequer me conduziam da cidade até às Curvas, percorrendo eu a Estrada de Santas durante alguns quilómetros pela berma, acompanhado de amigos e amigas, só para passar a tarde a jogar basquetebol na casa de um outro que plantara uma tabela no quintal.

Tendo o passe dos autocarros, quando havia furos nos últimos tempos de um dia de aulas aproveitava para me familiarizar com a cidade de outra maneira, estudando a melhor forma de chegar a casa à mesma hora enquanto experimentava carreiras diferentes daquela que me transportava de casa à escola e vice-versa. Digamos que eram “expedições não autorizadas superiormente” que alargavam o meu mapa cartográfico de Setúbal, e o meu conhecimento de expressões típicas como “apá, socê”, “ahúa” e “vai andande, mane”. E eu andava. Muito.

No início dos anos 90, já adolescente, podia sair à noite e vaguar por aí com os amigos, conhecendo melhor a zona ribeirinha e os seus bares. Afinal, era rapaz e a coisa era pacífica em termos de permissão para ficar na rua até tarde. Mas não escapei a assédios – como quando um homem num carro perguntou “quanto é?” a mim e a um amigo com quem eu conversava à beira da estrada, junto ao Parque do Bonfim, já bem depois da meia-noite.

Durante toda essa década, creio que não houve rua da cidade que não tenha palmilhado. Afinal, vivia no Bairro da Bela Vista e apaixonei-me por uma moradora da Quinta Alves da Silva, no outro extremo da cidade. À noite, os transportes já escasseavam e, não tendo eu muito dinheiro, a opção mais comum era regressar a casa a pé, cruzando-me com as prostitutas à espera de clientes na Avenida 5 de Outubro, os funcionários da recolha do lixo a esvaziar os contentores e outros trabalhadores nocturnos.

No final de 1999, arranjei emprego em Lisboa e o meu quotidiano alterou-se, tendo o carro ganho maior preponderância nas minhas deslocações. Quando regressei a rotinas mais locais, apercebi-me de que os transportes públicos eram cada vez mais espaçados e raros, e que eu tinha tanta coisa a tratar que os meus dias não se compadeciam com o andar a pé.

Assim, caminhar pela cidade tornou-se uma experiência menos frequente. Não sei se a culpa foi da entrada na vida adulta, com as suas responsabilidades e os seus

horários apertados, ou se fui eu que me tornei preguiçoso. Acredito que seja a primeira, porque quando tenho mais tempo continuo a fazer gosto em calcorrear as ruas.

Contudo, quando agora o faço, vejo menos pessoas a circular pelo seu pé. E claramente menos miúdos a explorar o território urbano como eu o fazia nos anos 80. Uma das exceções a essa regra foram dois miúdos com que me cruzei há alguns anos quando percorria a Avenida Belo Horizonte, no sentido Escarpas do Bairro Santos Nicolau > Bela Vista. Acantonados junto ao “moinho do Lidl”, eles sentiam-se incumbidos da missão de “controlar” quem entrava no bairro, qual defensores do mesmo. “Onde é que vais?”, perguntaram-me em tom de desafio. “Para casa”, respondi calmamente. “Não te conhecemos. És daonde?”, quiseram saber. “Dos amarelos de baixo, junto à escola. E vocês?”, devolvi. “Eu sou daqui de cima e ele é dos azuis”, respondeu um deles. “Prazer em conhecer-vos. Posso passar, então?”, questioneei, já meio a rir. “Sim, senhor, pode. Nós estamos a ver quem vem da cidade para cá e como não o conhecíamos...”, explicaram. “Alguém tem de fazer essa função. Continuação de bom trabalho”, desejei-lhes, antes de seguir o meu caminho.

E fiquei a pensar no “da cidade para cá”, como se estes bairros estivessem à margem, de certa maneira. E de como eu próprio usava aquela mesma expressão na idade deles, porque a cidade era aquele aglomerado lá em baixo, não as casas de gente pouco abastada daqui de cima, deste morro nascente. Que tem, de facto, uma bela vista sobre a baía, a serra e o morro poente, perto do qual viveu durante anos, sem eu saber, a mulher com quem vim a casar... e com a qual decerto vou continuar, enquanto houver estrada para andar.

Conversa #6

Miradouro de S. Sebastião

23 de Abril de 2022

*Sentir, integrar, usufruir, apropriar?
Reivindicar, ocupar, imaginar, projectar?*

A última caminhada teve como ponto de partida o Jardim Multissensorial das Energias, bem próximo do Bairro Santos Nicolau. Iniciámos a caminhada a atravessar o jardim e vento soprava, fazendo girar alguns equipamentos. Pouco nos demorámos na descida, apesar da vista privilegiada sobre o porto de Setúbal. Quando saímos do jardim, a chaminé de uma antiga fábrica impôs-se aos nossos olhos, seguindo-se de outra. Vemos, também, um grande outdoor de um terreno para venda que era composto por imagens da zona envolvente que capturavam, precisamente, estas chaminés. Nada nos parece por acaso. Na subida da Rua Camilo Castelo Branco vemos mais ruínas de antigas fábricas de conservas, numa delas trabalhou a avó de um dos participantes. Seguimos caminho e passámos pelas Fontainhas e pelas inúmeras esplanadas e restaurantes, que em tempos foram tascas, como se comentou. Subir a Ladeira das Fontainhas foi um desafio para as pernas, mas permitiu observar edifícios restaurados lado a lado com prédios em total degradação. Dobrada uma esquina, o Miradouro apresentou-se aos nossos olhos num bonito dia de céu azul. As esplanadas estavam repletas de pessoas e havia crianças a brincar nas ruas. Assentámos arraiais mesmo no Miradouro, tirando partido da sua estrutura.

Era a última conversa e as participantes já todas se conheciam. Ainda assim lançámos o desafio e começámos por falar sobre o que nos liga a este espaço e/ou aos que percorremos durante a caminhada e a partir daí fiou-se a última conversa.

Barreira ou escarpa?

Antes de iniciarmos a caminhada, estávamos no topo do jardim, junto ao portão. Tal levou-nos a comentar o facto de ser um jardim com grades e

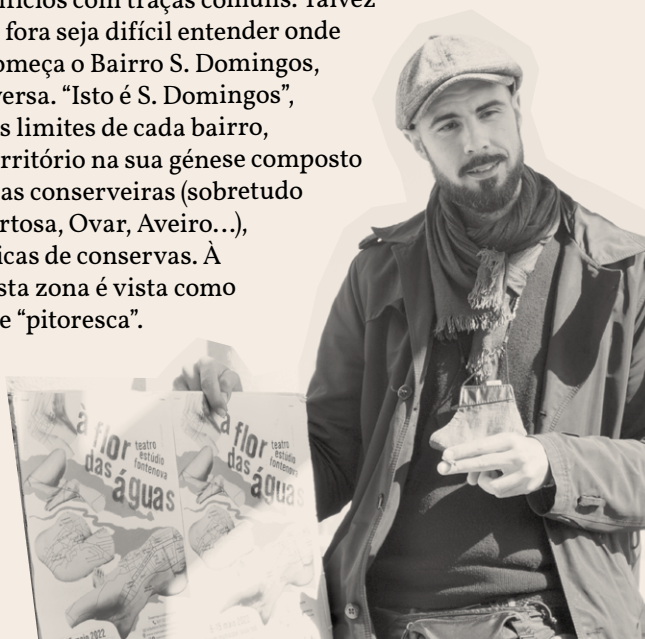
com um horário de abertura e de fecho. “Os jardins são espaços de ocupação ou passagem?” questionámos. Este jardim é recente, mas já acolheu a abertura de um Festival Internacional de Teatro de Setúbal, com um concerto de Fado Bicha, como recordámos.

É também um lugar com memórias mais recuadas. Em frente à entrada do jardim erguem-se edifícios que ocupam o espaço onde outrora havia um campo de futebol, no qual um dos participantes muitas vezes jogou. Hoje observamos que são construções que se impõem na paisagem e criam uma parede. Há uns anos, o terreno onde hoje está o jardim multissensorial era composto por “montes de areia e era onde nós íamos brincar, mandar torrões de areia uns aos outros, que não aleijava. E onde agora é um pequeno Miradouro, antigamente chamava-se o Monte da Morte, e não sei porque é que tinha esse nome, mas via-se os telhados todos das fábricas.”

Muitos nomes existem para os mesmos lugares. Ali ao lado há aquilo que se denomina Escarpa de S. Nicolau, porém quem viveu perto dá-lhe outro nome que também faz menção à topografia da zona: “Aquilo era tudo montes. Eles chamam escarpa, uma escarpa normalmente acaba no mar... mas aquilo era tudo terra e piteiras. Daí chamar-se a barreira.” Ainda hoje a nível popular o termo “barreira” predomina.

“Onde é que acaba um e começa outro?”

Durante a caminhada passámos por algumas ladeiras, ruas e travessas estreitas e edifícios com traças comuns. Talvez por isso para quem é de fora seja difícil entender onde acaba as Fontainhas e começa o Bairro S. Domingos, como se debateu na conversa. “Isto é S. Domingos”, ouviu-se. Não obstante os limites de cada bairro, falou-se de como é um território na sua génese composto por pescadores e operárias conserveiras (sobretudo de origem varina, da Murtosa, Ovar, Aveiro...), e ao redor, existiam fábricas de conservas. À semelhança do Troino, esta zona é vista como sendo a “Setúbal antiga” e “pitoresca”.



Do Miradouro observámos a actual Doca de Recreio das Fontainhas/Doca do Comércio de onde partem os *ferryboats* para Tróia e onde estão fundeadas várias embarcações de recreio. Outrora, era doca das Fontainhas, que acolhia embarcações de pesca: “Mais para cá eram os regalistas, como diz o meu avô, que já eram barcos de recreio. Do lado de lá, é que eram as embarcações de pesca. E daquele pontão para lá era tudo as barraquinhas das Fontainhas e do Bairro Santos. Foi onde eu passei grande parte da infância, ali nas redes, e a pescar com canas da Índia e trinta por uma linha e foi lá que aprendi a nadar “agarrado às cordas dos barcos.”

Depois ouviu-se: “as pessoas do Troino era na outra doca.” Cada comunidade piscatória da cidade tinha a sua doca e a sua festa. Ainda hoje se falam das rivalidades que havia: “Eles não se juntavam. Água com azeite.” Ao que se comentou que a linha do comboio era a fronteira. A festa daqui é a Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia, sendo um dos eventos que marca o bairro. Como foi falado durante a conversa, é também um momento que traz pessoas de fora: “a minha ligação aqui a este bairro tem talvez dez ou onze anos quando comecei a ir às festas de Tróia. Portanto aquilo que eu me lembro aqui é descer [da Igreja de S. Julião] a procissão até às Fontainhas para depois arrancar até Tróia. E também de acompanhar o peditório da festa aqui pelas ruas.”

Além desta Festa há quem se recorde dos Santos Populares: “era uma zona dos bailaricos naqueles larguinhos. Portanto, nos Santos Populares isto era um arraial pegado.” E de como as pessoas que aqui viviam: “eram, em regra geral, pessoas simpáticas e afáveis.”

As memórias sobre a presença de elementos relacionados com a cultura piscatória foram muito enunciadas. Inclusive, um dos participantes que cresceu no Bairro Santos Nicolau recordou: “toda esta relação com as Fontainhas, obviamente porque o meu avô tinha a barraquinha e o barco na Doca das Fontainhas e a minha vida era subir e descer a Ladeira das Fontinhas para ir buscar o peixe. Aqui, neste bairro específico de São Domingos foi onde a minha

mãe cresceu e foi aqui que o meu pai e a minha mãe se conheceram, nos bailaricos, entre os bairros.” Outra participante, recordou-se da ligação a S. Domingos: “Ao longo da vida fui sempre passando por sítios relacionados com o mar e com a pesca! Antes de ir para o Bairro dos Pescadores, vivi com os meus pais aqui muito perto e o meu pai trabalhava aqui em S. Domingos. Era um espaço onde eu vinha e havia sempre cheiro a peixe assado, à semelhança do bairro da família dos meus pais, portanto era sempre muito familiar.”

S. Domingos também reconhecido como o bairro do Bocage, como se mencionou: “É um bairro com uma estratificação diferente, é mais pobre, mas é onde está a casa do grande poeta de Setúbal, que é quase o ícone da cidade. E é onde está a casa Bocage que, durante muitos anos, não era sequer galeria.”

Outras memórias emergem já longe da dimensão piscatória. Na conversa falou-se do Café Leão que era um estabelecimento “normalíssimo”, de dia... à noite transformava-se: “aquilo era a Secreta. Para nós era a Secreta. Porque é que era a Secreta? A partir daí das dez e tal, onze horas da noite fechava a porta e ficávamos até às quatro, cinco da manhã, lá dentro. A beber... tertúlia, e tertúlia de esquerda e de informação contra o sistema. Na altura, isto já estou a falar em setenta e três/setenta e quatro. Entretanto deu-se o 25 de Abril, a Secreta ainda durou ali mais um ano ou dois, ou três, depois fechou porque, entretanto, a motivação que levava as pessoas a estarem ali começou a não fazer sentido. Já havia tertúlias em muitos sítios e já não havia necessidade de estarmos à porta fechada e a fazer as tertúlias.”

O Miradouro que nos acolheu também foi tópico de conversa porque estarmos nos espaços faz-nos pensar mais sobre ele. Nesse sentido, questionou-se a data da sua construção, tendo-se apontado para os anos 50 do século XX. No entanto, viemos a confirmar que o mesmo foi inaugurado a 17 de Abril de 1932. Observou-se: “Comecei-me a questionar se a construção efectiva de miradouros não virá toda um bocadinho das mesmas alturas, mesmo os de Lisboa, porque as construções são semelhantes.” Em Setúbal quando se fala em miradouro a referência é sempre este espaço embora haja outros na cidade: “para mim sempre que penso na palavra miradouro penso

nisto. É assim, a primeira imagem que tenho de miradouro é este sítio. Mas quando saí de Setúbal a ideia alterou-se um bocado, ou seja, hoje sinto que é um sítio alto numa cidade que não é muito alta. Para mim miradouro é um sítio muito alto e este sítio não é assim... Pronto, é o sítio onde se vê a cidade, é verdade, mas tenho a ideia miradouro é um sítio onde tens uma vista gigantesca.” Ao que alguém acrescenta: “a cidade cresceu.” De facto, a foto antiga da zona que está exposta numa estrutura ali perto mostra-nos um Miradouro com uma vista privilegiada sobre a cidade. Hoje vemos como alguns edifícios cresceram em altura e outros se construíram perturbando a paisagem. Falámos inclusive das duas torres construídas na Avenida Luísa Todí, sendo que uma delas tapa a vista sobre o Forte de S. Filipe.

Hoje o Miradouro é um ponto de referência em Setúbal, contudo nem sempre foi assim. Há quem se recorde do espaço como estando pouco cuidado e sem iluminação. Outras recordaram: “Não havia aqui mais nada — aqueles cafés que há ali agora não existiam sequer — portanto não havia nenhum motivo de interesse para vir aqui a não ser o Miradouro.” A zona foi mudando e chegou a ser poiso de “malta assim um bocado mais alternativa e vínhamos para aqui fazer as nossas brincadeiras”, como um participante contou.

Actualmente a zona do Miradouro é movimentada e “de passeio para a conversa e cafezinho”, como foi dito. As esplanadas com vista panorâmica contribuem para isso. Mas também o Museu do Trabalho Michel Giacometti (MTMG) é outra referência: “quando fizemos a performance no Largo de Jesus questionámos muito sobre esta questão do Museu da Cidade. O que é que é o museu da cidade. E para mim o MTMG sempre foi o museu da cidade. Eu sempre que tinha amigos que vinham de fora, mostrava o museu porque achava que tinha algo de representatividade da cidade. Tem ali aqueles três níveis, em que, fazia um bocadinho um resumo do que poderia ser aqui a história da cidade, porque também era uma antiga fábrica e tinha um bocadinho a história da conserveira e também da agrícola do acervo do Giacometti.” Além deste equipamento, A Gráfica torna-se outro ponto de confluência de pessoas e muitas memórias

tinham esse espaço como palco, nomeadamente as memórias da equipa que fez parte do espectáculo “A Paz Perpétua” do TEF, cuja estreia foi adiada duas vezes, mas acabou por se concretizar n’A Gráfica em Abril de 2021. A relação do TEF com o espaço é mais recuada, quando de facto era uma gráfica: “Ainda houve material do Teatro Estúdio Fontenova a ser impresso naquela gráfica!”

“Desde o bico dos pés até à ponta dos cabelos” – memórias sensoriais

“Por onde temos passado tenho memórias de tudo. Eu acho que esta cidade está desde o bico dos pés até à ponta dos cabelos”, disse uma participante nesta conversa. Talvez seja um óptimo resumo para a forma como lugares que existem em nós, no nosso próprio corpo, numa contínua ligação. Essa ligação é, antes de mais, sensorial. E muitas das memórias sobre este lugar remeteram para a forma como se experiencia a cidade com o corpo todo e como, assim, a cidade fica impressa em nós.

Para uma participante é o cheiro que marca esta zona da cidade: “associo estes bairros a um cheiro, e é este cheiro que nós estamos a sentir: a choco frito. Se pensarmos na cidade, e muitas vezes pensamos visualmente, coisas que nos marcam visualmente, mas os cheiros e os sons também constituem uma cidade, e para mim, aqui, este cheiro...” O que nos transportou imediatamente para outro sentido: o paladar. Conversou-se muito sobre o choco frito e as suas origens, chegando à conclusão de que há muitas histórias diferentes que reclamam essa origem: “Eu acredito que [a Casa Santiago] tenha sido o primeiro sítio onde se começou a vender o choco frito. Porque é natural que na casa dos pescadores isso já existisse”. Aqui ainda há cafés e tascas que fazem “choco frito daquele caseiro”, como foi dito. Além do choco falou-se dos polvos a secar no estendal, fenómeno comum em bairros piscatórios.

Há também “memórias de adolescência, da sangria do Boccochino, é uma coisa que não se esquece, porque pode não correr muito bem

a seguir... E das pizzas.” Ainda sobre gastronomia, recordámos também a Pastelaria Vitória que tinha o seu forno bem próximo: “lembro-me de vir da feira, lá de baixo, e a malta parava sempre ali à noite, comíamos os bolos porque íamos para cima, ali para o Bairro Santos. Agora está lá em cima naquela zona no Vale de Mulatas. Mas continuam a ser os melhores bolos da cidade.”

O som também marca este espaço. Dos sons do rio e do vento e aos apitos dos navios em dias de nevoeiro. Mas há também música. Vários participantes recordam como em S. Domingos havia uma grande confluência de fadistas: “ali no Egas, era o antigo Sapec. O restaurante que antigamente era de um senhor chamado o Sapec. Ele todos os domingos organizava ali fado com uma data de guitarristas que entretanto já faleceram. Ainda existem alguns e ainda fazem fado de vez em quando.” É também neste bairro que se pode ouvir cantar o fado com sotaque brasileiro: “E ela a cantar o fado em brasileiro é uma coisa deliciosa; é lindo porque ela sente aquilo, mas depois é com sotaque brasileiro.” E um dos participantes conta como o segundo concerto da banda Um Corpo Estranho, da qual faz parte, foi precisamente no Museu do Trabalho.

É também neste bairro que perdura uma tradição vitoriana: “há ali uma tasquinha onde a malta se junta à tarde que é a tasca do Zé do Barril. E onde se junta muita gente da claqué do Vitória de Setúbal, do oitavo exército e onde eram organizadas as peregrinações quando o Vitória ia ao final da taça para o Jamor. Então a malta saía do Zé do Barril e ia tudo a pé para o Jamor. Iam pela nacional, apanhavam depois o barco.”

O corpo pode também predispor-se a experimentar um espaço de outra forma e isso resultar numa alteração de percepção sobre o mesmo. Como foi partilhado: “A Rita Vilhena participou com uma performance durante o festival [de teatro] em que começávamos a caminhar com o público na Praça do Bocage até ao Miradouro, mas de costas. E foi uma experiência que eu acho que ficou na minha memória. Quando descemos a rua temos uma perspectiva e eu nunca me tinha apercebido na cidade com esta perspectiva

de estar a olhar para a Arrábida, para aquela zona e a subir foi muito bonito. Eu pelo menos sentia-me um bocado tonta de vir a fazer aquele percurso sempre de costas e cheguei aqui e foi quando me apercebi da beleza deste miradouro.”

Cartografias, contra-cartografias e representações da cidade

Esta zona permite ter uma perspectiva da cidade, sobretudo, da frente ribeirinha. Um olhar atento consegue identificar através dos edifícios as alterações que foi tendo e observar como as ruas se cruzam. Além disso também possibilita uma visão para a Serra.. Esta posição panorâmica também nos ajudou a pensar sobre a cidade e a sua cartografia.

Em 2016, o TEF desenvolveu um projecto que podemos considerar contra-cartográfico, e que englobava esta zona da cidade: “o Bocage na Rua – 30 Poemas. A ideia inicial era fazer um circuito na cidade e trazer as pessoas aqui a este bairro, não só a este, mas a este principalmente, porque é onde está Casa do Bocage. Havia estruturas que começavam aqui. E a ideia inicial, que depois acabou por não se concretizar, era haver um roteiro turístico em que as pessoas eram guiadas por este circuito. Ficavam a conhecer a parte antiga da cidade, e ao mesmo tempo ouviam os poemas e viam as obras plásticas, pelos sítios por onde o Bocage passou. Durou dois anos.”

Ao longo da História de Setúbal outros roteiros e circuitos se criaram na cidade: “Nos últimos anos, já se fizeram muitos roteiros, com muitos temas diferentes, só para nomear alguns: Bocage na Rua – 30 Poemas; Roteiro Republicano; A Presença negra na Cidade de Setúbal; Mapa GPS – Gosto Por Setúbal; Lugares de José Afonso na geografia de Setúbal... Há muitos roteiros diferentes em Setúbal, mas essa informação não está agregada ou sinalizada em lado nenhum, e se formos a um posto turístico, isso não está lá. Às vezes, aparece lá um ou outro. Ao mesmo tempo, são roteiros que chegam muito pouco às escolas, e que trazem uma informação sobre o território muito importante. Há uma série de iniciativas, investigações, obras artísticas pensadas a partir dos lugares que nos proporcionam

outra visão sobre a cidade.” Tornou-se óbvio durante a conversa que é necessário garantir que estes roteiros são distribuídos e estão acessíveis aos sítios e até para as escolas porque ampliam a forma como a cidade é representada para lá da cartografia tradicional.

Falou-se de como a arte pode contribuir para tornar a cartografia de uma cidade mais plural. Deu-se o exemplo de fotografos, e mais precisamente de Américo Ribeiro, que nos proporciona uma visão da cidade durante o século XX, mas comentou-se a necessidade de se procurar outros olhares e fotografos do mesmo período, porque há arquivos que se estão a perder. Mais recentemente, falou-se do Super Linux, que “punha bonecos em cima de coisas feias no meio desta gentrificação toda da cidade. Mas quem é esta pessoa? O que é que ele anda a fazer? E isso era intervenção no espaço. E tem a ver com pessoas e artistas que estão a fazer intervenção no espaço.”

Nesse seguimento reflectiu-se sobre os investimentos que se fazem e que representações da cidade são mais comuns: “Como é que se investe noutro tipo de representações da cidade e que são, no fundo, representações plásticas que há igual em todo o lado. Quando pensamos no ‘I love Setúbal’ ou naquelas letras que dizem Setúbal. O que é que isto nos traz?”

Assim, passámos a debater sobre o perigo de tornar as cidades em “parques temáticos” e “espaços sem pessoas e estéreis”. É um fenómeno generalizados a aglomerados urbanos: “Não acho que seja só de Setúbal. É uma questão do apreçamento turístico das coisas. Percebeu-se que é uma coisa que traz dinheiro, e a indústria acabando, e os antigos postos de trabalho acabando... E há essa pressa, e nessa pressa vão-se limpando fachadas, mas é para quem? É para os turistas? E depois é a questão da gentrificação, mas estamos sempre a falar nisto e também acho que não vale a pena estar a bater na mesma tecla. Toda a gente já percebeu qual é o problema de raiz, ainda não se está a fazer nada para mudar.” Tornou-se imperativo perguntar: “então qual é a função dos espaços se não for para as pessoas?”

O que é que se escolhe recordar é outra coisa que temos falado ao longo das conversas. Torna-se importante pensar sobre as escolhas que se fazem e de que forma visibilizam umas coisas e à bolina invisibilizam outras. Mas também se comentou o papel das pessoas na intervenção sobre as decisões políticas e de alguma convivência e falta de acção que parece existir.

“Será que nos propomos a olhar para a cidade de forma diferente? Ou será que simplesmente nos propomos a olhar para a cidade, ponto final? O que já é importante. O que é que nós projectamos no espaço? O que é que nós gostávamos de ver no espaço? Então de alguma forma, é este espaço como espaço de ocupação de imaginação, de estar.”

Miradouro

Isma Xg

O que dizer do bairro onde vivo há 20 anos e trabalho há oito?

Sucintamente terei de começar por explicar que no decorrer do ano de 2003, depois de toda a vida ter vivido em prédios e saturado dessa impessoalidade e deficit de cultura solidária tomei a decisão de ir viver para um bairro histórico e humilde, em que se partilhasse a hortelã.

Na altura, a decisão foi entre a Fonte Nova (voltar onde nasci) ou o bairro de São Domingos, O Miradouro! (e renascer de novo).

A Fonte Nova já por esta altura evidenciava sinais de elitização e gentrificação, como tal foi fácil a decisão.

Mas o que sabia eu do Miradouro? Sou do ano em que dizem que Portugal se libertou, portanto, cresci sem nunca passar no Miradouro, era um bairro perigoso, diziam, o “bicho-papão da cidade”, porém a sua maior maravilha.

Quando cheguei ao bairro constatei várias coisas, mas duas saltaram-me á vista, a falta de cuidado camarário com o aspecto e a limpeza do local, como o choque de existirem dois cafés e nenhum possuir uma esplanada para aproveitar o que de melhor possuíam.

Acho que nesse mesmo dia decidi, este café vai ser meu.

Esperei 12 anos!

É meu há 8.

Em relação à limpeza eu próprio comecei a varrer o jardim. Pedi à D. Júlia, a antiga dona da “Rampa” a vassoura, a pá e um saco e lá apanhava o lixo. A malta que parava comigo começou a apanhar o “bichinho” e às tantas já se discutia pela vassoura.

Funcionou muito tempo.

Então, o que era o Miradouro?

De facto, o Miradouro era um bairro complicado quando para cá vim. Complicado ao ponto de as agências turísticas aconselharem a não visitar esta zona, ao ponto de os pais dizerem aos filhos para não passarem aqui, porque esses próprios pais tinham medo de o fazer.

Cresceu com este estigma.

O que vim aqui mudar?

Há oito anos, três dias depois de abrir, tirei a licença e coloquei uma esplanada no jardim. Uma semana depois, o café do lado fazia o mesmo.

Dava-se início ao processo de mudança.

Legitimado pelo café e pela esplanada, comecei a corrigir algumas posturas menos próprias dos utilizadores da zona, e de uma forma mais ou menos pedagógica, foi possível ir tornando o ambiente mais respirável.

A partir daí vi mudar tudo, o bairro começou a ter um tipo de visitantes que não se via por cá, senão noutros locais da cidade. Os hostels e A.L. perceberam o potencial da zona, e o investimento imobiliário disparou em toda a zona envolvente.

Como vejo o amanhã?

Há vinte anos imaginava-o como o futuro bairro alto de Setúbal, via-o como um bairro em que a envolvência entre as gentes, os negócios e as tradições criasse uma marca única de lazer de bem-estar.

Hoje, olho-o com dúvida.

Para tudo... olho com esperança.



As paredes falantes da minha terra

Helena de Sousa Freitas

Crescer na década de 80 em Setúbal era uma ventura para quem quisesse escutar a “fala das paredes”. Às mensagens partidárias do pós-25 de Abril somavam-se as dos grupos libertários, das centrais sindicais, das comissões de moradores e inúmeras vozes individuais.

Numa altura em que a paisagem urbana se mantinha quase imutável por meses a fio, era fácil as esperanças, contestações e conquistas que a Revolução trouxera consigo assegurarem o seu espaço. E foi aí que o meu ávido e desprevenido olhar de criança as foi descobrir.

Eu não o sabia então, mas nascia assim um amor para a vida toda.

Mais ou menos vigorosas ou esbatidas que se mostrassem, as palavras e imagens que faziam dos muros e paredes de Setúbal a sua tela escreviam uma história, e eu queria lê-la.

Pertencer a uma família sem carro era, nesse aspecto, uma vantagem, pois, fizesse chuva ou Sol, peregrinava cidade fora pela mão da minha mãe ou avó. Ia a pé ao mercado, à lota e à cooperativa de consumo, à escola, no Bairro Salgado, ou à ginástica, no Estádio do Bonfim.

Nesses trajectos, o meu olhar detinha-se amiúde nas pichagens e pinturas murais, através das quais o território e as suas gentes entabulavam comigo um diálogo silencioso mas vívido.

De então para cá, nunca cessei de tentar conhecer o que Setúbal revela por essa via, e tenho a cidade mentalmente mapeada em função do que foi escrito ou pintado aqui ou acolá.



SETUBAL CIDADE REBELDE

A coisa enraizou-se em mim de tal modo que até amigos, quando querem indicar-me um local específico, substituem o nome da rua ou a presença de um estabelecimento identificativo por algo como “ali onde estive uma ‘pintada’ sobre...” ou “mesmo ao pé daquele mural do...”.

São referências que me abrem um sorriso, as destes amigos que, conhecendo-me bem, sabem como reconheço essa malha urbana de que alguns se apropriam para, num exercício de rebeldia, levar a cabo uma activa demanda pela atenção, empatia ou cumplicidade dos transeuntes.

Agora moça crescida, de olhar mais gasto e menos ‘deslumbrável’ do que outrora, prossigo, porém, com igual entusiasmo a leitura desse livro aberto que são as paredes e muros de Setúbal.

E embora o acesso aos suportes digitais tenha secundarizado o recurso a estes suportes físicos como veículo de comunicação de anseios e indignações, sonhos e iras, sempre que caminho pelas ruas os meus olhos sondam-nos com uma curiosidade similar à daquela longínqua infância.

Se zarpo a pé da Bela Vista rumo à
baixa, a pergunta que me faço
é invariavelmente esta:

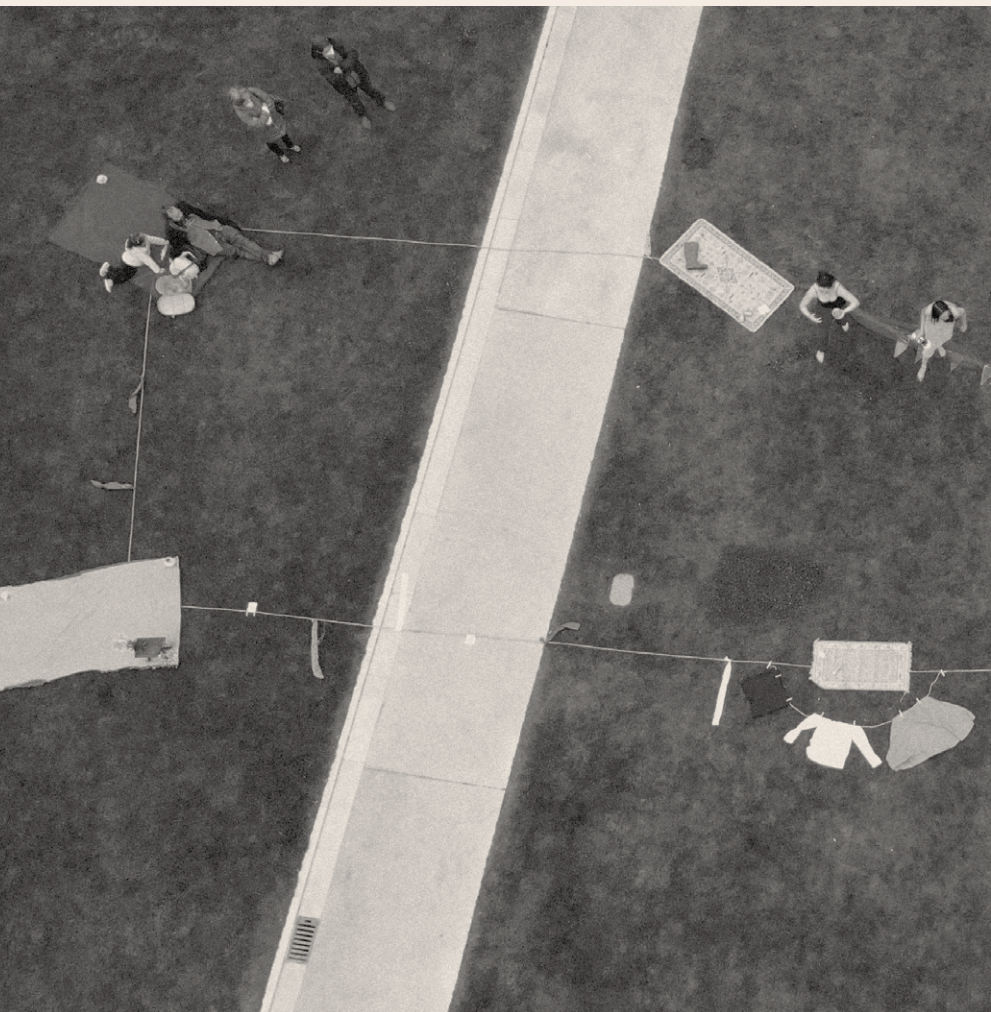
O que haverá de novo
nas páginas de pedra e
cal da minha cidade?



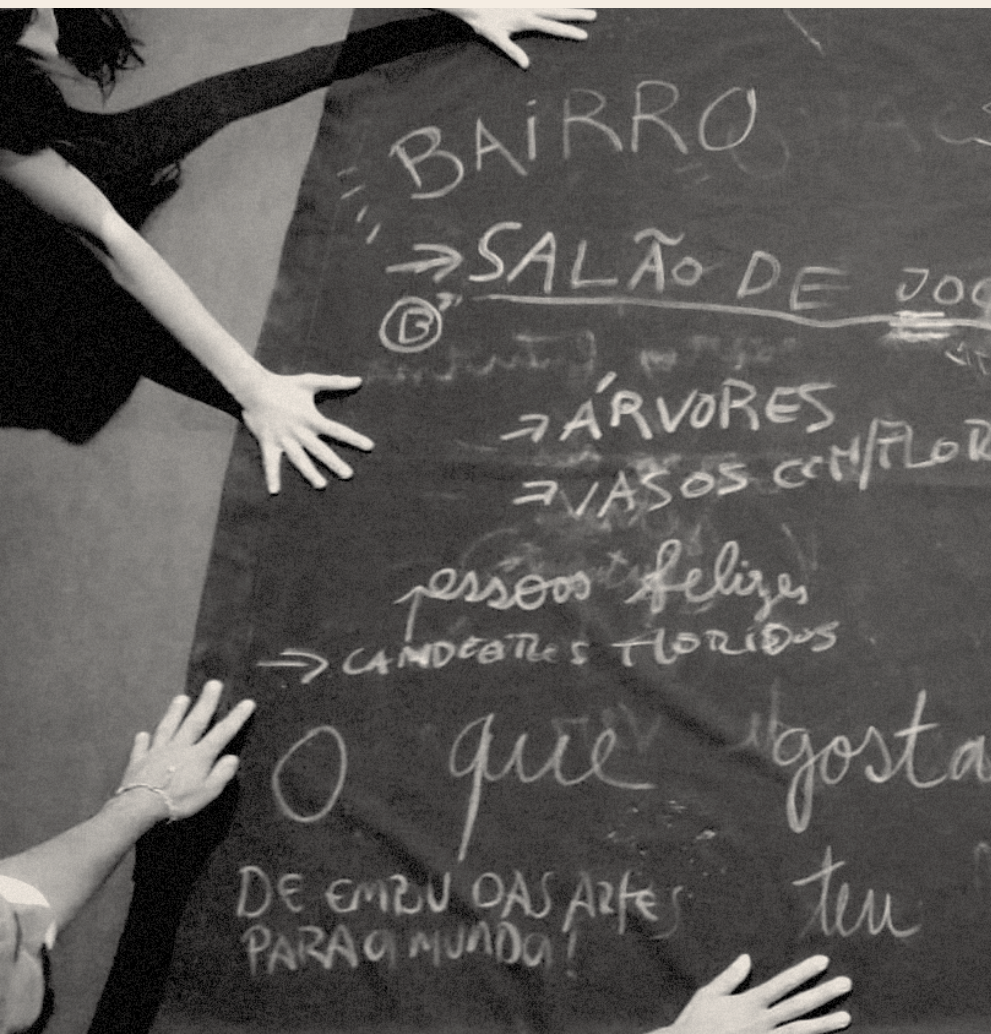
Quero a velha Lxioia

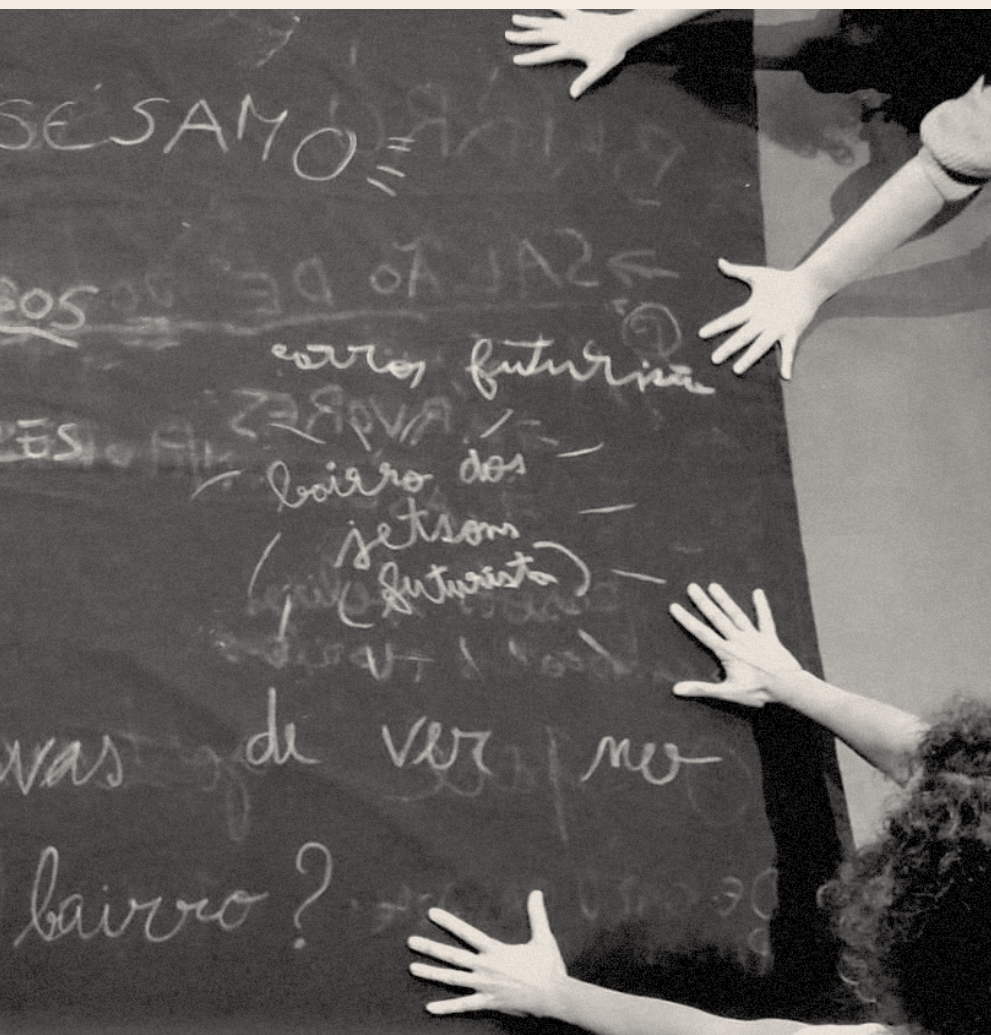
























Texto dramático

“à flor das águas”

Espectáculo inicia com 4 solos. Para o Fórum Municipal Luísa Todi, o primeiro será na fonte com água.

Patrícia: *(inicia a coçar-se debaixo da saia dentro de um alguidar)*
Ódio ao corpo, ódio ao corpo. Ódio ao corpo *(vai repetindo)*

(jarra encontra-se a uma ponta da fonte, Patrícia começa a arrastar-se no alguidar até à jarra) Eu só tomei banho de banheira aos 12 anos, tomava banho de alguidar, ia buscar água à fonte. *(lava-se com a pouca água existente)* O banho é uma necessidade social, dizem que tomar banho era luxo ou pecado. Então começámos a limpar o homem... Limpar o homem e limpar Setúbal. E limpar a mulher? São as mulheres que limpam? *(começa a lavar-se com mais força e a lavar o chão)*. É a melhor água, a melhor água é a daqui.

Onde está a água? Onde estão as ribeiras? Ribeira do Viso? Ribeira do Livramento? Ribeira dos Olhos d'Água? Ribeira das Figueiras? Ribeira do Paraíso? Onde está a água? Onde estava a água na Quinta da Parvoíce? Onde está a água na Arrábida? Quem tem a água por baixo das pedras?

Debaixo do cimento está a praia, debaixo da cidade está a praia, debaixo das pessoas está a praia. Quem tem a praia? O corpo da cidade está por baixo de nós. O nosso corpo.

Ódio ao corpo. Ódio ao corpo, ódio ao corpo, ódio ao corpo. *(Entra dentro da fonte, sai do alguidar e retira a saia.)*
Ode ao corpo. Ode ao corpo. Ode ao corpo.

Clara à porta da sala, no foyer do Fórum Municipal Luísa Todi, leiloa o espaço. Em cada sala de espectáculos o texto poderá ser adaptado ao teatro em questão.

Clara: Já aqui estão? Hoje é um dia histórico para Setúbal. Vamos vender o Fórum Municipal Luísa Todi. Antes de mais, e calculo que se estejam a questionar: Porquê vender o Fórum? Ora, a resposta é simples: uma das maiores virtudes do Homem é saber largar.

E quando não usamos devemos aplicar a arte do desapego. Porque o lixo de uns é o tesouro de outros, não é verdade? Não baixemos nem por um segundo a guarda! Assim, vamos colocar o Fórum à venda ou melhor: vai ser leiloado para que um de vós tenha a possibilidade, a sorte, o privilégio de ter agora este edifício. Com uma lotação para 634 pessoas, uma sala forrada a madeira, um playground para crianças e até um rooftop com bar lounge com um DJ residente que podemos ouvir do palco, este espaço pode agora ser seu.. Há que agarrar nas ferramentas para mudar, mas, mais importante, para melhorar e inovar. Localizado em plena Av. Luísa Todi, imagine-se as potencialidades para um hotel ou condomínio de lix..., perdão, de luxo. Implantado no local do antigo Teatro Rainha D. Amélia, referido como “talvez a mais bonita e elegante casa de espetáculos de Portugal”, este espaço pode uma vez mais ganhar uma nova vida. Que a velocidade e o ritmo efervescente de Setúbal seja o embalo necessário a esta renovação. Não serão as adversidades da actualidade que nos impedirão de abraçar este leilão com entusiasmo e confiança bem como com sentido de responsabilidade, pois mais do que civis somos cidadãos deste mundo tão nosso. Iremos começar o leilão pela módica quantia de 4,99 milhões de euros. Se tem dúvidas se deve ou não comprar, a minha resposta é sim! Compre! Trata-se de um espaço renovado, como novo e pouco usado desde a sua inauguração. E agora, imagine, pode ser seu.

Clara encaminha as pessoas para dentro para lhes mostrar o interior e o seu potencial. Enquanto as pessoas se sentam, João no palco inicia o solo do vento. Rafaela inicia lentamente o solo físico sobre memória e cristalização - sal, culminando antes da primeira fala da Sara em palco.

João: O Deus das necessidades é o vento. E nós ainda temos uma barraca. Um dia fazemos um museu. Por enquanto ainda não caiu... só se for com o vento. Às vezes o vento também desenraíza. Leva-nos para longe. Mas a gente volta de alguma forma. Traz o cheiro da Socel e do peixe assado. É assim... nem bom nem mau. E depois a classe operária, já sabes... vai a todo o lado... como vento. É que até no paraíso existe o grito do povo! E acima de nós só o céu! Que isto é gente com o sal no corpo e de pouca água doce... essa a terra bebe e o cimento

tapa. Mas a cidade muda com o tempo e a gente também muda, né? Como o vento muda...

O Vento tem de mudar, pois então... é assim que se cumpre. E vá lá que ainda temos ali a serra que nos deixa à ravessa... Se vier mais vento a gente larga mais cabo e tá tudo bem... Houve um grande incêndio aqui. Ali! Foi daqui para ali. Em escassas horas foram-se as memórias das conservas, das mulheres, da minha avó... Houve um grande incêndio aqui! Um dia antes da República chegar, chegou-se o fogo à Câmara, aos arquivos, às obras de arte, ao poder instituído. À memória. Só a fachada resistiu. A fachada. Fachada. Houve um grande incêndio ali! Ali! Lá em cima em cima! 500 pessoas fora de casa. Foram tempos difíceis, mas unidos conseguimos superar... Às vezes, ainda ouço as sereias das fábricas... mas isso já são coisas de ontem... Agora é só cimento e papel e coisas do vento.

Público sentado, escuro em palco, foco no corredor.. Sara atravessa os corredores da plateia e vai despindo as diferentes camadas de roupa que representam mulheres-Setúbal, que saem do privado para o público.

Sara: Convento de Clarissas, guardião de donas ou ilustres senhoras não casáveis.

Cidadela das mulheres, que mulheres?

Austeridade invejável. Dona Justa Rodrigues. Justa? Reclusão. Submissão. Exploração. Exploração dos invisíveis: mulheres e escravos. Mãos negras que se desfizeram, mas ergueram o Convento. Apagavam-se as mulheres, nasciam as esposas de Cristo. Há gosto de um atizado amor. Eu causo os dias da minha Primavera. Limites da minha carne e da pele, de saber e de sentir. O contorno, a forma. Eu, por mim, vos ponho assim o coração ao léu.

(despe uma camada)

Eu, de um lado para o outro. Ruas que me conhecem os atalhos. Caminhos de terra batida. Rua acima, rua abaixo. Mas continuo, é melhor circular a parar. Fábrica, casa, comida na mesa. Arregaço as mangas e é continuar. Estava a dormir e oíço apitar... Descabeçar, descabeçar... Tiro cabeças, onde está a minha? Boca vazia. Água e pão, pão e água. Cheiro? Cheiro que se entranha na pele e no cabelo e não sai de mim. O sabão não chega. O vinagre não chega. O Presto não chega. Onde está a minha cabeça? Entre os ombros, de ouvidos e olhos abertos.

(despe outra camada)

Mulher-a-dias, mulher doméstica. Deixo de limpar e passo a sujar. Do privado para o público. De

doméstica a selvagem. Braços grossos que acolhem, cuidam, seguram. Filhas, enteadas, vizinhas. Camada minha trabalho.

(despe outra camada)

Sou dentro e fora e todas as fronteiras. Fome de gente. Já não me chega as tardes no café, chá e torradas. Invisto, Invisto, dispo o que visto. Quero corpo terra, corpo terra, corpo terra, terra corpo, terra corpo, terra corpo... Sou corpo terra, corpo terra, corpo terra...

Dentro da sala, escuro. Ligeiro contraluz onde se percebem relevos de caixas espalhadas (PVC, cartão, esferovite, madeira) e alquidares. Ouvem-se pingos que caem em diferentes superfícies. Lentamente, e depois com mais força.

Ouve-se em voz-off (Graziela): “Noe, aquele que para salvar do dilúvio a vida na Terra constrói uma barca que acolhe um casal de cada espécie animal, é também responsável por repovoar o mundo com os seus doze filhos. Segundo o mito, o seu neto, Tubal, terá sido o responsável por fundar a Península Ibérica, e em particular, Setúbal, daí o seu nome. Seria Tubal o seu lugar? Ou Cetóbriga entre margens? Seremos de fenícios, romanos, celtas ou árabes? O que soterrámos além de água?”

João (Música):

A memória é caprichosa, o mito funda o lugar
E acima de nós só o céu
Num extremo assentam os pés, no outro voa o olhar
E todo o corpo é morada
E cantam as musas
em tudo o que o povo lembrar
E o tempo arboresce
plantado bem à flor das águas

Sara (em palco): Chego no comboio a uma estação entaipada de obras. Estação de Setúbal. Lugar que me levou e trouxe vezes incontáveis. Chego à cidade das emoções e entro no espaço do Teatro Estúdio Fontenova. *(Som da porta do TEF a fechar.)* A palavra espaço entra na oralidade do quotidiano e já todos a temos debaixo da língua. É espaço de criação, de lágrimas, é palco e plateia. É espaço de ensaios. É espaço de suor e saliva. É espaço que

acolhe quem chega sem olhar a origem. Tenho frio e chove cá dentro enquanto digo “Artur, vem comer”. Há quente que cola a roupa às costas e escorre da testa em tom salgado. Está escuro, mas a liberdade criativa faz-me ver para lá das paredes pretas. Trespasso a porta com a força das palavras. Cheira a mofo, mas bafejo cumplicidade e desejo. *(pausa)* Setúbal é para mim um caldo para se sorver.

João *(música anterior continua. Sara, Rafaela e Patrícia começam a construir a cidade com as caixas e a movê-las depois da música iniciar):*

Aqui começa a cidade, nas mãos que são de inventar,
No sítio onde pulsam os passos,
Corpo-terra que remexe, rede de cerco a fechar
Para criar paridade.
Mas à maré baixa,
Nas margens da especulação,
O rio e as ribeiras
Secaram-se ao fim do leilão.

Começa-se a pela Sara, Rafa, João e Patrícia a seguinte frase de forma repartida, primeiro de forma sussurrada, depois mais ritmada, enquanto se constrói a cidade:

O direito à cidade é o direito de cuidar, reivindicar, mudar, reinventar a cidade, as cartografias, os espaços, os comuns, o entorno.

Clara chega depois da cidade praticamente construída, observa e sublinha “cuidar”. Enquanto se constrói vão surgindo diferentes projecções de mapas de Setúbal.

Sara: Chego ao largo dos sentidos para apaziguar o estômago e rir em colectivo. *(Barulhos de esplanada, copos a bater e gargalhadas)*. Largo da Fonte Nova, será sempre o seu cognome, seja ou não real. Para mim é e isso é suficiente. Saibo a caracóis e a pão com manteiga derretida. A brisa da tarde faz-me pele de galinha, mas esqueci-me do casaco no espaço do TEF. A cerveja conforta o espírito e liberta a gargalhada. O senhor que nos serve suspira muito, mas é castiço. Traz genuinidade no gingar e nas palavras com que alimenta as histórias.

Sentados à mesa Iniciamos de forma compassada. Seguimos um ritmo.

Sara: Fontenova hoje! (*brindamos*)

João: Placa Praça Machado dos Santos

Todos: Antigo Largo da Fontenova

Rafaela: Prédio Amarelo

João: Mafaria ao Largo

Sara: Mercearia

Clara: Grocery Store

Sara: “A filha ligou-me lá de cima.”

Ouve-se som de ambulância.

Patrícia: “A cunhada morreu há pouco tempo.”

João: “A irmã está num lar.”

Rafaela: “É a única já, é a Maria.”

Clara: 4 velhas num banco

João: Prédio Número 54

Sara: Restaurante NAU

Rafaela: Prédio azul-bebé

Ouve-se música da rádio

Patrícia: Jovens à varanda

Sara: Óptica Fontenova

João: Prédio número 57

Clara: Habitado

João: Placa Beneficência

Patrícia: 22 Novembro 1858

Rafaela: Prédio Rosa

João: Número 58 e 59

Clara: Habitado?

João: Prédio Número 60

Patrícia: Porta Aberta

Sara: Barbearia da Fontenova

Clara: Habitado

Patrícia: Carros, carros, carros

João: Placa de Praça Machado dos Santos

Todos: Antigo Largo

da Fonte Nova

Sara: Mercearia Confiança de Troino

João: Número 1

Rafaela: Prédio Rosa

Patrícia: Edifício Amarelo

Sara: Loja Puro Mimo

Rafaela: Porta fechada

Todos: À hora de almoço

Rafaela: Porta aberta

Todos: À tarde

Ouve-se sons de carros

João: Prédio Número 6

Rafaela: Rosa Pálido

Sara: Restaurante Kefish

Rafaela: Amizade, Ressaca

João: Prédio número II

Clara: Habitado?

Rafaela: Casa branca, velha

Clara: SAY – Consultores

Imobiliários

Patrícia: Setúbal Almada Montijo

Sara: Pombos

Rafaela: Prédio Amarelo

Clara: Não habitado

Patrícia: Prédio de 3 andares

Rafaela: Azul e Bege

Patrícia: Roupas Estendidas

Ouve-se som de peixe a grelhar

João: “Pão à séria”

Clara: Casa Morena

Rafaela: Roxa!

Patrícia: Padaria Salinas

Sara: “Eu não posso entrar,

João: mas é só uma

coisa se possível,

Patrícia: *Salchichas!*”

Rafaela: Candeeiro Verde Antigo
Clara: Assadores de peixe
João: 17 árvores
Sara: 4 vasos castanhos
Rafaela: “Ah! É 3kg de besugo”
Patrícia: Carros, motos,
carros, carros
Sara: Padaria mercearia
Patrícia: Placas sinaléticas
João: Praça do Bocage
Rafaela: Casa Luísa Todi
Clara: Pelourinho de Setúbal
Sara: Fortaleza de S. Filipe
João: Placa Praça Machado de Santos
Todos: Antigo Largo da Fonte Nova
Clara: Imobiliária
Patrícia: Opção certa!
João: Prédio número 46
Rafaela: Bege
Sara: Rapaz apressado ao telemóvel
Patrícia: 6 canteiros de metal pretos
Rafaela: Plantas verdes
Patrícia: Prédio em obras
Ouve-se ruído de obras.
Rafaela: Fachada tapada com lona
Clara: Lona com imagem de prédio
João: Trabalhadores em
cima do prédio
Sara: “Já estão a dizer que o
combustível vai aumentar!”
Todos: “E o gás? E o gás?!”
Patrícia: Carros, carros, carros
João: Prédio nº 52
Rafaela: Memória de novela
Clara: Polícia
Patrícia: Inquietação
Ouvem-se passos na calçada
Sara: Restaurante Miami

Todos: Abre tampa, fecha tampa
Ouve-se o som de abrir e fechar da tampa.
Clara: Antenas
João: Placa Praça Machado de Santos
Todos: Antigo Largo da Fonte Nova
Patrícia: 3 árvores médias
João: 1 pequena
Clara: 3 canteiros sem árvores
Rafaela: 8 vasos castanhos
Sara: Gaivotas em terra
Ouve-se um corvo
Patrícia: Comi Cala
Rafaela: Arco Íris
Clara: Arrabid’In
João: Antenas
Sara: Turistas
João: Esplanadas Vazias
Clara: Cheias no verão
Ouve-se a ignição de um carro
Patrícia: Idosa de muleta com sacos
Ouve-se fechar a porta de um carro.
Sara: 6 latões de lixo de metal
Rafaela: Um marco de
correio vermelho
Clara: Imodiversus
Patrícia: Imediação Imobiliária
João: Estátua moderna
Patrícia: Mariana Torres!
Ouve-se sirene de fábrica
Rafaela: Sozinha na Praça
Sara: De olhos vendados.
João: Porque é que te
vendaram, Mariana?
Rafaela: A GNR vem para
te matar, Mariana!
Pausa
Rafaela: Fonte
Patrícia: Fonte seca

Sara: Fonte velha
Ouve-se música de um carro
Clara: O Largo – Charcutaria,
 Merceria, Pastelaria
Sara: Centro Comercial
 da Fontenova
João: Rua Fran Paxeco
Todos: Antiga Rua
 Direita de Troino
Ouve-se rodas de bicicleta no chão.
Sara: Loja Pó de Arroz
João: Barbearia
Sara: “Impecável pah,
 sempre impecável.”
João: “Quinta-feira é o
 dia da respiga.”
Patrícia: “Fica agendado, às 11!”
Sara assobia
Ouve-se máquina de barbear
Patrícia: Bilhas de Gás
Sara: Roupa Estendida
Rafaela: Calças Vermelhas
 com Estrelas Brancas
Clara: Estores Empenados
João: Caixa de Electricidade
Sara: Graffiti de Lobo
Clara: Arrenda – 966 588 332
Patrícia: Portão Fechado
Sara: Grab and go – Food
 and Drink
Patrícia: Pneus Empilhados
Rafaela: Pneus, Pneus, Pneus,
Patrícia: Carros, Carros, Carros
Sara: Firestone, equilibragem
João: Bridgestone, alinhamentos
Ouvem-se sons de garagem
Sara: Cheira a borracha queimada
Ouve-se som de buzina

João: Frutaria
Clara: Ninguém usa a passadeira
Patrícia: 2 cães brincam
João: Prédio número 7
Patrícia: Amarelo vivo
Rafaela: A12 Lisboa Algarve
Patrícia: N 10 Lisboa Azeitão
João: N 10 Alcácer Algarve
Sara: Tags na Loja Chinesa
Todos: Loja Chinesa?
Patrícia: Electrónica, Desporto
João: Iluminação, Ferramentas
Sara: Brinquedos, Papelaria
Rafaela: Trotinete verde
Patrícia: Bazar Díli
João: Frango Choco
Clara: Já abriu!
Patrícia ladra
Todos: Xiu! Pouco barulho!
João: Midas – Revisão Oficial
Clara: Prédio mais Alto
Rafaela: Car center
Patrícia: Rotunda
Clara: Flores de Plástico
Rafaela: Flores do Espaço
João: Cibermoto
Clara: Remax
Patrícia e Rafaela: Remax Up 2
Sara: Hiper-China
Patrícia: Entrada
João: Número 89
Patrícia: Carros, carros, carros,
 carros, motos (*Patrícia levanta-se*)
João: Banco
Ouve-se sino de igreja
Patrícia: “Olá! Tudo bem?”

Respiramos fundo

Patrícia: Chego à Av. Dos Combatentes, na adolescência da infância. Afinal, não chegava assim de tão longe. Como sopa, tenho uma ferida na cara. Já ando, e é espaço seguro...

Sara: O Pacheco escrevia: “Em toda a cidade que repousa e se esquece, na Avenida dos Combatentes eu debato-me contra a morte e escrevo diante da minha pequena tribo que dorme.”

Patrícia: Os caminhos de rua são os da minha avó ou os das escolas. O Largo de Jesus tinha ainda uma mercearia acolhida no que me lembro ser uma roulotte, chamava-se Capitolina, oferecem-me pinhões. Numa das ruas por trás, outra mercearia, não me lembro o nome, o senhor era pouco simpático. Bacalhau cortado, bacalhau demolido, chouriços pendurados. Havia o Paposeco, vendia bolos e pão. Bolos secos era o que mais se comia, as “areias”, e pão de água. Pão d’água com manteiga.

Luz na mesa e ouve-se voz-off: “É assim, o meu pai gostava do pão do Faralhão. E um dia foi à praça e eu disse assim: ‘Traz lá da praça, do Pingo Doce’ e ele disse ‘Não, então vou à praça buscar do Faralhão?!’ ‘Não é a mesma coisa, pai?’ ‘Temos que encomendar pão no Faralhão.’”

Sara: O Rui Nunes contava: “Setúbal, na quietude de um único dia. Minha irmã e eu, cotovelos no parapeito do terraço, contávamos os carros que desciam para o Largo dos Combatentes. Entre um e outro, o verão. E o cheiro da erva-lúisa. Do caramanchão [...] Como um recanto onde se abriga outro recanto, onde se abriga outro recanto, onde se abriga. Agora, são palavras, todos esses lugares íntimos.”

Rafaela (*para o público à boca de cena*): Durante este processo quisemos conhecer e pensar sobre as cidades, os espaços públicos e os comuns a partir de Setúbal. Assim, decidimos ouvir pessoas de diferentes bairros, visitar diferentes espaços e experienciá-los no corpo. Cruzámos leituras e reflexões. Fizemos performances num largo da cidade e numa ribeira dentro de um parque natural. Cada uma experienciou estes espaços de formas distintas. Porquê Setúbal? Podem perguntar. Porque as perguntas que fizemos e os problemas que surgiram são comuns

a tantas outras cidades e lugares no mundo...Por exemplo, o Pote de Água, perto da Bela Vista na Junta de Freguesia de S. Sebastião

(vê-se um vídeo do local projectado, onde vamos acompanhando os locais descritos)

João: Carros, carros, carros. Como em todo o lado. As cores das casas todas iguais.

Clara: Azul menino e rosa menina!

João: Quietude desconfortável. Um urbano que come o rural.

Sara: Que poético... Havia uma papoila no meio do verde selvagem e lixo. Casas improvisadas entre ecopontos. Janelas perdidas e estores empenados. Obras.

Patrícia: Hair e Make-up onde se lê #linda, #cabelodediva. Entro pela primeira vez no centro óptico que parece um museu, estátuas que decoram o exterior... Entro e pergunto pelos óculos na montra, pergunto quanto custa e dizem-me "Esses não são para venda, são óculos que já não se fazem!"

Vejo roupa estendida por todo o lado como não se vê no centro.

Clara: Prédios com falhas, rachas, camadas. Pessoas que vestem fatos de treino... Candeeiros de rua antigos, são do teu tempo, João?

Rafaela: E o que não se vê?

João: Nostalgia, tristeza, rancor. Ligação a outras culturas. Fugir da escola. Revolta. Ligar-me à mitologia pelas estátuas frente a um oculista. Presença da morte por uma capela.

Patrícia: Sentir-me pequena. Iogurtes da vizinha Estela. Salada de frutas com vinho do Porto.

Sara: Tangerinas maduras... e o cheiro. Cheira mal.

Clara: A ti cheira sempre mal em todo o lado! Deve ser por não seres de cá.

João: É o vento... Traz o cheiro a Socel e a peixe assado... É assim, nem bom, nem mau. Lembra-me alguém das fontainhas que dizia “tá” um cheiro que não é cheiro. Deve ser da petromítica”.

Patrícia: A mim cheira-me a comida na esquina... Ah! E falta uma coisa!

Aparece a estátua da mulher azul no vídeo. Praticamente ao mesmo tempo:

Clara: A mulher azul.

Sara: A mulher de perna aberta.

Rafaela: A mulher sem cabeça.

João: Primeiras memórias eróticas.
(pausa)

Patrícia: A mim sempre me meteu medo ou nojo. Assim toda aberta, sem vida. E agora vejo que tem cabeça. De pés enterrados, púbis verde e grávida. Queria pôr-lhe um espelho na cara para reflectir o céu.

João: Eu queria mais espaços verdes, mais parques infantis... (o mapa-vídeo que vemos começa a mudar e começam a surgir os pedidos). Mais árvores! Não, palmeiras, não!

Sara: Mais ligações à cidade (aparece um autocarro degradado)...
E melhores (aparecem trotinetes). Ok, esquece.

Rafaela: Mais cor nos prédios... (*Prédio é pintado de roxo*) Roxo não, por favor!

Clara: Dragões! Unicórnios! Uma sala de espectáculos! (*aparece uma blackbox na rotunda*)

Patrícia: Se calhar é melhor sair do Pote de Água, não?

Rafaela: Espera, espera... Eu morei perto do Pote de Água. Prédio alto. 12 andares. Não sei quantas casas por andar. As “gordas” do 6ºD, a sensação de que odeiam crianças. Acidente de bicicleta, atropelo a senhora grávida no parque de estacionamento do Largo José Joaquim Cabecinha. Não podes confiar. Desconfia sempre. Era a fronteira com a Bela Vista.

(*As caixas começam a ser deslocadas para trás*)

Clara: A Bela Vista? (*vêm-se projecções de paragonas sobre criminalidade na Bela Vista*)

João: Era lixado subir a Avenida da Bela Vista no Carnaval. Os miúdos atiravam balões d’água e ovos à malta que saía da escola. Tinha de vir sempre a correr aos ziguezagues. Sempre achei que aquele bairro era sujo e feio, mas gostava das pessoas e do cheiro de comida africana que vinha das casas. A escola era feia

e suja também e as contínuas, que era o que chamávamos às auxiliares educativas, todas muito velhas. A chefe era espanhola e ralhava connosco a torto e a direito.

Ficava sempre fascinado com o interior das casas dos meus colegas, muitos deles de famílias de origem africana ou timorense.

Luz na mesa e ouve-se o áudio: “Lembro-me de nós palmilharmos tudo, desde Viso até à Bela Vista, porque no Viso não havia rapazes giros, na Bela Vista é que havia os rapazes giros, porque eram os maus, os mauzões é que eram os mais giros, e nós gostávamos era dos rapazes mauzões.”

(continuam as projecções de paragonas sobre criminalidade na Bela Vista)

João: Havia sempre máscaras e estatuetas de madeira e móveis em pau-preto, que segundo o meu pai era uma madeira muito cara. Nunca gostei muito de andar na escola, mas gostava do bairro, apesar da sujidade e de alguma decadência das fachadas. Mais tarde, assisti a notícias na TV sobre a criminalidade do bairro, de confrontos com a polícia e de motins. Chegaram a matar um conhecido meu nos confrontos. Nunca mais pensei muito nisso, salvo quando me confrontava com amigos que andavam na escola comercial ou no liceu e me diziam que nunca tinham estado na Bela Vista. Eu tentava desconstruir essa ideia de gueto generalizada pela cidade central, mas acho que nunca fui muito bem-sucedido.

(as projecções param)

Luz na mesa e ouve-se a gravação: “Chego a Setúbal, os meus pais arranjaram uma casa ali no bosque... O que é que era o bosque? É o que é hoje a Bela Vista. Aquilo era lindíssimo. Aquilo tinha fontes naturais, aquilo tinha caldeiras, muito arvoredo que eu nem sei o que é que era, hoje nem existe tão pouco... E havia algumas casas soltas ali no bosque.”

Clara: Ora bem, a Bela Vista! Cenário idílico. Imaginem só o privilégio de se viver aqui, com vistas invejáveis para toda a cidade. Têm inveja, não têm? Pensem só nas possibilidades

de usufruir de um espaço cheio de História e diversidade cultural que poderemos agora ampliar e fortalecer! Não têm de imaginar mais, não têm de pensar mais... Temos planos para requalificar toda a zona, limpar-lhe a cara e dar-lhe uma nova vida. Localizado na periferia, a 10 minutos do certo, pode ter a paz e o sossego que sempre procurou. Traga a família, venha passar uns dias. Tenha a vida que sempre mereceu!

Luz na mesa e gravação continua: “Tinha os meus primos, praticamente da mesma idade, uns mais velhos, outros mais novos, e aquela gente nunca tinha saído dali praticamente senão até ao que hoje chamamos, e é, o Bairro da Conceição. E então tudo isto parecia enorme. Como parecia longe as Manteigadas. Digo aos meus primos: ‘Eu vou à cidade de Setúbal, vocês querem vir comigo? Vamos.’ Eles tinham medo, ficaram com medo, porque eles nunca tinham ido à cidade de Setúbal sozinhos, como se Setúbal para eles não fosse o sítio onde estavam a viver. Eles com medo até disseram ‘Então mas depois sabes voltar para trás?’ ‘Então, se vou para a frente também hei-de voltar para trás!’ E assim aconteceu, eles foram com medo, foram em pânico... e de facto aquilo parecia muito longe. A lonjura é uma coisa no pensamento... que está... assim uma coisa...”

Sara (*para o público*): Pegando nesta questão da fronteira, parece que vais quase para outro país. Eu ainda hoje sinto um bocadinho isso, e é mesmo essa expressão, é mesmo essa frase: “Tu ainda vais para Setúbal?” e ainda dizem uma coisa mais incrível “Ainda voltas hoje?” São pessoas que sabem que faço isto regularmente, mas ainda hoje convivo com esta pergunta.

Patrícia (*para o público*): Rua. A minha primeira palavra foi “rua”. Então, quero perguntar, quando é que saímos à rua? Não de passagem, mas para ocupação. Quando é que vivemos a rua?

João: Todas as procissões de Setúbal... Festa da Nossa Senhora do Rosário de Tróia, Círio de Nossa Senhora da Arrábida, Procissão do Senhor Jesus do Bonfim, o enterro do bacalhau da Fonte Nova... Em todos os momentos de morte.

Coreografia que inicia com onda junto do João, Sara desloca-se para o meio de braços abertos, representando uma Nossa Senhora, enquanto é “carregada” em circuito pelo palco. João traz-nos a caixa de esferovite que representa um caixão, que passamos a carregar em ombros. Surgem projecções do funeral de Zeca Afonso. Começa a cantar:

Esta rua cheira a sangue
E ao fuzil da nova aurora
Tem cuidado Mariana
Que vem lá a negra hora
Tem cautela António Mendes
que essa bala não demora.

Tinha nascido no norte
Mas cantou por todo o lado
Contra a mordança fascista,
Pelo povo amordaçado
E o seu último suspiro
Foi na cidade do Sado

Devia ter oito anos
quando aquele homem morreu
era um homem importante
e o povo à rua subiu
E era tal hoste de gente
Que a rua desapareceu

Lá do cimo do terraço
De mão dada ao meu pai
Entre o voo das gaivotas
e o homem que se subtrai
há qualquer coisa que voa
E há qualquer coisa que cai

Assisti do meu terraço
à população em clamor
Uns em choro outros em pranto
Que morrera o professor
“Ali jaz o andarilho
Ali jaz o trovador”

João: Voltei muitas vezes a este terraço. Chegava a ir brincar à apanhada com outros gaiatos do bairro, porque a porta tinha a fechadura avariada e bastava empurrar. Não tínhamos bem noção do perigo porque quando estamos lá em cima, há qualquer coisa que voa e qualquer coisa que cai em nós e daí talvez venha algum equilíbrio. Mas nunca mais vi as ruas, o cemitério e, talvez, a cidade, tão cheias de gente.

No final da música, o João junta-se a nós, enquanto estamos de costas para o público. Imagens de manifestações são projectadas nas costas. Inicia-se a coreografia da manifestação. Lentamente vamo-nos dirigindo para a boca de cena com imagens em corpo de manifestantes. Vamos gritando à vez.

Clara: Paz!

João: Pão!

Sara: Habitação!

Rafaela: Saúde!

Patrícia: Educação!

Rafaela desfaz para fundo de cena e inicia a brincadeira “1, 2, 3 macaquinho de chinês”. À segunda chamada, Clara cai de joelhos. A cada fala, as ruas vão sendo iluminadas.

Clara: Rua. Rua de estrada recreio. Rua que esfolava os meus joelhos quando ia a correr para o coito. Rua que deixou marcas no corpo. Rua.

Luz na mesa e ouve-se a gravação: “A minha mãe dizia sempre: ‘tu és uma maria-rapaz’. Não queres brincadeiras com bonecas nem com casinhas nem isso. Ou seja, eu e mais umas amiguinhas só queríamos era ir à mata apanhar laranjas, andávamos a escalar os montes, as rochas, jogávamos ao bogalho, ao peão, ao lá vai alho, ao gavião... Nunca fomos muito de estar entretidas com as bonequinhas e com essas coisas. Só queríamos era jogar futebol, entre raparigas, claro, outras vezes com rapazes também mas era raro... E era assim as brincadeiras.”

Clara começa a cantar “Que linda falua”, enquanto os restantes entoam e fazem o comboio. Rafaela é apanhada no comboio e dirige-se à direita de palco. Luz de rua.

Rafaela: Rua. Que é linha de comboio. O nosso parque infantil é a linha de comboio! Rua. Até punha a cabeça na linha do comboio para sentir a trepidação.

João é apanhado no comboio. Dirige-se para a esquerda de palco. Os restantes cruzam as ruas já existentes.

João: Rua. Sempre à pressa atrás das pernas da minha mãe. Sempre a pé. A minha mãe não conduzia. Nunca tirou a carta. Filas da Segurança Social, filas das Finanças, mercearias com fiado ou sem fiado. Rua. Bairro Santos Nicolau, Luísa Todi, Cús de Judas da cidade. Rua. Rua acima, rua abaixo. Como Setúbal. Rua. Atrás do prejuízo. Não havia mais dinheiro.

Luta diária. Rua! Mas sonhava muito. Sonhava. Entre as pedras da calçada pretas e as brancas. Ora pisava uma, ora outras. Rua.

Sara (*à direita de palco com luz de rua, enquanto salta à macaca. Os restantes permanecem nas marcações olhando os pés*): Rua. Rua que não é rua. É debaixo dos pés. E os pés... os pés cortados pelas cascas, o vermelho do sangue a imiscuir-se na água salgada. Rua. Que não é rua. Mas isso não importa nada, estamos na Caldeira e podemos tudo.

Patrícia: (*dirige-se para o alquidar com água*) Rua. Rua caminho, rua estrada, rua escada. Rua beco. Por baixo das pedras, a praia. Por baixo de Setúbal a água. Rua inundada. Não há escola! Rua inundada. Móveis a boiar! Ruas ribeiras!

Luz na mesa e ouve-se gravação. Saltamos entre zonas da cidade: “Ainda me lembro daquelas fogueiras, aquela fogueira grande, de saltar, nos Santos Populares, e de correremos os bairros de ponta a ponta da cidade.”

Rafaela (*durante a nomeação, as ruas tornam-se prolongamento para o corpo*): Rua Major Magalhães Mexia, Rua Dr. António Rodrigues Manito, Rua Dr. António Manuel Gamito, Rua Major Perestrelo da Conceição, Rua Tenente Jean Raymond, Rua Frei José da Purificação, Rua Engenheiro Henrique Cabeçadas. Ó Sr. Dr. Engenheiro Major Tenente Frei General! Segue-se a Av. De Angola, Rua de Benguela, Rua Cidade da Beira, Praceta da Cabinda, Praceta Ilha da Madeira, Av. De Moçambique, Praceta de Diu, Rua Cabo Verde... Agrupemos o 5º império para ele não se perder! (*dirigimo-nos para a mesa*)

Sara: E não esqueçamos as zonas santas — Rua de Santiago, Rua São Luís Gonzaga, Rua Nossa Sra. do Amparo, Rua de Nossa Sra. do Cais, Rua Sr. Jesus dos Navegantes, Rua do Sr. Jesus dos Aflitos, Rua de Nossa Sra. Carmo, Rua de São Luís, Rua Nossa Sra. Boa Viagem, Rua Santiago, Rua Nossa Sra. Arrábida, Rua São Jorge.

Clara: E a zona dos moluscos bivalves? E a zona astral? E a zona autónoma temporária? Também há a zona das mulheres?

Patrícia: Tens a maior avenida com um nome de mulher... Tens a Praça Dona Olga Morais Sarmento, Rua Dona Ana de Castro Osório, Rua Dona Gertrudes Ligeiro... Ah, a Rua da Dona Justa Rodrigues Pereira... Dona, dona, dona... Paula Borba?

João: Esse é Dr...

Rafaela: Lembram-se da senhora que conhecemos naquela colectividade?

Sara: O Casarão?

Rafaela: Sim! Que tinha jogado no primeiro clube feminino em Setúbal.

Patrícia: Era castiça...

Rafaela: Então, aqui inauguro a Travessa da Teresa Choca!

Patrícia, Sara e Rafa: Epah, à Travessa da Teresa Choca!

Clara: Antiga Travessa de Nenhures.

Olham com ar de espanto.

Patrícia, Sara e Rafa:
À Av. Luísa Todi!

Clara (*coloca braço em cima de actriz*): Antiga Rua da Praia.

Atrizes vão caindo à vez, em ritmo cada vez mais acelerado.

Patrícia, Sara e Rafa:
À Praça do Bocage!

Clara: Antigo Largo do Sapal...

Patrícia, Sara e Rafa:
Ao Largo de Jesus!

Clara: Antigo Sapal de Troino...
Antigo Rossio da Porta Barbuda.

Patrícia, Sara e Rafa: (*com estranheza*) À Avenida José Mourinho?

Clara: Antiga Rua da Saúde...

Patrícia, Sara e Rafa: (*com segurança*)
Ao Largo da Ribeira Velha!

Clara: Actual Largo Dr.
Francisco Soveral.

Patrícia, Sara e Rafa: (*com dúvida*)
Ao Parque Urbano de Albarquel?

Clara: Antiga Toca do Pai Lopes.

Patrícia, Sara e Rafa: (*com dúvida*) À Casa da Baía?

Clara: Antigo Recolhimento
da Soledade...

Patrícia, Sara e Rafa: À
Barbearia de José Quaresma!

Clara: Actual Tasca do Choco.

Patrícia, Sara e Rafa: (*com dúvida*) Ao Espaço Rio!

Clara: Antiga Pizza Hut... Antigo Café Central *(caem duas atrizes)*

Patrícia, Sara e Rafa:
Ao Círculo Cultural!

Clara: Actual Casa da Cultura...

Patrícia, Sara e Rafa: *(com dúvida)* Ao Moscatel Experience!

Clara: Antigo Café A Brasileira...

Patrícia, Sara e Rafa: Ao Bairro Grito do Povo!

Clara: Antigo bairro de barracas do Castelo Velho!

Patrícia, Sara e Rafa: À Quinta da Parvoíce!

Clara: Antiga Fábrica de Conservas Vasco da Gama!

Patrícia, Sara e Rafa: Ao Bairro Humberto Delgado!

Clara: Antigo Bairro Marcelo Caetano!

Patrícia, Sara e Rafa: Ao Bairro 25 de Abril!

Clara: Antigo Bairro Salazar!

Patrícia, Sara e Rafa: *(com dúvida)*
À Av. São Francisco Xavier

Clara: Antigo Ribeiro dos Olhos d'água

Patrícia, Sara e Rafa: A Tróia!

Clara: Actual Tróia Resort

Patrícia, Sara e Rafa: À Comenda!

Clara: Actual Arqueosítio

Com as atrizes já no chão, Clara pega numa perna, cabeça ou braço de cada uma e enunciando: “Vender, não vender, vender, não vender”. Começa-se a ouvir a música do João.

Por trás vemos projectados vídeos das Torres de Tróia que são demolidas para dar lugar a novos edifícios em loop. Intercalar com frames rápidos da pedreira da Secil ou outra pedreira e da areia a sair da draga. Atrizes tentam levantar-se em resistência no chão.

João (música):

Em tempos na minha pele
veados vinham brincar
fizeram de mim couteiro
de caça junto do mar

Escavaram a minha carne
Os meus ossos mastigaram
desplantaram-se os carrascos
e o corpo em pó me deixaram

Fui feita propriedade
De arames me coroaram
Para decorar os palácios
Que as vedações apartaram

Clara (*em cima da mesa, pigarreia*): Setúbal: “[...] He húa das maiores & mais assinaladas villas de Portugal, por causa do seu porto formado do rio Cadão que ali entra no Oceano & de húa língua de terra que o Mar há estreirado [...]” João Baptista Lavanha, Viagem da Catholica Real Magestado del Rey D. Filippe II N.S. no Reino de Portugal, 1622

Olá! Aqui estamos nós de novo, não é? Ainda não nos apresentámos formalmente. (*retira o blazer do estendal*) Eu hoje, estou aqui de blazer para inaugurar uma nova Setúbal, porque é isso que as pessoas de blazer fazem, não é? Depois de termos realizado empreendimentos e vendas de sucesso como Tróia, o Convento de Jesus, a Comenda ou até o Fórum Municipal Luísa Todí, hoje... queremos voltar a pôr Setúbal no mapa. Hoje, vamos vender Setúbal! (*Começam a surgir postais intercalados com imagens de bairros da lata, notícias da compra Herdade da Comenda, ou subida dos preços dos bilhetes dos ferries para Tróia.*)

Setúbal está agora preparado para ser verdadeiramente um mundo. Todo o mercado imobiliário, nacional e internacional, digladia-se por um pedaço desta gema à beira-mar plantada. A memória industrial, tal qual uma Manchester portuguesa, será unida à paisagem idílica da nossa baía, rivalizando com qualquer Côte d’Azur. Como nos dizia o nosso querido Hans Christian Andersen, já em 1866, “Em breve temos à nossa frente Setúbal, a St. Yves dos ingleses.”

E não esqueçamos que em Setúbal também se respira História (*Ouve-se João no microfone “terra respirável”*) ruínas romanas por baixo dos nossos pés, muralhas medievais à nossa volta e um forte filipino a olhar por nós!

Já que falámos tanto de memória e História, o que é isso afinal? Não podemos nós escolher como recordar os espaços? Ninguém falou em apagar, mas sim dar uma nova vida, uma outra cara... mais alegre, mais fresca! (*Actrizes chegam à boca de cena*) Todo este amor a uma cidade não engana. (*Ouve-se João ao microfone: “que amor não me engana”.*)

Todos os bairros acolherão tão docemente estas memórias, que serão apreciadas por quem nos visita. Assim, nestes bairros modernizados, poderemos não apenas dormir em antigas casas de pescadores, mas aproveitar o brunch de domingo na

presença de um deles em novos spots renovados, tabernas que ganham agora uma nova roupagem! Tabernas com cheiro a vinagre e óleo de fritar bifanas de três dias terão agora o seu chão e paredes lavados. Teremos espaços respiráveis para todos!

Ouve-se João no microfone “terra respirável, todo o chão será floresta”. Corpos das atrizes começam a renascer.

Até o choco frito terá outra apresentação para agradar ao palato mais subtil, choco em redução de laranja, choco confitado em caramelo, choco fumado com algas marinhas.

E a praia? E os espaços naturais, perguntam vocês? Nesta cidade que é conhecida pela sua baía, e onde Ramalho Órtigão nos disse que: “A praia é uma das mais vastas e das melhores do paiz. Os subúrbios são dos mais interessantes que pôde apetercer o touriste, o archeologo, o naturalista.”

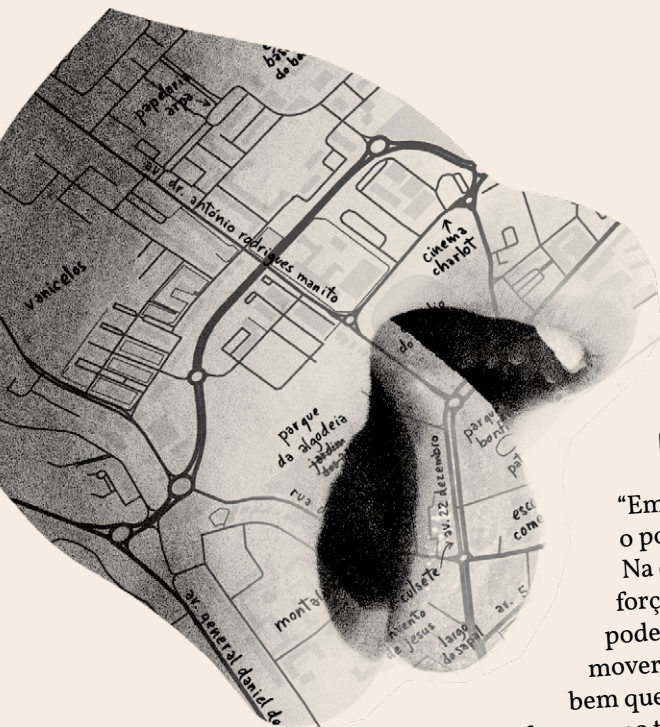
Todos os planos que temos para esta cidade serra e cidade rio, contribuem para a conservação, preservação da natureza local e sustentabilidade controlando o crescimento selvagem e mantendo o ordenamento do território. Temos a nosso lado uma equipa de especialistas, que nos acompanham em todos os estudos necessários, evitando qualquer possível dano a estas zonas tão frágeis.

Mas, claro está, não esquecendo nunca a criação de novos postos de trabalho, desenvolvendo áreas como a indústria, o turismo e hotelaria, e até o sector da pesca. Temos em atenção tudo o que nos é comum, para produzir o que é comum!

Ouve-se João no microfone “Comum é unidade”.

Atrizes erguem-se sentadas e tapam os ouvidos. Olham para o João e para a Clara e reparam que já não a ouvem, embora ela continue a falar sem som...

Atrizes descem para a plateia pela boca de cena e apanham as cestas de piquenique enquanto perguntam umas às outras “Trouxeste o vinho?”, “Trouxeste o pão?”. Convidamos o público a sair com o mesmo convite, preparamos a mesa lá fora para brindarmos em conjunto.



Equipa

Clara Passarinho

“Em Setúbal aprendi o poder da palavra. Na escola aprendi a força que a oratória pode ter no que toca a mover massas. Aprendi o bem que as palavras podem fazer como também aprendi que usadas com más intenções podem ter efeitos catastróficos. Lembro-me de fazer os meus primeiros discursos políticos no liceu, verbalizar as minhas primeiras intenções reais para o futuro, participar nos meus primeiros debates, ... Foi aqui que decidi que queria ser atriz. Falo muito e sorrio muito também e, sem dúvida, que foi nesta terra junto ao rio que pratiquei muito ambas as artes.”

A Clara é estudante de Teatro na ESTC e está a estagiar no Teatro Estúdio Fontenova. É uma das criadoras e intérpretes de “à flor das águas”.

Emídio Buchinho

Emídio Buchinho é músico, sonoplasta e professor de Som e Música para Cinema, Audiovisual e Multimédia na ESTC-IPL - Escola Superior de Teatro e Cinema e na ESCS-IPL - Escola Superior de Comunicação Social. Licenciou-se em Cinema com especialização em Som e é doutorando na Universidade Católica do Porto. Colaborou em concertos e performances com diversos músicos nacionais e internacionais. Trabalha em composição musical, e engenharia de som para teatro, cinema, televisão e outros, a nível nacional e internacional, tendo colaborado diversas vezes com o Teatro Estúdio Fontenova. É dele a paisagem sonora de “à flor das águas”.

Graziela Dias

“Setúbal toda ela habita em mim, aqui nasci, aqui me fiz mulher, aqui fui mãe, aqui nasceu em mim este “Amor Teatro”.

Há um espaço que permanece em mim cheio de tantas e tantas memórias... Esse espaço é o Círculo Cultural de Setúbal. Memórias boas e memórias menos boas. Foi ali a minha grande escola da vida.

Há momentos que não dá para esquecer: aquele telefonema que fiz para a Natércia Campos em que ao terminá-lo tive de fechar a porta do Círculo e sair para a rua e sentir o vento na cara como que um dar-lhe essa liberdade, essa rua, esse ar livre que ela naquele momento não tinha.

Momentos de fraternas partilhas naquele bar do Círculo, entre música e açordas depois de muitos dos eventos terminarem. Como não lembrar aquele Grande Homem, o mais jovem de nós todos, o nosso Dimas, e as suas histórias e o seu acordeão.

Um despejo decretado em tribunal que ainda hoje não entendo. Anos e anos que não conseguia passar à porta do Círculo. Havia um mal estar, mas essa ferida já cicatrizou. A vida é feita de memórias mapeadas no meu corpo, na minha carne, nos meus ossos, nas minhas veias, nos meus órgãos, e que ficam impregnadas em mim e irão comigo quando fizer a minha última viagem.”

A Graziela é actriz e directora de produção no Teatro Estúdio Fontenova. É ela que faz muito do trabalho de produção, imprescindível para pôr este e outros espectáculos de pé. Em “à flor das águas” vão ouvir gravações da sua voz.



José Maria Dias

“No dia em que fui pela primeira vez à praia, tinha os meus cinco anos. Fiquei de tal forma deslumbrado, com tudo o que me rodeava, que me perdi dos meus tios. Era uma imensidão de água, que nunca tinha visto, e melhor ainda, tinha muita gente despida dentro. Os meus tios distraíram-se na procura do sítio onde montar a tenda que ia ficar, durante três meses, na praia e eu fui andando areia a fora, olhando para tudo... era muita informação. Fiquei deambulando, segundo informação dos meus tios mais tarde, durante duas horas. Durante esse tempo, os meus tios e primos e muitos amigos procuravam pela praia e já desesperados voltaram para a tenda. E espanto dos espantos, o pequeno Zé Maria brincava na areia junto à tenda dos meus tios. Conclusão o Zé Maria, a partir desse dia, começou a brincar preso por um cordel à tenda. Claro que estamos a falar da praia de Tróia que, na altura e durante e muitos anos depois, foi a praia do povo e de Setúbal.”

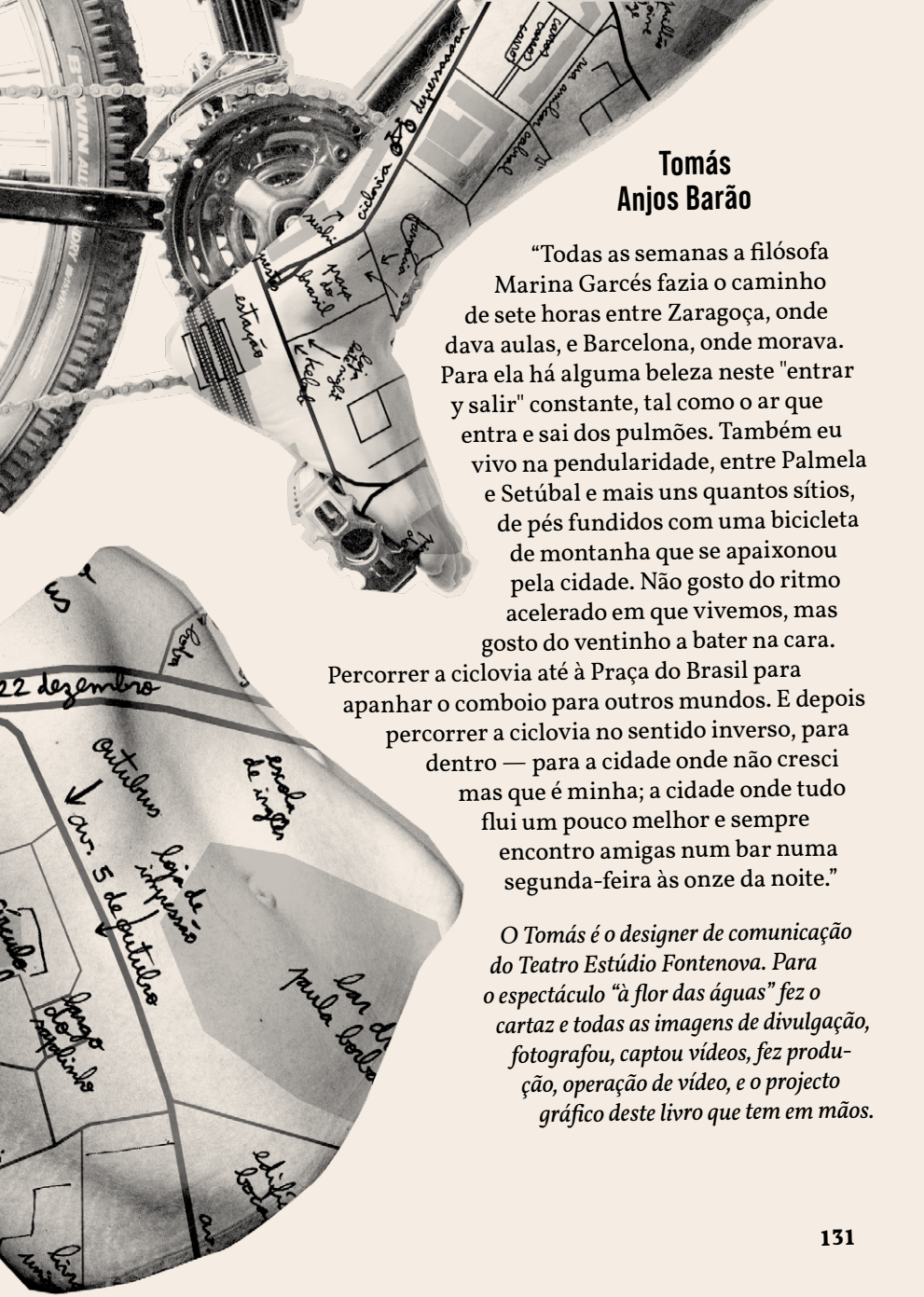
O Zé é o director artístico do Teatro Estúdio Fontenova. No espectáculo “à flor das águas” encarregou-se do desenho de luz.

Rosa Dias

“Os meus pulmões explodiam mas as minhas pernas pediam mais. Jogar à apanhada na Praça do Bocage e mais tarde, porque esta já nos parecia pequena, pelas ruas da baixa. Pernas para que te quero, calcorreando as ruas estreitas e sinuosas da cidade. Primeiras memórias de liberdade. Andar. Andar a caminho da casa dos avós em Montalvão. A pé para casa no Pote D'Água porque perdera o autocarro e de lá correr para a escola Comercial porque chegava mais rápido. Andar à torreira do sol para apanhar o barco para Tróia ou a caminho de Albarquel. Passear pelas ruas alagadas pelo dilúvio de mil novecentos e noventa e qualquer coisa. Apressar-me para ir apanhar o autocarro, e mais tarde o comboio, para ir estudar para Lisboa. Voltar, em passo rápido e forçado pelo cansaço, a casa para descansar. De Montalvão até à Quinta Alves da Silva, para trabalhar, até à Avenida Luísa Todi para me divertir, até ao Bairro do Liceu para namorar, até à beira mar para contemplar.

Tempo houve em que as pernas eram ruas calçadas e por vezes descalças, que me levavam onde se constroem as memórias. Havia um caminho da casa dos meus avós à preparatória, que o meu avô me ensinou. Um atalho, feito para andar. Mato no centro da cidade. Hoje já não existe. Já dizia o trovador: ‘Só se lembra dos caminhos velhos, quem tem saudades da terra.’”

*A Rosa é actriz e encenadora no Teatro Estúdio Fontenova.
Em “à flor das águas” encarregou-se da direcção de actrizes,
dando o olhar externo sem o qual nada se cose,
e fez também desenho de luz.*



Tomás Anjos Barão

“Todas as semanas a filósofa Marina Garcés fazia o caminho de sete horas entre Zaragoza, onde dava aulas, e Barcelona, onde morava. Para ela há alguma beleza neste “entrar y salir” constante, tal como o ar que entra e sai dos pulmões. Também eu vivo na pendularidade, entre Palmela e Setúbal e mais uns quantos sítios, de pés fundidos com uma bicicleta de montanha que se apaixonou pela cidade. Não gosto do ritmo acelerado em que vivemos, mas gosto do ventinho a bater na cara. Percorrer a ciclovia até à Praça do Brasil para apanhar o comboio para outros mundos. E depois percorrer a ciclovia no sentido inverso, para dentro — para a cidade onde não cresci mas que é minha; a cidade onde tudo flui um pouco melhor e sempre encontro amigas num bar numa segunda-feira às onze da noite.”

O Tomás é o designer de comunicação do Teatro Estúdio Fontenova. Para o espectáculo “à flor das águas” fez o cartaz e todas as imagens de divulgação, fotografou, captou vídeos, fez produção, operação de vídeo, e o projecto gráfico deste livro que tem em mãos.

131

Percorrer a ciclovia até à Praça do Brasil para apanhar o comboio para outros mundos. E depois percorrer a ciclovia no sentido inverso, para dentro — para a cidade onde não cresci mas que é minha; a cidade onde tudo flui um pouco melhor e sempre encontro amigas num bar numa segunda-feira às onze da noite.”

[illegible]



Vanessa Iglésias Amorim

“Outão. Algures no Verão de 1995 ou 1996. Estas são as coordenadas da minha memória mais recuada. Enquanto brincava na rua com os meus irmãos, na zona do Quebedo, parti o pé. Do Quebedo fui para o Hospital, do Hospital para o Outão. Não sei quantos dias lá passei, foram demasiados para uma criança de três ou quatro anos. Só me recordo do calor, do incómodo do gesso e das visitas dos meus irmãos. Chegavam, davam-me um beijo e corriam para a praia. E eu, sem poder correr, ia vagarosamente para

a varanda vê-los entre mergulhos e brincadeiras. Ficava triste por não poder fazer o mesmo, mas rapidamente a tristeza passava quando acenavam e sorriam para mim. Hoje, pensando neste episódio, apercebo-me que eram apenas crianças que estavam a usufruir de uma praia deserta numa zona à qual habitualmente não tinham acesso.”

A Vanessa é antropóloga no CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia. Pôs a sua investigação ao serviço da arte e da população em “A Casa de Emília”, espectáculo do Teatro Estúdio Fontenova estreado em 2020. Dois anos depois volta a trabalhar connosco e a estudar a sua cidade, em “à flor das águas”.

Yael Karavan

Yael Karavan é intérprete, bailarina e encenadora premiada, tendo trabalhado um pouco por toda a Europa, Japão, Brasil e Israel e estudado com mestres de teatro físico como Philippe Genty, Phillipe Gaulier, Ricardo Puccetti, entre outros, e mestres de Butoh como Kazuo Ohno, Tadashi Endo, Carlotta Ikeda, etc. Cruza elementos de dança, mimo, teatro físico e visual. Em 2009 funda o The Karavan Ensemble. Em “à flor das águas” a Yael deu apoio à fisicalidade e coreografou alguns momentos do espectáculo.

Zé Nova

O Zé é ilustrador e figurinista, e é principalmente de tecidos, linhas, cores e texturas que se tem feito a sua contribuição para as produções do Teatro Estúdio Fontenova, vestindo as personagens em espectáculos como “Oro8orO”, “O Homúnculo”, “Ah! Minha Dinamene!”, “Orlando”, “MATA” e, agora, “à flor das águas”.

à flor das águas

Sinopse

Questionamos como a cidade se integra na nossa cartografia corporal? Quais são as memórias de lugar, que histórias tece cada espaço e cada vivência? Onde estão e como se estabelecem centros, limites, periferias e fronteiras? Como circulamos e vivemos a cidade? De que forma olhamos e cuidamos os espaços naturais, como são planeados em espaço urbano?

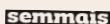
Que amor existe a uma cidade, a um espaço natural, de que forma é que este amor resiste e renasce em interdependência e comunidade?

Estreia

6-15 Maio 2022

Fórum Municipal Luísa Todi

Quarta a sábado às 21h, domingos às 16h.



Ficha artística

COORDENAÇÃO DE PROJECTO

Patrícia Pereira Paixão

CRIAÇÃO

Clara Passarinho, João Mota,
Patrícia Pereira Paixão,
Rafaela Bidarra, Rosa Dias,
Sara Túbio Costa

INTERPRETAÇÃO

Clara Passarinho, João Mota,
Patrícia Pereira Paixão,
Rafaela Bidarra, Sara Túbio Costa,
Graziela Dias (voz-off)

CRIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO MUSICAL

João Mota

DIRECÇÃO DE ACTRIZES

Rosa Dias

APOIO À FISICALIDADE E COREOGRAFIA

Yael Karavan

INVESTIGAÇÃO E DRAMATURGIA

Patrícia Paixão e
Vanessa Iglésias Amorim

SONOPLASTIA

Emídio Buchinho

VOZ OFF (CONVERSAS FIADEIRAS)

Dora Mira, Manuela Pinto,
Teresa Choca, Sílvia Diogo

FIGURINISTA

Zé Nova

DESENHO DE LUZ

José Maria Dias e Rosa Dias

LUMINOTECNIA

Rui Alves

IMAGEM, DESIGN DE COMUNICAÇÃO, VÍDEO E APOIO À PRODUÇÃO

Tomás Anjos Barão

PRODUÇÃO E COMUNICAÇÃO

Graziela Dias

FOTOGRAFIA

Helena Tomás, Bere Cruz,
Inês Monteiro Pires

CAPTAÇÃO DE VÍDEO

Bere Cruz

VÍDEO E APOIO À PRODUÇÃO

Carolina Fernandes (Estágio ESE-IPS)

AGRADECIMENTOS

Fátima Ribeiro de Medeiros, LASA -
Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão,
Docapesca - Portos e Lotas, Salinas
do Samouco, Casa Ermelinda Freitas,
União Setubalense e todas as pessoas
que se têm juntado a nós nas conversas
e contribuído para este processo.

DURAÇÃO APROXIMADA

80 min

CLASSIFICAÇÃO

M/12

O Teatro Estúdio Fontenova é uma
estrutura financiada pela República
Portuguesa – Ministério da Cultura
/ Direção-Geral das Artes e pelo
Município de Setúbal, e associada da
PerformArt e d'A Descampado.

